aluizio fontenelle

a umbanda através dos séculos

EDITÔRA ESPIRITUALISTA

Este livro está constituído de uma parte teórica e outra prática.

Na primeira, composta de dez capítulos, o autor expõe as suas teorias e os seus conceitos sobre a estrutura e a evolução, através dos seculos da Lei de Umbanda, na sua concepção a mais perfeita e sublime ideologia religiosa.

Na segunda parte, também constituída de dez capítulos, são dadas valiosas e interessantes explicações sobre as práticas umbandistas e seus rituais.

1952

A UMBANDA ATRAVÉS DOS SÉCULOS

Alexandre de O. Cumino

ALUIZIO FONTENELLE

A Umbanda Através dos Séculos

5ª EDIÇÃO

Editora Espiritualista, Ltda.
20211 Rua Frei Caneca, 19 — ZC-14
Caixa Postal 7.041 — ZC-58
Rio de Janeiro — RJ

Rio de Janeiro, RJ — 02818

PARTE TEÓRICA

Caps.

PARTE PRÁTICA

ALUIZIO FONTENELLE

* *23 MAIO 1913 — † 3 JANEIRO 1952*

À minha querida esposa, HELENA NOVAL FONTENELLE DA SILVA, companheira inseparável de todos os momentos, a minha sincera homenagem.

ALUÍZIO FONTENELLE

IRMÃO!...

MEDITA DEMORADAMENTE SOBRE A TUA CONDIÇÃO DE ENTE HUMANO, E PROCURA CONHECER A RAZÃO DE SER DOS TEUS INÚMEROS SOFRIMENTOS. ACOMPANHA A EVOLUÇÃO DA MAIS PERFEITA IDEOLOGIA RELIGIOSA QUE *É A UMBANDA*, E VERÁS QUE OS TEUS TEMORES SE DISSIPARÃO, QUANDO TOMARES CONHECIMENTO DO MUNDO ESPIRITUAL, ONDE OS BONDOSOS *ORIXÁS* TE MOSTRARÃO A SUBLIMIDADE DAS *LEIS DIVINAS*, DANDO-TE FORÇA PARA SUPORTARES COM A RESIGNAÇÃO DOS FORTES, OS MAIS ATROZES PADECIMENTOS MORAIS, MATERIAIS E ESPIRITUAIS.

VEM...

A *UMBANDA REDENTORA* E AMIGA TE ESPERA!...

1.º VOLUME

PARTE TEÓRICA

Capítulo I

A RAZÃO DE SER DESTE LIVRO

Pelo muito que tenho ouvido falar; pelas observações feitas durante longos anos de trabalho como praticante da SEITA; e, sobretudo, pelo que tenho lido sobre a UMBANDA e seus propósitos; querendo combater de uma maneira pode-se dizer acintosa, as inverdades que não só se praticam, como também, se espalham através de livros e panfletos que tratam dessa intrincada matéria, foi o que me levou a publicar esta obra, na qual venho de público, demonstrar cientificamente e dentro da mais perfeita concordância em face à TEOGONIA RELIGIOSA, que a UMBANDA, é a única religião que sobre a face da terra tem a autoridade suficiente para falar e tratar das COUSAS DIVINAS.

Ao me referir ao termo UMBANDA, quero enquadrar todo aquele que, contra ela se manifesta, seja desta ou daquela religião, e, digamos mesmo, em face ao *Ecletismo Universal.*

Na alta concordância das religiões, quando aprofundamos a matéria ao âmago da sua criação, verificamos que todos os caminhos provêm de uma única fonte, e que, a UMBANDA, é a razão de ser de todas as religiões.

Embora pareça-nos um tanto irrisória essa afirmativa, estou convicto de ser essa uma verdade; e, como

não pode haver dúvidas quando se afirma categoricamente que uma determinada teoria é ou não verdadeira, nada mais fácil para mim se torna, do que provar-lhes o que acima foi dito.

Dessa maneira, desejo que fique bem patente tudo o que acabei de expor, pois, a partir deste momento vou deitar por terra e discordar por completo, de todas as teorias e conceitos que da Umbanda fizeram e fazem não só certos Umbandistas, como também aqueles que, desconhecendo a sua verdadeira origem, julgam-na uma religião de idiotas, de obsedados, enfim, de indivíduos deslassificados e sem princípios, para os quais só interessa o bem estar e os prazeres da vida mundana, pouco se importando que provenham desta ou daquela forma.

Por este motivo, vem à luz do público, a primeira obra doutrinária e filosófica, escrita nos moldes das Academias, para que aqueles que se julgam aptos a combatê-la, tenham a hombridade de o fazer, em face da presente exposição, a qual não comporta a dubiedade de interpretações nem as falsas demagogias religiosas.

Em retrospecto a um passado de lutas, quero demonstrar também que estou a cavaleiro da situação, pois, obras de minha lavra já se espalham pelo Brasil a fora, e quiçá, além das fronteiras da Pátria, onde demonstro de modo claro e insofismável, que aquela mesma Umbanda cujos véus venho hoje rasgar, já possuía sobre ela a autoridade de dirigente:

Ao serem elaboradas as obras: "O ESPIRITISMO NO CONCEITO DAS RELIGIÕES E A LEI DE UMBANDA", e "EXU", ambas de minha autoria, quis apenas demonstrar de público, na primeira, o perfeito conhecimento que, eu possuía dessa Umbanda comum que se pratica na quase totalidade dos terreiros no Brasil, para lançar uma obra que servisse como atualmente serve, de "VADEMECUM" a todos quantos, iniciando-se nessas práticas religiosas, não tenham tido a felicidade de pe-

netrar nas escolas onde a Umbanda fosse encarada sob o ponto de vista científico e doutrinário.

Na segunda, já a minha finalidade foi a de arrastar aos que têm o desejo real de encarar a Umbanda como religião, apontando-lhes aquilo que de sublime e de superior existe por detrás do que o vulgo, sem base e sem cultura, costuma apelidar de MACUMBAS, FEITIÇARIAS, etc.

Nesta obra, você poderá muito bem compreender o porque da sua sublimidade, uma vez que, não faço mistérios e nem tão pouco crio dogmas sobre a verdade que de fato existe, e que o passado dos séculos atesta.

Prossigamos então na obra iniciada, e no capítulo seguinte, vejamos como entendo a Umbanda, segundo a minha própria opinião, e quiçá, a opinião daqueles que realmente conhecem profundamente essa concepção religiosa, que é sublime em todos os seus pontos de vista.

CAPÍTULO II

O QUE SIGNIFICA A PALAVRA UMBANDA

A palavra UMBANDA, significa: NA LUZ DE DEUS, ou ainda, etimologicamente falando: LUZ DIVINA.

Na Luz de Deus, é um termo por mim concebido por analogia, uma vez que LUZ DIVINA, é a tradução correta da palavra UMBANDA, compilada do original em PALLI (*), na qual foram escritas as SAGRADAS ESCRITURAS e que no seu GÊNESIS já vem demonstrando que a Bíblia, na mesma parte referida, nada mais é do que a tradução incorreta do *Palli* para o *Hebraico* (como podemos ver dentro do próprio Gênesis) e que vejamos então:

Diz a Bíblia:

Gênesis:

1 — ASSIM os Céus, e a terra e todo o seu exército foram acabados.

2 — E havendo Deus acabado no dia sétimo a sua obra, que tinha feito, descansou no sétimo dia de toda a sua obra, que tinha feito.

(*) Palli: — primeira língua falada no Oriente Médio, e que suas mais remotas indicações são comprovadas através de qualquer tratado científico sobre a história da Índia, Egito e África.

3 — E abençoou Deus o dia sétimo, e o santificou; porque nele descansou de toda a sua obra, que Deus criara e fizera.

A FORMAÇÃO DO JARDIM DO EDEN

4 — Estas são as origens dos céus e da terra, quando foram criados: no dia em que o Senhor Deus fez a terra e os céus:

5 — E toda a planta do campo que ainda não estava na terra, e toda a erva do campo que ainda não brotava; porque ainda o Senhor Deus não tinha feito chover sobre a terra, e não havia homem para lavrar a terra.

6 — Um vapor, porém, subia da terra, e regava toda face da terra.

7 — E formou o Senhor Deus o homem do pó da terra, e soprou em seus narizes o fôlego da vida: e o homem foi feito alma vivente.

8 — E plantou o Senhor Deus um jardim no Eden, da banda do Oriente: e pôs ali o homem que tinha formado.

9 — E o Senhor Deus fez brotar da terra toda a árvore agradável à vista, e boa para comida: e a árvore da vida no meio do jardim, e a árvore da ciência do bem e do mal.

10 — E saía um rio do Eden para regar o jardim; e dali se dividia e se tornava em quatro cabeças.

11 — O nome do primeiro é Pison; este é o que rodeia toda a terra de Havilá, onde há ouro.

12 — E o ouro dessa terra é bom: ali há o bdélio, e a pedra sardônica.

13 — E o nome do segundo rio é Gibon: este é o que rodeia toda a terra de Cush.

14 — E o nome do terceiro rio é Hiddekel. Este é o que vai para a banda do oriente da Assíria: e o quarto rio é o Eufrates.
15 — E tomou o Senhor Deus o homem, e o pôs no jardim do Eden para o lavrar e o guardar.
16 — E ordenou o Senhor Deus ao homem, dizendo: De toda a árvore do jardim comerás livremente.
17 — Mas da árvore da ciência do bem e do mal, dela não comerás; porque no dia em que dela comeres, certamente morrerás.

COMO DEUS CRIOU A MULHER

18 — E disse o Senhor Deus: Não é bom que o homem esteja só: far-lhe-ei uma ajudadora que esteja como diante dele.
19 — Havendo pois o Senhor Deus formado da terra todo o animal do campo, e toda a ave dos céus, os trouxe a Adão, para este ver como lhes chamaria; e tudo o que Adão chamou a toda a alma vivente, isso foi o seu nome.
20 — E Adão pôs os nomes a todo o gado, e às aves dos céus, e a toda a besta do campo; mas para o homem não se achava ajudadora que estivesse como diante dele.
21 — Então o Senhor Deus fez cair um sono pesado sobre Adão, e este adormeceu: e tomou uma das suas costelas, e cerrou a carne em seu lugar.
22 — E da costela que o Senhor Deus tomou do homem, formou uma mulher; e trouxe-a a Adão.
23 — E disse Adão: Esta é agora osso dos meus ossos, e carne da minha carne: esta será chamada varoa, porquanto do varão foi tomada.
24 — Portanto deixará o varão o seu pai e a sua mãe, e apegar-se-á à sua mulher, e serão ambos uma carne.

25 — E ambos estavam nus, o homem e sua mulher; e não se envergonhavam.

O mesmo *Gênesis*, porém no seu original em *Palli*: E Deus criou Adima e Eva, entregando-lhes uma parte da terra que lhes era especialmente destinada e que se chamava EDEN, fazendo-lhes no entanto a terminante proibição de verificar o que existia fora daquelas fronteiras estabelecidas, dizendo-lhes apenas que, aquilo pertencia aos Exus.

Cumpre-me esclarecer, que o termo ADÃO foi copiado por analogia do seu original em Palli "ADIMA", e que subentende-se esta analogia, uma vez que no hebraico, a pronúncia do "i" aberto, é feita com bastante dificuldade, o que podemos verificar para maior concordância de minhas palavras, através do alfabeto hebraico, onde todas as letras cuja pronúncia corresponde ao "i" empregado na língua Latina ou Nórdica, é substituído por acentos especiais que lhe emprestam o som gutural.

Esclareço ainda, que o termo EXU, pertence ao original *Palli*, bem como ao original *hebraico*, tendo a significação de: "POVOS".

Cumpre notar que esa significação de "EXU" é empregada especialmente para significar um povo menos protegido, isto na concepção atual desse mesmo termo, empregado presentemente nas *Umbandas*, que distinguem essas entidades, como espíritos afeitos ao mal, e, que naquela época referia-se a eles, porém, como espíritos em estado embrionário de formação.

Voltando ainda ao que diz o *Gênesis* no seu original em *Palli*, sabemos que:

Tendo no entanto *Adima* o desejo de conhecer o que era a vida fora daquelas fronteiras, convidou *Eva* para fazê-lo, ao que ela, receosa procurou mostrar a *Adima* que se assim o fizessem, atrairiam sobre si, a ira do Se-

nhor, porém, acabando em perfeita harmonia de idéias, acompanhou seu companheiro *Adima*, na perigosa travessia...

E neste mesmo instante, abrem-se os céus, descendo "VINÚS",(*) e transmitem-lhes a palavra do Criador, que foi assim pronunciada: "TURIM EVEI, TUMIM UMBANDA, DARMÓS".

Por analogia, e por não poder absolutamente dar a tradução perfeita dessa frase, devido a que essas palavras representam um segredo de alta iniciação, o qual é dado a conhecer àqueles que possuem o grau de sacerdotes, por se tratar de alta magia, vou no entanto traduzi-las da seguinte maneira:

"Por ordem de Deus é dado o teu destino..."

"Multiplicai-vos pois, e uma vez que transgredistes os seus mandamentos, tereis agora em encarnações sucessivas, o aperfeiçoamento da alma, até ganhardes de novo o REINO DA GLÓRIA.

"Baixou sobre a face da terra, a luz da Umbanda."

E desta forma, podemos verificar que, sendo o *Genesis* escrito há mais de 15 mil anos, pois, até esta data foi transmitido segundo a própria lei pelo sistema da *Kabbalah*, o que impossível se torna determinar-se a data da sua compilação, mas que, subentende-se facilmente ser anterior ao primeiro livro de *Moysés*.

Segundo a Bíblia, Moysés subiu ao monte *Sinai*, para receber de Deus as *Tábuas da Lei*, que reunia em si os dez mandamentos; no entanto, no original escrito em *Palli*, esses mesmos mandamentos já eram conhecidos milhares de anos antes do advento do próprio Moysés, e outrossim, só nos foram dados a conhecer, através dos

---

(*) **Vinús** — na terminologia Palli, significa: Espíritos Puros, segundas pessoas de Deus, e por analogia, subentende-se como EMMANUEL, e, que na religião católica é denominado por Jesus Cristo.

manuscritos hebraicos, deixados por Ahrão, e hoje traduzidos em diversas línguas.

Ao fazer essas comparações, quero mostrar ao distinto leitor que, antes de existir a Bíblia, já existia muita coisa escrita sobre a mesma matéria, em diversas línguas, e que, divergindo essas teorias sob múltiplos aspectos, deu origem à criação de inúmeras religiões, muitas das quais ainda hoje existem espalhadas pelo mundo inteiro.

Da própria Bíblia, surgiram duas religiões distintas: a BATISTA e a CATÓLICA APOSTÓLICA ROMANA; sendo que esta última tomou um maior incremento, dividindo a opinião dos povos, sendo que no Brasil, dada a nossa formação social, ela é a religião predominante, devendo-se isto tudo ao poderio do TRIBUNAL DA INQUISIÇÃO, que dominou intensamente a velha Europa, e que, forçou-nos a adotá-la inteiramente, porque outra não foi a nossa concepção e instrução religiosa.

Após ter o leitor tomado conhecimento de que existe algo mais antigo que a Bíblia, e o que, a esse respeito foi escrito, está compilado em uma língua hoje morta, por forças das circunstâncias, mas, que naquelas eras, predominou de modo total, sendo que ainda nos nossos dias, pelos avançados estudos de letras clássicas que fazemos através das Universidades nas Faculdades de Filosofia, é que podemos determinar que do SÂNSCRITO originaram-se quase todos os atuais idiomas. Chegamos também à conclusão de que, esta língua mater, teve origem em um passado remoto do idioma *Palli*, e que, posso sem nenhum receio de errar, afirmar que, se o *Palli* já se perde na poeira dos séculos, a palavra UMBANDA também se perde, pois, no Gênesis dos "VEDAS", ela é pronunciada pelo VERBO DIVINO.

Pelo exposto, quero completar aqui, que a palavra UMBANDA, foi pronunciada pela primeira vez, quando pela primeira vez o homem transgrediu a LEI DIVINA.

Portanto, lógico se torna a minha afirmativa em dizer-vos que, a UMBANDA veio ao mundo, quando o mundo entrou na sua primeira formação social, isto é: quando na terra apareceu o primeiro casal que foi ADÃO e EVA.

Acontece porém, que a maioria daqueles que se dispõem a escrever ou mesmo comentar sobre o termo UMBANDA, em seu princípio etimológico, pecam pela base, ao afirmarem que a Umbanda nos foi trazida pelos escravos africanos que aqui aportaram nos meados do Século XVI, quando nem ao menos se lembram de que uns pobres escravos, sem a menor formação de cultura, e, praticando algo que nada de semelhante existe no que se pratica atualmente nessa seita, pudessem interferir na concepção de um povo já algo mais adiantado e mais esclarecido, uma vez que, a estes pobres escravos, era-lhes negado até o direito de viver, quanto mais, de ditar regras religiosas a uma nação que cambaleante tentava dar os seus primeiros passos de progresso.

Lavro aqui no entanto, o meu preito de gratidão a esses heróis anônimos, que com o suor de suas faces, e muitas vezes vergastados aos rudes golpes dos chicotes, e atados aos pelourinhos, constituíram os alicerces de uma nação que hoje desfruta das honras de pertencer ao conclave de nações que formam o poderio universal.

Quero deixar patente também, que, respeito e acato as suas concepções religiosas, que, embora afastadas em grande parte da realidade, não deixam de ser no entanto, na sua forma empírica, uma prática da ciência espírita; mas, quero também lembrar ao meu prezado leitor que, aquilo que os escravos africanos importaram do continente negro, foi o que se denomina de "CANDOBLÉ", e agora: falando a esses escritores e BABALAÔS DE ORIXÁ que por aí pululam aos montes, tentando deturpar e fazer confusão da verdade, que, quando falarem ou escreverem no sentido etimológico de um termo, lembrem-se primeiro da grande fórmula científica que diz: — nenhum termo análogo pode ser formado, quando na concordância direta não exista a concordância dos princípios; o que quer dizer claramente: não existindo na língua africana e em nenhum dos dialetos negros existentes no mundo, a palavra UMBANDA, foi por esses escritores, e Babalaôs de Orixá, formada a analogia do que os escravos pronunciavam AMBEQUERÊ-KIBANDA, que significa: *Grande Curandeiro*, e que esses mesmos senhores querem tornar análogo à palavra UMBANDA, como uma variação ou defeito de linguagem.

Pelo exposto, pode-se facilmente verificar que, não existindo numa língua uma determinada palavra, como pode a essa mesma língua, ser atribuída a paternidade do termo?

Entretanto, como a finalidade desta obra, é mostrar ao mundo o que de verdadeiro existe na concepção desta religião, que uns classificam de ESPIRITISMO, outros de MAGIA BRANCA, e a maioria chama de UMBANDA, misturando-a de todos os modos, e procurando interpretá-la de todas as maneiras; vou em continuação a este capítulo, discernir de um modo claro e eficiente, todos os seus porquês, a sua evolução através dos séculos, desde os princípios da formação do mundo, da era *kardecista*, do *candoblé*, e, finalmente, até os nossos dias atuais, onde o homem procura adaptá-la à era progressista que atualmente atravessamos, embora incorrendo em grave erro por desconhecer integralmente a sua verdadeira finalidade, a sua verdadeira origem, os seus verdadeiros rituais, etc.

A esses mesmos homens a quem foi dado o direito de descobrir a síntese das maiores maravilhas que vêm beneficiando a humanidade, inclusive a desintegração do ÁTOMO; a esses homens quero mostrar o *Alfa* e o *Omega* da maior expressão Divina que é a UMBANDA.

Com o firme propósito de esclarecer tudo quanto existe de verdadeiro, nesta concepção religiosa que é a

Umbanda, pelo fato de tratar-se de uma religião que procura unicamente elevar os homens no conceito de Deus, evocando o sobrenatural; não medirei esforços, no sentido de que não haja dúvidas quanto à veracidade das minhas afirmativas, de vez que, basear-me-ei apenas no que de concreto existe, através de obras consideradas de grande valor científico.

CAPÍTULO III

A UMBANDA ATRAVÉS DOS SÉCULOS

Eis-me frente a frente com um problema por demais complexo, no que diz respeito à verdadeira concepção que se tem feito através dos tempos, de uma ideologia, como é a *Umbanda*, sublime em todos os seus pontos de vista.

As inverdades que se têm praticado, e quase tudo o que se tem escrito através de livros que procuram mostrar a sua origem, não têm sido absolutamente perfeitos, de vez que não se fundamentam de fato na realidade dos acontecimentos.

A Lei de Umbanda, essa lei divina, tem sido deturpada com teorias absurdas, que não condizem absolutamente com a época adiantada que ora atravessamos. O homem de hoje, procura desvendar os mistérios que cercam quaisquer atividades, e estuda os porquês de tudo o que lhe possa interessar em todos os setores da vida atual. Entretanto, porque não aprofundarmos os nossos conhecimentos, no que diz respeito às religiões?...

Porque não nos aprofundames em procurar descobrir a verdade que paira sobre as nossas cabeças no que concerne às forças sobrenaturais, que nos dirigem os passos, atos e vontades, mudando completamente o ritmo das nossas intenções?...

Se procurarmos mergulhar o nosso pensamento no âmago de uma concepção, em busca de mostrar a ver-

dade que de fato possa existir quando queremos que venha à tona aquilo que é necessário e real dentro de uma religião, nada mais fácil para nós se torna provar o que desejamos, desde que, conheçamos profundamente a matéria sobre a qual pretendemos discutir.

Façamos um estudo completo daquilo que as gerações passadas nos deixaram, e, com um pouco de inteligência, formulemos concepções perfeitas, e, logo surgirá a luz de que tanto precisamos.

Ao encararmos as questões religiosas, no tocante à crença em Deus, necessário se torna que pratiquemos a verdadeira caridade, concebendo o AMOR UNIVERSAL; e para isso, é precsio que o homem sinta o Cristo dentro do seu próprio coração, e se reintegre na sua condição de ser perfeito, tal como foi idealizado e criado pelo Deus Onipotente.

Se o homem conceber a verdade, e cultuar uma religião sem preconceitos de qualquer natureza, procurando auferir mais luzes com o intuito único de enriquecer os seus conhecimentos pessoais, estará seguindo o caminho da perfeição; servirá à humanidade dentro da evolução universal, e estará progredindo moral e espiritualmente, dentro dos princípios básicos nos quais se fundamentam todas as crenças reiligosas. Este é o caso da UMBANDA.

Do muito que se tem dito a respeito dessa lei, vou, no entanto, abordar um magno problema filosófico-religioso, que é justamente como se devia conceber essa LEI, através da sua primitiva origem, de vez que, divergem de maneira assustadora, todas as opiniões a seu respeito.

É meu desejo esclarecer pontos de vista, nos quais, baseado nas minhas próprias convicções e sobretudo, criando concepções sobre o que se tem feito através de estudos psicológicos em tudo quanto diz respeito à prática da Umbanda, ninguém até hoje procurou mostrar

ao mundo, aquilo que de fato é perfeito e integral desde a sua primeira formação.

Desta maneira vejo-me obrigado a agir, não pela força das circunstncias, e sim, por um capricho tão comum a todo aquele que procura praticar uma Umbanda sincera, e quando possui a dirigir-lhe os pensamentos, entidades de "grande luz espiritual". Embora veja-me obrigado a usar de algumas verdades esotéricas, ao dissertar neste terreno, com o fito de reforçar ainda mais o meu pensamento, procurarei dentro da verdadeira lógica, mostrar, não por meio de fórmulas cheias de literatura, e sim, de um modo claro e compreensível, tudo aquilo que desejo.

A minha única finalidade é mostrar como conhecedor profundo das questões espirituais, e oomo praticante da Umbanda durante vários anos, que, tudo quanto existe sobre a face da terra evolui, como tem evoluído o *Espiritismo na Lei de Umbanda.*

Alguém me perguntará!...

— Porque nasceu a UMBANDA?...

E eu responderei...

A *Umbanda* nasceu com os séculos, para uma maior aproximação do homem ao seu Criador.

A *Umbanda* nasceu com o homem, e o acompanha através da sua existência material e espiritual, desde que o mundo é mundo.

Pelas próprias palavras do Pai Onipotente: "TURIM-EVEI, TUMIM-UMBANDA, DARMÓS", ditas pela boca dos seus ministros, temos a certeza absoluta de que, uma nova ORDEM baixara sobre a terra.

"BAIXOU SOBRE A FACE DA TERRA, A LUZ DA UMBANDA."

Deus, na sua bondade infinita, querendo dar ao homem pecador, a oportunidade de reabilitar-se, e volver de novo à sua primeira condição, deu-lhe o castigo: "Gênesis, 3,19. No suor do teu rosto comerás o teu pão, até

que te tornes à terra; porque dela foste tomado: porquanto és pó e em pó te tornarás".

Deu-lhe também, através do que se denominou "KARMA", o direito de reabilitar-se: "Multiplicai-vos pois, e uma vez que transgredistes os meus mandamentos, tereis agora em encarnações sucessivas, o aperfeiçoamento da alma, até ganhardes de novo o REINO DA GLÓRIA".

Começara a partir daquele momento, a evolução do mundo, e com ele, a UMBANDA.

Era preciso entretanto, que a *Lei do Equilíbrio Universal* predominasse nos mundos, uma vez que ao homem fora dado conhecer as forças do *Bem* e do *Mal*.

Essas forças seriam os pólos: POSITIVO e NEGATIVO, o ALFA e o OMEGA, o BELO e o FEIO, o MAIS e o MENOS, para que as igualdades pudessem subsistir.

Assim, tinham que predominar no mundo essas duas correntes perfeitas, onde o HOMEM e a MULHER haveriam de representar esse perfeito equilíbrio.

O HOMEM é o pólo positivo, e a MULHER, o pólo negativo.

Deus é a encarnação do BEM e do BELO, ao passo que SATANAZ é a encarnação do MAL e do FEIO.

Criadas todas essas concepções, não poderia o Homem fugir a essas forças, uma vez que ele próprio procurava desvendá-las.

Na própria ordem Divina: UMBANDA, essas duas forças ali estavam representadas:

Um — (uno — Deus — infinito — força do Bem — pólo positivo).

BANDA — (divisão — lado oposto — força do Mal — pólo negativo).

Com a multiplicidade do gênero humano, essas duas forças teriam forçosamente de estar representadas no próprio homem. *Caim* e *Abel* não fugiram absolutamente a essa concepção.

Haveriam de cumprir-se as *Sagradas Escrituras;* e, na consumação dos séculos, o homem será obrigado, pelo peso das responsabilidades que assumiu, uma vez que, dotado de todos os conhecimentos e da força que lhe foi dada em condições de quase igualdade para com Deus, "Gênesis, 3. 22 — Então disse o Senhor Deus: Eis o que o homem é como um de Nós, sabendo o bem e o mal; ora, pois, para que não estenda a sua mão, e tome também da árvore da vida, e coma e viva eternamente:", ver-se-á na contingência de escolher qual das duas forças o levará à VITÓRIA ou à DERROTA na sua condição perante o Criador.

Como a verdadeira finalidade deste capítulo, é provar-lhes que a UMBANDA provém dos séculos, ou melhor: surgiu no mundo com o aparecimento do primeiro homem que habitou a terra, nada mais fácil se torna mostrar-lhes através de explicações perfeitas, aquilo a que me propus elucidar.

Pelo fato de que inúmeras interpretações foram dadas às questões religiosas, no tocante à existência de Deus e dos homens, onde alguns consideram como sendo a Bíblia a revelação divina das comunicações de Deus, embora escrita pelas mãos do homem compilador dos fatos, sendo o autor do GÊNESIS; e que mais tarde João o vidente, nos transmitiu por escrito os fatos do *Evangelho* pregado por N. S. Jesus Cristo; não vem absolutamente corroborar com as concepções formuladas no verdadeiro GÊNESIS no seu original em *Palli*, de vez que, antes do primeiro livro de Moysés, já se conheciam esses mandamentos, milhares de anos antes do advento do próprio Moysés, uma vez que haviam sido transmitidos há mais de quinze mil anos.

Antes de cometer o pecado, era dada ao homem a condição de comunicar-se diretamente com o seu Cria-

dor, pois bastava-lhe evocá-lo nos seus pedidos, para que a palavra divina se manifestasse.

Em virtude do afastamento do homem, que procurou no pecado, furtar-se à aproximação de Deus, ficou por essa razão impedida essa manifestação espiritual, que era a comunicação com o mundo dos seres invisíveis.

Deus, comunicava-se com o homem através do seu espírito, e suas ordens eram por ele ouvidas tal e qual, quando nos dirigimos a qualquer ser mortal.

Aos homens que se seguiram às gerações de Adão e Eva, principalmente àqueles que procuravam em Deus o cumprimento de suas Leis, foi dada a MEDIUNIDADE; que ainda hoje se conhece através dos tempos, segundo as teorias espíritas, nas quais se acredita que Deus, na sua magnânima bondade, permitiu ao homem influenciá-lo com as manifestações espirituais, para que pudesse orientar àqueles que precisassem de luzes, para o seu aperfeiçoamento material e espiritual.

Foi desta maneira que surgiram os verdadeiros PROFETAS, que nada mais eram do que grandes MÉDIUNS, incumbidos por Deus para derramarem sobre a terra, os ensinamentos e leis pelas quais se deveria reger toda a humanidade.

Moysés, ao subir ao monte Sinai, para receber as TÁBUAS DA LEI, recebeu também a dádiva divina, na representação das manifestações mediúnicas, conhecidas como CLARIVIDÊNCIA, INTUIÇÃO, PSICOGRAFIA, etc., etc., ou melhor: recebeu a LUZ DA UMBANDA.

Da mesma forma, João Batista, tendo a graça divina de conhecer a VIDÊNCIA, transmitiu através dos séculos os mais sublimes fatos do Evangelho. Portanto, creio não haver dúvidas quanto aos fenômenos da Lei Espírita, de vez que, na LUZ DA UMBANDA se haveriam de cumprir todos os mandamentos e vontades impostas pelo *Pai Onipotente*.

Vejamos agora o reverso da medalha...

Na própria LEI DA UMBANDA, formada pelas duas correntes, isto é: o BEM e o MAL; aqueles que disvirtuaram e desobedeceram as Leis Divinas, procuraram no lado oposto, os seus designios. Assim, com a mesma força, criou-se o reino de *Satanaz*. O "POVO DE EXU", que habitava o lado oposto do EDEN, invadiu todas as regiões da terra, e a maldade dominou o mundo.

Mais uma vez, a grande *"fórmula"* esotérica e kabalística, entrava na concepção da *"grande síntese"*:

"UMBANDA"

UM — (Uno — Deus — infinito — força do Bem — pólo positivo — Eden).

BANDA — (Divisão — lado aposto — força do mal — pólo negativo — Reino de Exu).

O homem, tomado pelo desespero, desorientado pelo pecado, conhecendo perfeitamente o bem o mal, não pestanejou em fazer o seu PACTO DE HONRA com Satanaz; e, aquele mesmo AGENTE MÁGICO UNIVERSAL, que tentara e conseguira deturpar a consciência humana, prometera ao homem tudo o que estava ao seu alcance, desde que ele o adorasse.

Mais um passo fora dado, para o equilíbrio das duas forças...

Quem? venceria? ....
....

Prossigamos através dos séculos...

O homem bom, amava e ama a Deus sobre todas as cousas.

O Homem mau, amesquinha-o e zomba dele, certo de que Satanaz é o "ABSOLUTO".

Prossegue na terra e no espaço, essa luta titânica entre os dois grandes adversários: O BEM e o MAL.

Com eles, evolui a Umbanda, na certeza de que a marcha do tempo não pode parar.

Formaram-se legiões e legiões; e, o mundo inteiro, desde os primórdios das civilizações, ainda hoje luta tenazmente pela conquista da sua evolução.

A luta continua; e, o homem, procurando aproximar-se do Deus Onipotente, busca na sua concepção, um fundamento ou religião que lhe dirija os passos, para chegar até lá.

Mudam-se os nomes, criam-se Deuses, porém, o dedo mágico da Umbanda, continua mostrando a toda a humanidade, a sua força espiritual.

Vem o PAGANISMO, e com ele a força destruidora do *"Povo de Exu"*. Adoram-se deuses de barro e de pedra; de bronze e de ouro; em completa desobediência às leis divinas.

Surge a MITOLOGIA, e com ela o POLITEÍSMO.

Aparecem as doutrinas filosóficas e religiosas de Brahma, Buddha e Confúcio, e com elas também evolui a Umbanda.

Os profetas anunciam a vinda dos seus messias, e eis que o Deus Onipotente resolve enviar à terra o seu filho amado, para a redenção da mísera humanidade.

Chegamos à era de CRISTO, e com ele, ainda mais se solidificou a concepção da sua *Lei Divina*, a "UMBANDA".

Façamos uma pequena parada. Volvamos nossos pensamentos à era *Buddhista*, e procuremos compará-la às concepções espirituais que hoje se praticam e se cultuam dentro do *Espiritismo*.

Vejamos como os hindus, nos SAGRADOS LIVROS DOS VEDAS, tão bem souberam discernir e comentar, a sagrada epopéia do "MARRABARHATT", que o supremo *Mestre WYAZA*, soube interpretar através de 300.000 versos: e, na velha China milenária, com o uso da "PLANCHETA", recebiam as últimas palavras dos seus entes queridos, que bem souberam traduzir, nas belezas do seu *Espiritualismo*, na descritiva feita em

torno do seu "NIRVANA", que o apontava como a morada dos deuses, onde seus filhos encontrar-se-iam com os ancestrais, que tiveram na vida material.

Vejamos a evolução sofrida pela *Umbanda* através das épocas, e estejamos certos de que as finalidades têm sido as mesmas, isto é: procurar nas evocações divinas, o aperfeiçoamento da alma, sabendo que existe algo além da vida material, que resume em si tudo aquilo que se deseja de bom e de belo, ao deixarmos o invólucro carnal que tanto nos atormenta e nos faz sofrer a dor física.

Analisemos a concepção dessa crença, os seus dogmas; e, vejamos como em tudo se assemelha à verdadeira *Umbanda*.

Vamos encontrar em *Siddhártha Gautama*, o privilegiado fundador do *Buddhismo*, um predestinado pelo Deus Onipotente, para derramar entre o seu povo os ensinamentos das suas leis, em perfeita comunhão de idéias e pensamentos.

Vejamos ainda como cultuavam a crença no sobrenatural, certos de que essa força indômita, os conduzia através dos diversos planos espirituais, até a morada dos DEUSES.

Porque então, meus caros leitores, não unificarmos todas essas crenças, de vez que tanto faz chamar-se "CÉU" ou "ARUANDA", "NIRVANA" ou "INFINITO", a verdadeira morada daquele que criou todos os mundos?...

Estudemos, pois, todas essas concepções, e estou certo de que não me enganei quando afirmei e afirmo que a UMBANDA será a futura religião do mundo, tal como o foi, no período da sua formação.

Não se pode ser materialista, quando se tem a certeza de que a Natureza é a obra imortal do maior arquiteto do Universo.

Como se pode contrariar as leis de Deus, quando a ciência ainda não pôde chegar a uma conclusão de mesmo saber a verdadeira origem do homem?

Como se pode duvidar da existência de fenômenos espirituais, se a todo o momento se nos deparam com fatos incapazes de serem elucidados pela própria ciência?

Qual será a nossa condição na terra, quando temos a certeza de possuirmos um cérebro que pensa, e que pode com a sua capacidade criadora, modificar muitas das vezes a própria estrutura da terra?

É muito simples. Fomos feitos à imagem de Deus, e dentro de nós mesmos existe uma força criadora que poderá ser boa ou má, conforme as nossas próprias convicções.

CAPÍTULO IV

A VERDADEIRA ORIGEM DO PRIMEIRO HOMEM QUE HABITOU A TERRA

Por divergirem grandemente as opiniões sobre o aparecimento do primeiro homem na terra, e, não desejando deixar passar desapercebido este ponto de vista, principalmente, por se tratar de um assunto que diz respeito ao trato das inúmeras religiões conhecidas no mundo inteiro, como também, porque a ciência tem procurado estudá-lo com verdadeiro carinho, vou aproveitar este capítulo, para, não só elucidar esse caso sobre o ponto de vista religioso, como também, explanar o conceito que faço, e o meu modo de entender, sobre tão intrincado problema.

Tendo esclarecido em capítulos anteriores, que o aparecimento do homem na terra, segundo a própria Bíblia, tinha sido em virtude da vontade divina, na qual, o Deus Todo Poderoso, o criou à sua semelhança; e, que, de acordo com o *Gênesis* escrito no seu original em *Palli*, (primeira língua falada quando da formação do mundo) Adima e Eva, ou Adão e Eva segundo a própria Bíblia, foram destronados do Eden em virtude do conhecimento do *Bem* e do *Mal*, incutidos pelos *agentes mágicos universais* (POVO DE EXU), sendo esses os principais causadores e responsáveis por este tremendo erro.

Este fato foi mais uma conseqüência da *Lei do Equilíbrio Universal*, pois, a partir dessa época, a terra seria dividida em duas facções ou falanges; a do BEM sob a proteção de Deus e a do MAL sob a força destruidora de Satanaz.

Ainda, segundo o *Velho Testamento*, Adão e Eva conceberam dois filhos: Caim e Abel, nos quais devido ao pecado, as duas poderosas correntes estavam perfeitamente representadas. Abel, era a encarnação do *Bem*, ao passo que em Caim, incorporava-se o *Mal*.

Guiado pelo mal, Caim, atraiu para si a semente da maldade, germinando em seu coração a *vingança*, a *inveja* e o *ódio*, matando a seguir o seu próprio irmão.

A partir deste momento, a maldição de Deus atingiu a terra, regada pelo sangue inocente de Abel; e por sua vez, Caim, ao ser chamado à responsabilidade pelo seu ato indigno, mergulhou-se no caos da degradação e do castigo.

Conhecendo-se a existência do *Gênesis*, escrito segundo a própria lei, pelo sistema que se denominou de *Kaballah*, há mais de quinze mil anos, ou melhor: muito antes do aparecimento do primeiro livro de Moysés, no que diz respeito ao *velho testamento* tão decantado pela Bíblia Sagrada, já se tinha dele conhecimento antes mesmo do aparecimento do próprio Moysés, e que a seguir, o irmão deste, Ahrão, os escreveu posteriormente na língua hebraica, compilados entretanto do verdadeiro original *Pali*.

Existe numa das passagens bíblicas, um ponto bastante obscuro, no que diz respeito à expulsão de Adão e Eva do paraíso, ao qual poderemos dar várias interpretações.

Diz a Bíblia:

Gênesis 5. O primeiro homicídio.

17 — E conheceu Caim a sua mulher, e ela concebeu, e pariu a Enoch: e ele edificou uma cidade, e

chamou o nome da cidade pelo nome de seu filho Enoch:"

Impossível se torna conceber-se a veracidade dessa passagem bíblica, porque, sendo Caim e Abel os primeiros filhos de Adão e Eva, e, uma vez morto Abel, Caim conhecera uma mulher com a qual se casara e dessa união nascera um primogênito. Donde teria vindo essa mulher?

Vamos procurar interpretá-la...

Primeiro: — Por suposição; uma vez que, alguns anos se passaram entre a morte de Abel e o casamento de Caim, poderia ter se dado o caso de que novas gerações se formaram da parte do terceiro filho de Adão e Eva, o qual se chamou *Seth;* e, desse vínculo da família tenha surgido então a mulher que Caim conhecera e com a qual se unira.

Segundo: — Também por suposição, poderíamos interpretar esse fato, baseando-nos nas teorias científicas, as quais procuraram provar a existência de outras criaturas humanas, concebidas pelo fenômeno denominado *"transformação"*, no qual o homem passava por diversas fases, até chegar ao estado da sua conformação atual. Nesse caso poderia conceber-se perfeitamente esse estado de coisas, uma vez que, seria bem possível que Caim, ao emigrar para outras terras, viesse a encontrar um elemento feminino em condições idênticas às suas.

Terceiro: — Ainda por suposição, poderíamos perfeitamente acatar a teoria de *Darwin*, quando afirma que o homem descende do macaco; e, assim sendo, poderia ter sido provável o aparecimento da mulher de Caim, oriunda de uma dessas tribos simiescas.

Por outro lado, formulo eu a minha concepção.

Interpretando esse fato, tendo como ligação, não o princípio da formação terrena, e sim, o incidente havido nos páramos celestiais, quando o Senhor Deus, desti-

tuindo a LUCIFER do seu elevado cargo junto ao Império Celeste, atirou-o sob a pecha de "EXU" (*traidor*), juntamente com a sua corte (POVO DE EXU), para o reino das trevas; e que, esse reino era justamente o infinito ou "*vácuo*" onde mais tarde se daria, segundo a ciência, a formação das *nebulosas*, entre as quais estava a própria terra.

Ao manifestar-se a vontade e o poder divino em criar os mundos, todo o Kosmos se movimentou. Criaram-se os planos: do *espírito*, da *energia*, da *matéria*, e da *manifestação*; a seguir, a voz de Deus projeta a sua vontade através do infinito, transmutações se processam e mudam de estado. Do estado extático potencial, passa ao estado dinâmico; e tudo entra em movimento. Formam-se turbilhões de átomos, que gravitando em torno de si próprios, manifestam-se com irradiações de calor, de luz e de vida. É o início da formação dos mundos, e o princípio de todas as cousas.

Surgem os dias do *Gênesis* descrito por Moysés:

"Haja luz — e houve luz". Este foi o primeiro dia do mundo.

"E disse Deus: Haja uma expansão no meio das águas, e haja separação entre águas e águas" ... foi o segundo dia do mundo.

"E disse Deus: Ajuntem-se as águas debaixo dos céus num lugar; e apareça a porção seca, e assim foi"... foi o terceiro dia do mundo.

"E disse Deus: Haja luminares nas expansões dos céus, para haver separação entre o dia e a noite; e sejam eles sinais e para tempos determinados e para dias e anos"... foi o dia da criação do sol, da lua e das estrelas, o quarto dia do mundo.

"E disse Deus: Produzam as águas abundantemente répteis de alma vivente; e voem as aves sobre a face da expansão dos céus"... foi o dia da criação dos peixes e dos pássaros, o quinto de existência do mundo.

"E disse Deus: Produza a terra alma vivente conforme a sua espécie; gado e répteis, e bestas feras da terra conforme a sua espécie; e assim foi"...

"E disse Deus: Façamos o homem à nossa imagem conforme à nossa semelhança: e domine sobre os peixes do mar, e sobre todo o réptil que se move sobre a terra"... "E criou Deus o homem à sua imagem: à imagem de Deus o criou: macho e fêmea os criou"... foi o dia da criação de todos os animais da terra e do aparecimento do homem, o sexto dia do mundo.

"Assim os céus, e a terra e todo o seu exército foram acabados. E havendo Deus acabado no dia sétimo a sua obra, que tinha feito, descansou no sétimo dia de toda a sua obra, que tinha feito"... foi o dia em que Deus descansou e destinou ao descanso, o sétimo e último dia da criação do mundo.

* * *

Explicada entretanto pela ciência, a formação do mundo, concebe-se que, pelo fenômeno da gravitação, girando os astros em torno de uma força centrífuga, deu origem à formação de uma grande nebulosa, a qual desprendendo fragmentos, e uma vez esgotada a força centrífuga de propulsão estancaram em determinado ponto, passando a girar em torno do núcleo central da primitiva nebulosa, descrevendo suas próprias órbitas. Pelo fenômeno do atrito, e continuando a girar com velocidade cada vez mais crescente em torno do próprio eixo, acabaram por incendiar-se, ocasionando a iluminação ou luz, formando-se deste modo todo o sistema planetário. A seguir, devido ao resfriamento da superfície de cada um dos fragmentos deslocados, formaram-se as crostas, as quais isoladas por camadas multiformes permitiram a procriação de seres vivos e de vegetais.

* * *

Por outro lado, encarando-se a formação dos mundos pela parte espiritual, concebe-se até certo ponto a vontade de Deus, que com a ajuda dos espíritos construtores, dotados de grande evolução hierárquica, executou a sua gradiosa obra.

Esses grandes espíritos, com autoridade de poder, e como executores da vontade divina, passaram a exercer uma atividade perfeita na execução e no cumprimento da ação dinâmica ditada pelo Verbo Divino.

Com a revolução sofrida nos diversos planos espirituais, e ao término da formação dos mundos, foram os *Exus* atirados para a terra, que deixou de ser treva desde o momento em que surgiu a luz.

Como se tratava de espíritos puramente inferiores, e afeitos ao mal, foi-lhes dada a ordem de perambularem ora em estado embrionário de formação, ora pertencentes como entes encarnados, a um tipo de raça puramente inferior, com todas as características animais. Acredita-se que o *Pitecantropo-erecto*, de Java, tenha sido uma transição dessa espécie de seres.

Por outro lado, antes de existirem as raças *Adâmicas*, já outras raças se lhes anteciparam. Eram homens obscuros e bárbaros, grosseiros e egoístas, que não falavam como homens comuns, e sim, expressavam-se por meio de sons guturais acompanhados de gestos horrendos e mímicas inconcebíveis. Alimentavam-se como verdadeiros animais, e seus olhos não conheciam lágrimas, e nunca riam. Seus prazeres eram gritos de *besta-fera*, e suas dores roucos gemidos. Fugiam da luz, preferindo a obscuridade e as trevas.

Voltando agora ao ponto de partida, quando formulei a minha concepção sobre a origem da mulher que pertenceu a Caim, acredito que tenha sido um desses seres, na forma feminina, a companheira daquele que fora exortado por Deus, ao cometer o primeiro homicídio; e por essa razão, coube-lhe por castigo, essa união, uma vez que, aos maus cabe o mal.

COMO SE COMPREENDE O MUNDO ESPIRITUAL

Sendo o "Espaço" habitado por espíritos, esses por sua vez animam os seres vivos, constituindo o que se conhece nas leis espíritas com o nome de Mundo Espiritual. Sendo inúmeras as categorias dos espíritos, e por terem sido emanados das Leis divinas, são dotados de inteligência, e sentimento. Encarados sob o ponto de vista fluídico, pois outra não é a sua condição nos diversos planos espirituais, correspondem as suas forças fluídicas, aos planos ou esferas vibratórias nas quais se manifestam. Ao espírito humano após a desencarnação somente lhes é dado a consciência da liberdade, após terem atingido no grau humano, a verdadeira compreensão; daí a concepção que se faz de um espírito que possui personalidade, ao manifestar-se na condição de "Egun" (espírito de morto).

Todos os seres sepirituais habitam os Espaços Infinitos e, somente quando lhes é permitido, descem ao mundo material; e, de acordo com a *Lei Kármica*, muitos são obrigados a passar por inúmeras provas e experiências terrenas, para fins unicamente purificadores.

Segundo a escala hierárquica dos espíritos, existem três clases desse habitantes dos planos espirituais:

Espíritos Inferiores ou atrasados, compreendendo toda a casta de elementos maus, ignorantes, sofredores, obcessores, etc., que não possuindo luz espiritual, são obrigados por uma lei de justiça, a habitar o reino das trevas, sob o domínio do *Povo de Exu*. Esses seres estão localizados ora no espaço trevoso, no humbral, ou na crosta terrestre, na qualidade de espíritos encarnados ou desencarnados. Esse plano inclui todas as falanges do mal, sob o domínio e direção de Exu-Rei Lucifer, dotados entretanto de grande força maléfica.

Os Bons Espíritos, integrando as falanges dos cooperadores do Bem, são encarregados dos trabalhos de au-

xílio, proteção e encaminhamento nos diversos planos espirituais organizados em famílias com a denominação de *Entidades*, compreendendo todas as linhas que compõem o ciclo evolucional dos espíritos que atingiram determinada ascenção espiritual, posuindo força fluídica suficiente para combater o mal. Alguns são considerados guias individuais, tal, como acontece entre os praticantes da Umbanda. Aos de maior grau hierárquico, alguns os consideram com a denominação de Anjos-de-Guarda.

Os Espíritos Superiores, são aqueles que integram a administração do Kosmos, cooperando com as divindades máximas no que diz respeito às reencarnações e estudo do *Karma*. São os que regulam e estabelecem as condições de provas e castigos. Ajudam na construção ou destruição das regiões que precisam de remodelação. Esses espíritos são dotados de grande poder, e pela sua elevada condição hierárquica, agem com autoridade própria. São os componentes das falanges mais próximas de Deus, ou melhor: são os denominados *Ministros* ou *Arcanjos*.

Existe ainda uma classificação em separado para os espíritos denominados criadores, que ao lado de Deus, são incumbidos de dar forma e criar novos tipos em todas as manifestações espirituais. A esses espíritos são chamados *"Salvadores"*, *"Redentores"*, *"Messias"* entre os quais figura o próprio Jesus Cristo, quando na sua última manifestação, na personificação de espírito encarnado.

Por útimo, segundo as crenças espirituais, está localizada a esfera celestial, onde se considera como Divindade Absoluta, o próprio DEUS.

CAPÍTULO V

ALGUMAS RELIGIÕES E A SUA ORIGEM

Para que se pudeses dar uma classificação verdadeira e perfeita sobre as religiões, seria necessário estudá-las sob o ponto de vista filosófico; e pelo fato de nos interessar apenas o que diz respeito à origem e existência através dos séculos, dessas concepções, será preferível que estudemos apenas os países e povos que as cultuavam, nas suas diversas modalidades.

Comecemos então pelos povos selvagens.

AS RELIGIÕES NA ÁFRICA

Pelo fato da enorme divergência entre os povos africanos, no que diz respeito à sua raça, em virtude das invasões e conquistas dos povos que a dominaram, é bem difícil descrever-se ao certo, qual a religião predominante no continente negro.

Sabe-se que pelo menos seis raças tiveram influência na formação desse povo. Os líbicos da costa setentrional, os egípcios e etíopes, formavam no número das raças situadas nas costas do mediterrâneo, formando a chamada família *Chamítica*, as quais possuíam relações de parentesco com as raças *Semitas*. Da mesma forma surgiram traços de parentesco pré-histórico entre os *Bascos* e os *Berberes* localizados na África Setentrional. Para os lados do Sul conheciam-se os *Núbios* das margens do Nilo superior, e os *Fulas*, na orla meridional

do grande deserto; formando juntos uma raça verdadeiramente distinta. Os verdadeiros negros ocupavam o meio do continente, ao passo que na parte meridional outras três raças ali viviam: os *cafres*, *hotentotes* e *boscomanos*.

Consideravam-se os *hotentotes* como: degenerados, juntamente com os anões habitantes do centro do *hinterland* africano, e pertencentes aos restos de uma raça primitiva especial. Acredita-se mesmo que algumas raças egípcias, tenham se misturado aos povos africanos.

Consideram alguns historiadores, a África dividida em três partes: O sul, o centro e o norte.

A parte que compreendia a África meridional era habitada pelos cafres, a leste, pelos hotentotes, e a oeste, pelos boscomanos.

Toda a região da África era composta de inúmeras tribos, e assim, conheciam-se como pertencentes aos cafres as tribos: *amaxosas*, *amazulus*, *betchuanas*, *ovaheros*, etc. Pertencendo aos hotentotes, conheciam-se as seguintes: *namaques* e *coranas*, existindo ainda os *griquas* e os *bastardos*, resultantes da mestiçagem européia.

Devido a serem por demais confusas as tradições religiosas dessas tribos, acredita-se que muitas delas não possuíam religião, entre elas a dos *cafres*.

Os negros cultuavam o feiticismo, e alguns dos seus deuses são conhecidos com os seguintes nomes, *Utixo*, *Tsuigoab* e *Heitsi-eibib*, da parte dos hotentotes. Morimo e *Unculunculu* da parte dos cafres. Entretanto não se sabe ao certo, se esses nomes designavam deuses naturais, espíritos, feiticeiros, defuntos ou antepassados.

Acreditavam os negros africanos que os seus mortos apareciam aos parentes, geralmente na forma de animais, e por isso procuravam esculpir totens de diversas maneiras. Outros adoravam a lua, e acreditavam que ela enviava uma lebre junto ao homem para lhes dizer: "assim como eu morro e regresso à vida, assim tu morrerás e voltarás à vida".

A religião dos hotentotes bem como a dos cafres distinguiam-se da dos negros, pelo fato de não adotarem o feiticismo (arte da feitiçaria). Comportava apenas oferendas às almas e aos espíritos, e nunca, feitiços propriamente ditos.

Quanto aos negros feiticeiros, consideravam-se médicos e adivinhos utilizando-se de amuletos e artes mágicas. Entre suas práticas religiosas o seu ritual é muito complicado, contendo uma infinidade de tabus, e são dados ao uso de tatuagens produzidas por incisões na pele e pintadas de diversas formas. Acreditam num Deus superior, criador do mundo, embora não o adorem, preferindo na maioria das vezes cultuar a crença nas divindades maléficas, daí a origem do Ambequerê-Kibanda, ritual utilizado pelos negros Gêges, Nagôs e Bantus, cujas origens são mais recentes.

Outra crença comum aos negros é o ritual por eles praticado no que diz respeito aos sacrifícios expiatórios aos espíritos (para o afastamento das infelicidades), com oferendas de animais mortos e alimentos prediletos dos seus deuses com a finalidade de profetizar acontecimentos, curar males causados por bruxarias, fazer chover, etc.

Acreditando eles em que a doença e a morte não são acontecimentos naturais e sim por influência de malefícios e encantamentos, entregam-se a toda sorte de práticas mágicas, as quais, executadas ao som de instrumentos de toda a espécie e gritos bárbaros, dizem-se possuídos de entidades ou "Orixás" que os acobertam de qualquer malefício.

São dados quase que exclusivamente à prática da magia negra, e seus trabalhos se resumem em grande parte na aplicação e uso de beberagens, com as quais praticam o curandeirismo.

Algumas dessas tribos vieram para o Brasil, e nos nosos dias atuais, é bem grande o número de descendentes deses povos africanos; pois, deve-se a eles a origem do negro em nosa terra.

AS RELIGIÕES NA AMÉRICA

Apresenta-se a raça americana com um misto de mongóis e de malaios. Entretanto, não se pode ter verdadeiramente certeza do parentesco dessa, com outras raças.

Sabe-se ao certo que houve relações entre o antigo e o novo mundo antes da descoberta da América, pelo fato de que os povos islandeses conheceram a Groenlândia no período da Idade Média, quando desceram ao longo da costa para os lados do sul. Ainda existe a interpretação dada por alguns etnógrafos, de que os habitantes da costa ocidental da América do Norte, tinham comunicações com os povos asiáticos. Quanto aos aborígenes americanos impossível se tornou até hoje proceder-se a uma clasificação científica.

Conhecem-se entretanto diversas tribos de índios americanos, distinguindo-se entre si, apenas por características especiais. Existem os peles vermelhas, que habitam a oeste das montanhas Rochosas desde a costa do mar, até o Oregon; essas tribos são chamada *atapascas* (Chippeway), *iroqueses*, *algonquinos*, *dacotas* (índios Sioux), *apalaches* (Creeks), *natchez*, habitantes do baixo Mississpi, com ligações de parentesco de um lado com os apalaches, e do outro com os índios mexicanos.

No México conhecem-se os *chichimecos*, os *toltecos* e os *astecos*. Na América Central, os *maias*, e na costa setentrional da América do Sul, os *aravacos* e índios *caraíbas*.

Quanto aos habitantes índios da América do Sul, distinguem-se as tribos brasileiras, nas quais encontramos os *tupis*, *guaranis*, *botocudos*, *urubus*, *xavantes*, *carijós*, *aimorés*, etc. muitos dos quais pertencentes à nova geração. Nos Pampas existiam os *abipões*, os *araucanos*, os *patagões* (Teuelches) e os *fueguianos*, nas regiões da Patagônia. Ao longo da costa ocidental, habitavam povos de civilização bastante adiantada. Ao norte (Região da Nova-Granada) estabeleciam-se os *chibchas* ou *muiscas*, enquanto que ao sul habitavam os *peruvianos*, localizados nas margens do lago Titicaca. Na região de Cuzco predominavam os *Incas*, pertencentes ao povo dos quíchuas (*kechua*), de origem aimara.

Das suas religiões primitivas, tem-se conhecimento de que praticavam a magia, acreditando nos espíritos dos elementos.

Cultuavam os peles vermelhas, o *Totemsmo*, o qual possuía um alto significado religioso, pois o totem não representava apenas um objeto de culto, nem tampouco significava um objeto isolado como se encara a questão do feitiço, de vez que representava uma determinada categoria de objetos quase sempre representativos de animais ou vegetais.

O *Totem* não era encarado como simples objeto de culto, pois tanto o "clan" como a população ou mesmo um indivíduo isolado, pertenciam integralmente ao seu totem identificando-se material e espiritualmente com ele: daí, surgirem alguns rituais utilizados nos *"Candoblés"*, nos quais seus orixás são representados por verdadeiros ídolos totêmicos.

Posto à margem o totemismo, cultuavam os peles vermelhas uma religião perfeitamente individualizada com o atual espiritismo, recebendo eles um culto privilegiado, dando a esses espíritos o nome de *manitus*, os quais, em virtude de possuírem pouca individualidade, relacionavam-se aos fenômenos naturais.

Ao mais alto grau dos manitus, se designava de "Grande Espírito", atribuindo-se a esse fato a concepção de que os índios americanos cultuavam uma religião monoteísta.

A representação dessa entidade máxima era feita sob a forma de um animal, estando em relação quer com os fenômenos naturais, quer como simbolizando a alma dos seus ancestrais. Cultuavam grandemente a magia, dando a alguns fenômenos a encarnação dos seus deuses na forma humana, atribuindo-lhes variados mitos. Em outros casos, essas entidades estavam representadas pelos próprios fenômenos naturais, como o caso do Manoboso, a qual atribuíam ser o vento forte do oeste, como divindade épica e herói de grandes empreendimentos.

Praticavam a antropofagia, sacrificavam elementos humanos e possuíam como culto religioso, o uso do fumo, no qual o "cachimbo da paz" representava um ato puramente religioso, de perfeita comunhão entre si.

Quanto à parte civilizada dos povos da América, revelavam eles tantos nos costumes como na parte religiosa, as suas idéias quase análogas com os povos selvagens dos mesmos continentes.

As divindades mexicanas dividiam-se em duas partes: uma, considerada como deuses inferiores ou domésticos (Tepitoton); e a outra, chamados deuses da natureza, onde se encontram as seguintes divindades: *Tlaloc*, deus da chuva; *Centeotl*, deusa da terra. Entretanto, os seus principais deuses eram denominados: *Quetzalcoatl*, *Tetzcatlipoca* e *Huitzilopochtli*. O primeiro era representado como símbolo, tendo uma serpente alada; o segundo trazendo como símbolo um espelho, e o terceiro, simbolizando um colibri. Outras entidades eram representadas pelos povos da América Central, com as seguintes características: uns simbolizando a serpente, e outros simbolizando a cruz, cujos deuses principais eram chamados *Gucumatz* e *Votan*, com idênticas características do deus mexicano *Quetzalcoatl*.

No Peru, as civilizações, estando no mesmo nível das civilizações mexicanas, suas formas religiosas no entanto eram inteiramente diferentes. Cultuavam principalmente o Sol, na evocação dos seus filhos, com os nomes de *Manco Copac* e *Mama Oclo*, tendo como origem os seus antepassados *Incas*. Além do Sol, adoravam ainda outros deuses, na interpretação de deus da água e deus do fogo, ou sejam: *Viracocha* e *Pachacamac*. E, ainda numerosa falange de espíritos, denominados *Huacas*.

Muitas destas entidades deram origem à formação de uma das linhas nas quais se divide a Umbanda que se pratica atualmente no Brasil, ou seja a 3ª linha — LINHA DO ORIENTE, onde aparece a 5ª falange, dirigida pela entidade de nome *Inhoarairi*, que segundo a história das civilizações, foi o primeiro Imperador Inca, antes da era Cristã.

AS RELIGIÕES DOS POVOS DO PACÍFICO

Pelo estudo geográfico feito, no que diz respeito ao Pacífico, sabe-se que essa região está dividida ou composta de cinco grupos de ilhas, ou sejam: o arquipélago Índico ou Malaio; na região nordeste, a Micronésia, composta das ilhas: Marianas e Carolinas, bem como os arquipélagos de Marshall e Gilbert; na região central, a Melanésia, compreendendo a Nova Guiné, os Novas Hébridas, a Nova Caledônia e outras ilhas de somenos importância; ao sul, a Austrália (Nova Holanda) e a Tasmânia; na parte leste, os numerosos arquipélagos da Polinésia.

Três raças distintas se conhecem no Pacífico: a Australiana, compreendendo os povos da Nova Holanda e da Tasmânia; a Papua, na Nova Guiné, e a raça Polinésica, na Polinésia.

Assemelham-se entre si essas raças sob a questão religiosa, pois acreditam nos espíritos e nas almas do outro mundo, embora não conhecendo propriamente a magia. Acredita ainda no sobrenatural, e na ressurreição dos homens brancos.

Na Polinésia, o seu povo adota em quase todo o seu ritual, os mesmos sistemas das religiões conhecidas como selvagens e bárbaras; praticam o animismo e rendem culto à natureza, praticando toda a espécie de magia, predominando a evocação de entidades afetas a superstições.

Entre as suas divindades conhecem-se inúmeras, as quais denominam de *Atua*, denominando tanto aos espíritos como as entidades, com o nome de *Tiqui*. O principal deus polinésio é TANGALOA (tangaroa ou Taaroa), na concepção de deus do céu e do mar.

Na Nova Zelândia, o sistema religioso é representado por um mito, no qual existe a separação de *Papa* e de *Rangi* (o céu e a terra). O Deus principal da sua mitologia, é o Maui, representado como um deus solar. Representam as regiões celestes, na significação de *Po*, reino dos deuses, e o reino dos mortos com a significação de *Pulotu*.

Entre suas práticas religiosas, citam-se o uso da tatuagem, que vem justamente corroborar com um dos preceitos religiosos utilizados na prática do *"candoblé"*, muito cultuado no Estado da Bahia, nos nossos dias atuais.

Cultuavam grandemente a lei de *Tabu*, característica essencial aos cultos da alta iniciação, onde as pessoas, cousas, fenômenos, etc., estavama repreesntados neles. Esses tabus eram divinos ou interditos, e em *noas*, isto é: acessíveis ou não aos profanos. Cultuavam ao deus Oro, a quem atribuíam caráter divino.

No arquipélago Malaio, o estado religioso é uma mistura de emigrantes malaios e autóctones, com sinais da influência civilizada. Houve emigração da civilização Hindu, principalmente entre Java, Madoura e Bali, onde, devido a essa mistura originaram-se numerosos cultos, dando origem à adoração de ídolos pertencentes a essa raça. Ainda se encontram vestígios do domínio europeu e da população cristã indígena, subsistindo diversas tribos pagãs. Na Samatra, por exemplo, existem os bataque; em Bornéu, os *daiaques;* em outras ilhas e inclusive as Celebes, predominam as tribos *alfures*.

Acreditam esses povos em que cada homem possui uma alma, e que, durante o sono essa alma abandona o corpo, tomando outras formas, transformando-se em aves, etc. Possuíam poderes sobrenaturais praticando a feitiçaria. Ofereciam presentes às almas dos mortos, por acreditarem que esas almas voltariam novamente à terra. Adoravam plantas e animais, dentre as quais, o arroz figurava em primeiro plano. Utilizavam-se de amuletos, atribuindo-lhes virtudes mágicas, bem como eram dados ao costume de dar caça às cabeças, associando-se ao culto dos crânios.

Posteriormente a esses cultos, vieram os cultos da natureza, com todos os seus mitos, inclusive o da crença em que haviam núpcias entre o céu e a terra por ocasião do início das estações chuvosas.

Entre os seus deuses, destacam-se *Ratu-Quidul* (na ilha de Java), deusa do Oceano do Sul que habita o fundo do mar num palácio maravilhoso, e que comanda uma legião ou exército de espíritos que vivem nos rochedos. Ao lado dessa deusa está um monstro (*Ni-belorong*), com todas as características do deus do mal.

AS RELIGIÕES EGÍPCIAS

Tudo o que existe de mais interessante sobre as religiões dos povos Egípcios, é o que encerra o "LIVRO DOS MORTOS", em cujos textos, por serem muito heterogêneos os seus elementos, dão-nos apenas alguma cousa dos rituais fúnebres, dos amuletos a serem depositados sobre as múmias ou nos sarcófagos, etc.

Os textos e inscrições contidas nas pirâmides egípcias, encerravam todo o mundo divino dos seus cultos. Os Egípcios viam em tudo, seres divinos. Para eles, a

natureza era divina e em todos os seus mistérios existia a divindade. Também nos corpos celestes, na terra e no Nilo caudaloso e misterioso existiam deuses poderosos dos quais se valiam os antigos Egípcios. Acreditavam na existência de animais fabulosos e terríveis, tais como: as esfinges, os grifos, certos de que no sussurro das folhagens, as vozes divinas se faziam ouvir. Atribuíam dons sobrenaturais aos animais, onde eram considerados como deuses, e outros como demônios. Acreditavam que o mundo dos mortos era povoado tanto por deuses como por demônios, tendo essas entidades, formas humanas ou de animais.

Para os povos egípcios, tudo o que encarna a natureza era tido como deus, assim, as árvores, os animais, os homens e mesmo os edifícios, eram considerados como tal. Conhece-se em Tebas, o templo de *Amon-Rá*, o qual era invocado e figurado como uma verdadeira deusa.

Acreditavam na reencarnação, e tanto os deuses como os demônios podiam estabelecer a sua morada em toda a parte, excercendo boa ou má influência, conforme suas próprias designações.

Entre os animais que faziam parte dos seus cultos, encontravam-se os *gaviões* e os *gatos*, como divindades benéficas; o *crocodilo* e o *hipopótamo*, como amaldiçoados.

Grande parte deses animais tiveram a sua santidade glorificada, devendo aos deuses e deusas o seu culto pelo fato de lhes atribuírem essas formas. Adoravam serpentes, gansos ou gatos, tal qual como um adepto do feiticismo adora o seu feitiço ou patuá. Geralmente, haviam cultos nos quais um animal era escolhido e considerado como sendo a encarnação de um desses deuses, e assim sendo, erigiam-lhe templos, cercavam-no de sacerdotes, realizavam-lhes festas, etc. Eram considerados como animais sagrados.

Destacam-se como os mais conhecidos, os seguintes: o boi APIS de Mênfis, Mnevis, o boi sagrado de Rá, em Heliópolis, e o carneiro de *Osíris* em Mendes.

Além do culto dos animais, existiam os cultos locais. Os deuses locais eram considerados aos olhos dos seus adoradores como as divindades mais poderosas e criadoras de todas as cousas, e se apresentavam de maneira bastante variável. Conhecim-se os deuses *Anhur*, *Tum* e *Horus*, e Edfu, como deuses solares; *Set*, *Amon* e *Min*, como deuses da terra; *Knumu*, *Harchefitu* e *Osíris*, deuses do Nilo; *Hator*, deus do céu. Algumas províncias do antigo Egito (*nomas*) tinham como patronos deuses como *Neit*, *Sokit* e *Hator*.

Inúmeras foram as divindades cultuadas pelos povos egípcios, e ainda, além dos cultos locais, havia um certo número de divindades que eram adoradas em todo o vale do rio Nilo, as quais não possuíam de um certo modo o seu culto particular. Eram esse deuses os seguintes: *Rá*, deus solar; *Ah*, lua; *Nuit*, céu; *Seb*, deus da terra, e *Hapi*, deus do Nilo.

Rá, foi o deus mais universalmente adorado no Egito. Ele não habitava sobre a terra, tal como os deuses locais; segundo as suas crenças, navegava ele na sua barca através do céu e do infinito; era o benfeitor da humanidade e da natureza, fonte da vida, senhor do templo, e defensor do Egito. *Rá*, era a luz que destruía as trevas, combatendo a serpente das nuvens. Muitas lendas se formaram em torno do Deus *Rá*, considerado o primeiro Rei do Egito.

Uma das lendas sobre esse Deus, é a seguinte: *Isis* com seus encantos mágicos, forçou o rei *Rá*, que já se encontrava velho, a dizer-lhe certos segredos esotéricos, convidando-o a partilhar com ela o seu grande poder divino. Fazendo-o picar por uma servente venenosa, preparada por *Isis*, não quis a deusa entretanto destruir o veneno do corpo do Deus, enquanto ele não lhe dis-

sesse o seu nome oculto; e uma vez que lhe fora revelado, deu a *Horus* os seus dois olhos, o Sol, e a Lua.

Horus é considerado o Deus mais importante do antigo Egito. Ele é representado como um deus solar, figurando no céu com um grande rosto, em cujos olhos, direito e esquerdo são vistos o sol e a lua; o rosto dessa divindade está emoldurado por quatro madeixas de cabelo, ou pelos quatro filhos de *Amset, Hapi, Duamutef* e *Quebehsonuf*.

Entre as divindades que se conhecem através da história religiosa do Egito, conhecem-se ainda: *Seb*, a terra; *Nuit*, o céu, diviindades cosmogônicas de culto local. *Tum*, senhor de On (Heliópolis) no Baixo-Egito, considerado como deus solar. *Iusas* (deusa) esposa de Tum. *Ftah*, grande deus de Mênfis; *Totunen; Sokaris*, deus funerário, etc., etc.

Todos os deuses egípcios formam legiões, entre as quais também se destacavam os agentes do mal ou demônios. Entretanto, quando o Egito saiu do seu isolamento, entrando em contato com a Ásia, África, etc., outras divindades ficaram conhecidas, e inúmeras crenças se formaram em torno das divindades estrangeiras.

Um fator preponderante que influiu em todos os conceitos religiosos dos povos egípcios, foi o culto largamente difundido na crença de além-túmulo, onde a morte, a sepultura, e a vida espiritual, constituía a base principal dos seus mitos e superstições. O embalsamamento, por se tratar de uma operação complicadíssima, era executado por homens encarregados das necrópoles, e obedecia a ritual todo próprio. As múmias eram depositadas em sarcófagos de pedra, de madeira ou mesmo de papelão, e sobre elas colocavam-se os amuletos, os quais asseguravam ao morto o direito de empreender a sua última viagem.

Os seus túmulos eram chamados de *"casas eternas"*, e entre muitos, conhecem-se as célebres *pirâmides*, nas quais se depositavam os corpos dos reis e imperadores.

Pelo exposto, podemos tirar conclusões perfeitas sobre as crenças antigas, comparando-as com as crenças do mundo moderno.

As divindades tomaram nomes diferentes, porém, os cultos se compreendem numa mesma condição, na qual, o sobrenatural faz parte integrante de todas as ideologias religiosas.

Comparemos os deuses egípcios com os deuses dos nossos aborígenes, e com as entidades máximas que se cultuam nas Umbandas, e veremos nitidamente a semelhança que existe nos cultos da *natureza*, nos *fenômenos* solares, e principalmente na evocação dos mortos, onde se concebe de um modo claro e insofismável, a crença na reencarnação.

AS RELIGIÕES BABILÔNICAS E ASSÍRIAS

Sabe-se que os povos semíticos da região norte, ou sejam: Babilônios, Arameus, Assírios e Fenícios, estão inteiramente ligados no que diz respeito à sua linguagem e pensamentos. Quanto às religiões, têm todas elas um núcleo comum.

No ramo arameu, em virtude da sua dispersão somente em alguns lugares o seu culto se centralizou. No fenício, entretanto, a sua religião foi muito mais desenvolvida.

As religiões deses três estados tinham em comum o culto de uma divindade feminina, com o nome de *Istar-Astartéa*.

A religião babilônica é reconhecidamente um naturalismo politeísta ou ainda, representada como a religião de um povo puramente agricultor, vivendo num país sumamente fértil. Na concepção que faziam sobre os fenômenos que representavam o curso diário dos astros e o retorno anual das estações, são para eles motivos de todas as alegrias e esperanças. Tinham na representação quotidiana do sol e da lua, a manifestação dos

deuses do céu e da terra, reinando sobre a face terrestre, derramando os luminares da vida. Para esses povos, eram nas forças da natureza que as divindades se revelavam. Como deuses representativos de suas crenças, conheciam-se: na Babilônia do norte, o deus solar de Sipara, o *Bel* de Nipur, o deus do sol primaveril, Marduc, na Babilônia; o *Nebo* de Borsipa, atribuindo-se ao mesmo o crescimento das searas, *Nergal*, deus de Cuta, considerado como deus celeste e que mais tarde tornou-se um deus do mundo subterrâneo, em virtude de ser considerado como a entidade que demandava o calor do sol, que destruía e secava.

Na região babilônica do sul, *Ur* é o deus lunar e senhor dos céus, modificando-se mais tarde, e aparecendo com a denominação de "grande *Anu*", o que sicendo com a denominação de "grande *Anu*", o que significa ainda "senhor dos céus".

Entre as entidades ou deuses já citados, encontram-se ainda: *Ninib* (*Ningirsu*) da Sirpula, e o deus solar de Larsa; *Agané*, na região norte e *Uruc* na região sul, associados ao culto da rainha dos céus *Istar*, a estrela da manhã e da tarde, que segundo as crenças, conduz as forças benéficas e criadoras da noite. *Ea*, deus do culto de Eridu; *Samas*, deus da "casa do sol", adorado pelos soberanos da Babilônia sententrional, em Siper, juntament com sua esposa *Aa*, deusa que espalha a vida, deusa da humanidade. *Anúit*, a estrela da manhã, sob a dupla figura de deusa d afertilidade e de deusa da guerra, adorada na ciade de Sipar de Anunit; *Bel*, deus das forças atmosféricas, tendo como mensageiros os *"demônios das tempestades"*, ao lado de sua esposa *Beltis*, adorada como a soberana, a mãe, a deusa da terra, na cidade de Nipur; *Sin*, deus da lua, com o nome de *Nanar*, o facho, considerado como o filho primogênito de *Bel;* é quem ilumina a noite obscura; é o "poderoso touro de *Anu*" (o céu), o deus criador.

RELIGIÕES ASSÍRIAS E FENÍCIAS

O domínio semita ocidental estendeu-se para os lados do Mar Mediterrâneo e do Eufrates. Na zona norte dessas regiões, como vizinhos desses povos, contavam-se os hititas e os povos da Ásia Menor, e daí, os Sírios, Fenícios, Filisteus e Cananeus terem quase que idênticas concepções religiosas, e práticas análogas nos seus rituais. O fator primordial desses cultos semíticos é justamente a feição de um naturalismo de forma politeísta. Seus deuses eram considerados os senhores do céu e da terra; reinam no céu e na terra, tidos como donos ou senhores do país ou da cidade onde eram especialmente cultuados e adorados. Seus deuses exerciam a sua ação nos pontos onde era manifestada a energia criadora das forças naturais; assim, as nascentes dos rios, os lagos, as árvores sagradas, etc., eram tidos como lugares de culto. As árvores sagradas, desempanhavam um papel preponderante nos seus rituais. a *"aschera"* era um culto sagrado, no qual, uma estaca espetada no chão indicava o lugar onde a divindade se manifestava e exercia o seu grande poder. Por outro lado, os seus deuses eram representados sob horrendas formas, caracterizadas por toscas figuras de animais.

Entre as divindades sírias, encontra-se *Haddad*, como entidade máxima. No culto de Hierápolis, apresentavam-se *Atargatis* e *Astartéa*, que segundo a história religiosa da Assíria, representava a união dos cultos de *Astartéia* e do *Adônis*. *Astartéia* era representada por uma deusa que tinha a seu serviço grande número de eunucos vestidos de mulheres, os quais, com o nome de Galos, eram chefiados por um deles, com a denominação de Arquigalo. Como animais sagrados, encontravam-se os peixes e as pombas, onde aparece a deusa Derketa, a qual era representada com corpo de peixe.

Entre os deuses fenícios encontra-se *Baal*, considerado como o deus do céu, o qual era cultuado principalmente nas montanhas. O seu poder é ao mesmo tempo criador e funesto, caracterizado por símbolos tirados do reino animal, a exemplo do touro e do leão, onde lhe atribuem o poder gerador e destrutivo do calor solar. Tinha como símbolos os vegetais e as energias que no seio da natureza originam a vida.

COMO SE ORIGINARAM ALGUMAS RELIGIÕES

Com a multiplicação do elemento humano sobre a face da terra, quatro condições essenciais concorreram para que o homem procurasse dentro da sua imaginação, a criação de alguma cousa que o identificasse perante o criador de todas as cousas.

A PESTE, a FOME, o MEDO e a MORTE, foram os elementos primordiais, para induzirem o elemento humano a procurar dentro de uma concepção, o lenitivo e o bálsamo para as suas aflições.

Seria necessário que o homem temesse a alguma cousa, por isso criaram-se as religiões, baseadas unicamente no dogma de que uma força superior regia os destinos de toda a humanidade.

JEOVAH, o Deus de Israel foi o primeiro a impor a sua condição, ao incutir no seu povo o poder da sua força e o medo ao seu castigo. Ao ditar a Moysés os seus mandamentos, impôs-lhe também o dever de adorá-lo e obedecê-lo.

JEOVAH era um Deus vingativo, e procurava pela força, incutir no espírito dos seus filhos, a violência das suas pragas.

Muito sofreu o povo do Egito, quando, sob a tutela do segundo Faraó, quis impor o domínio sobre o povo de Israel.

Foram precisas OITO PRAGAS, para que Faraó abandonasse o seu intento, e deixasse seguir a Moysés e seu povo, através das escaldantes areias do deserto.

Por sua vez, o homem, sentindo todos os reveses e todas as condições impostas pela própria natureza, sentia a necessidade de dar expansão aos seus instintos, e assim, as idéias se multiplicaram, e cada um julgou e criou um Deus à sua maneira, proliferando de modo assustador, a questão da crença e da religião.

Espalharam-se as raças humanas pela face da terra, e com elas suas religiões.

O BRAHMANISMO

BRAHMA, Deus mitológico da época brahmânica, foi o primeiro Deus da Índia sob o império dos Vedas, considerado o craidor dos mundos, dos deuses e de todas as criaturas. Teve dois períodos, sendo o primeiro, reservado ao período filosófico da religião hindu no seu estado primitivo, ou *Vedismo;* e o segundo, a sua forma panteística da Índia de nossos dias atuais, ou INDUÍSMO.

Para os hindus, o Deus Brahma representa o papel de primeira pessoa da trindade, denominada *Trimurti*, tendo ainda a denominação de *Vichnú* para os sacerdotes vichnuítas, ou de *Civa*, para os sacerdotes civaítas.

Sua representação é feita por uma estátua contendo quatro cabeças e quatro braços, segurando um rosário, ou ainda: montado num cisne ou num pato.

Antes do Brahmanimo, já existia o Védismo, sendo este substituído por aquele, entre os séculos XII e VII antes da era Cristã.

Segundo a crença brahmane, o universo criado por Brahma, é dividido em três regiões: uma superior, a qual é composta da sobreposição de seis céus, considerados como residências dos diversos deuses; os dois mais

elevados denominam-se: *Svarga* ou paraíso de Indra, e *Brahma-Laka* ou *Brahma-vrinda*, o paraíso de Brahma.

Quanto ao planeta terra, consideram-na dividida em sete continentes concêntricos, separados por sete mares, estando agrupados em torno da montanha santa, denominada *Méru*, que sustenta o céu.

A parte inferior da terra, denomina-se *Pâtala*, consideram-na dividida em cinco andares, determinada como a habitação dos demônios, onde o último andar é o inferno ou *Naraka*.

Ainda, segundo a teoria brahmânica, a duração do Universo é representada por 2.160 milhões de anos correspondentes a um dia ou uma noite de Brahma, caindo a seguir no caos, para se a obra novamente reiniciada pelo Deus Brahma, ao despertar.

Quanto ao que diz respeito à imortalidade da alma, acreditam os brahmanes, que o homem sofre a influência da transmigração ou metempsicose, desde o elemento planta, até o homem propriamente dito.

Dizem os adoradores de Brahma, que a sua origem provém da boca do próprio Brahma, e que, por direito de nascimento, consideram-se superiores às três outras castas existentes, e que são: os guerreiros ou os chamados *kchatriyas;* os busgueses ou *vaciyas*, e os operários ou lavradores, denominados *çudras*.

Possuem a sua hierarquia sacerdotal, de vez que os membros das três primeiras castas: *brahmanes, kchatriyas* e *vaciyas*, só têm o direito de receber instrução religiosa, chamando-se a essa investidura, o nome de *dv'dja*, o que quer dizer: *"duas vezes nados";* isto, em virtude do segundo nascimento, que lhes conferem a alta iniciação e o uso do cordão sagrado.

Por sua vez, aos *çudras* não é dado o direito de receber a instrução religiosa ou melhor: a alta iniciação, constituindo como único ato de merecimento o cumprimento e a obrigação de darem aos *brahmanes* os donativos por eles exigidos.

O BUDDHISMO

Sendo a sua origem primitiva na Índia Central, na região conhecida com nome de Nepaul, é hoje o *Buddhismo*, conhecido como uma doutrina de caráter filosófico-religioso, na qual o Deus Buddha é ao mesmo tempo ponto nevrálgico e fundador.

O Buddhismo, que no princípio era considerado como uma simples seita filosófica, nasceu sob a influência pessimista que reinava naquela era, e o seu propósito era libertar-se dos males da transmigração ou renascença perpétua da alma, uma vez que não havia conseguido ver-se livre dos laços da vida material.

Foi o fundador do Buddhismo, *Siddhârta Gautama*, sendo no entanto mais conhecido com o nome de *Buddha, Cokya-Muni*.

Cakya-Muni, considerado como um personagem semi-histórico e semi-mítico, era um príncipe Cakya. Aos vinte e nove anos de idade, esse princpie, abandonando sua tribo e sua família, rejeitou o reino, para dedicar-se, em lugar ermo e solit rio, ao culto da oração, com o fim de conseguir um meio de salvar a humanidade, que se afundava no desespero.

Após seis anos de solidão e profunda meditação, voltou à civilização, declarando-se ungido de sabedoria, e denominando-se *Búddha* (sábio iluminado), ou me lhor: possuidor da essência divina e verdadeira.

Começou a pregar a teoria de que todos os homens sob o ponto de vista religioso são iguais, e que todo aquele que se entregasse ao estudo e à meditação, à renúncia e à abnegação de si próprio, obteria como felicidade um descanso eterno no NIRVANA, como prêmio da própria ciência.

Pelo fato de que *Cakya-Muni* nada deixara escrito com relação às suas teorias, seus discípulos sentiram a necessidade de unificar suas doutrinas, e, de acordo com

as Escrituras cingalesas, datadas do ano 478 foi adotada pelos sábios europeus a obra dos concílios de *Râdjâgrilha* e de *Vaiçâli*. *Cakya-Muni* morreu no ano de 543 Antes de Cristo.

Após a morte do sábio, o Buddhismo entrou numa nova fase, completamente diferente de até então. Os discípulos de *Cakya-Muni*, embora sabendo que o seu mestre não aspirava para si uma origem divina ou mesmo sobrenatural, pois, desejava apenas que os mesmos lhe votassem um culto de reconhecimento e respeito, foram aos poucos modificando essa veneração, e em pouco tempo passaram a adorá-lo. Dessa maneira *Cakya-Muni* reconhecidamente inimigo dos deuses, inimigo do sacrifício e da oração, teve o seu culto modificado, e em seu louvor fizeram-se sacrifícios, criaram-se orações, esculpiram-se imagens e erigiram-se templos. Tornara-se o Buddhismo uma verdadeira religião.

Dessa religião, formaram-se dois partidos: o *Hinayâna*, baseado nas escrituras, e o *Mahâyâna*, que criou um sentido esotérico, nos ensinamentos do mestre. Esses dois partidos tomaram no entanto rumos diferentes, sendo que o Hinayâna conservou o seu império na Índia do Sul, ao passo que o *Mahâyâna* passou a exercer o seu reinado nas bandas do Norte.

Como não podia deixar de acontecer, o gênio do mal teria forçosamente que exercer o seu forte domínio. Assim sendo, a escola *Mahâyâna* mergulhando no declínio, procurou abraçar o veneno da filosofia especulativa, caindo na torpeza das maiores extravagâncias. Seus erros produziram o que se havia de esperar e o Buddhismo *Mahâyâna* caiu estrepitosamente.

DOGMAS DO BUDDHISMO

Tirados quase que exclusivamente da filosofia Brahmânica, foram os dogmas do Buddhismo, pois baseavam-se unicamente na filosofia da escola materialista do *Sânkhya de Kapila*, que afirmava a existência da eternidade bem como a indestrutibilidade da matéria elementar, a qual, sob a influência de uma lei mecânica fatal, e ainda, sem a influência ou intervenção da vontade e do poder divinos, agregava e combinava os elementos de molde a produzir tudo o que existe no Kosmos Universal.

Acreditavam os Buddhistas que a alma dos seres vivos sofre as mesmas leis que o universo, ou melhor: que se transformam ou evoluem durante todo o YUCA (o que representa na lei espírita o KARMA), passando pelos períodos da vida animal ao homem, e do homem aos deuses, sofrendo entretanto alternativas de elevação e queda, de conformidade com as virtudes ou vícios, procurando no aperfeiçoamento destruir os vícios, para atingir o estado de NIRVANA.

Tinham eles pavor ao que denominavam de eternidade de renascimentos, que constitui o tão temível castigo da *transmigração*.

Para remediar entretanto esse mede, procurou *Cakya-Muni* dar-lhes remédio, proclamando como dogma o que ele denominou de: "QUATRO VERDADES EXCELENTES", ou sejam: a Dor, a Produção, a Cessação e o Caminho. Assim sendo, procurou interpretá-las da seguinte maneira: A dor como elemento inseparável da existência; a existência como produto da ignorância; a extinção da ignorância destruindo o poder dos sentidos; o caminho como sendo a revelação da vida para a obtenção dessa extinção.

Considerou a vida como tendo oito bons caminhos, compreendendo: a ciência; a observação das cinco interdições (matar, roubar, cometer adultério, mentir e embriagar-se); a abstenção dos "dez pecados" (assasínio, roubo, fornicação, mentira, maledicência, injúria, murmuração, inveja, ódio, e erro dogmático); a prática dos "seis virtudes" (esmola, moralidade perfeita, pa-

ciência, energia, bondade, caridade ou amor ao próximo).

Considerava o homem como possuidor do livre arbítrio, tornando-se responsável pelos seus atos, sofrendo fatalmente as conseqüências de todo o mal praticado, não havendo poder algum sobrenatural que os pudesse atenuar ou destruir.

Pregava o dogma de que os sábios teriam como recompensa das suas virtudes, renascer de conformidade com os méritos; que o indiferente ou pecador renasceria forçosamente em condições essencialmente inferiores.

O inferno não seria eterno, e os deuses gozariam apenas de um poder e felicidade relativas, estando sujeitos à obrigação de renascer; entretanto só os buddhas não renasceriam e possuiriam a beatitude perfeita, ao atingirem o estado do *Nirvana*.

Pelo exposto, podemos perfeitamente comparar o Estado do *Nirvana* ao "Reino de Aruanda" na Lei de Umbanda, onde os *Orixás Maiores* jamais desceriam à condição humilde de encarnar ou voltar à terra após o aperfeiçoamento espiritual.

O APERFEIÇOAMENTO DO BUDDHISMO NA CHINA

Pelos dados históricos existentes tem-se como certo, de que a China foi o primeiro país invadido pelo Buddhismo. Segundo alguns autores, em 225 antes da era Cristã, foi feita uma primeira tentativa, a qual não logrou, contudo um resultado satisfatório. Entretanto, no ano 65 da era atual, conseguiram os missionários buddhistas ensinar e ministrar essa religião. Pouco progrediu o Buddhismo na China principalmente até quase o fim do século IV, quando por essa ocasião, em virtude de um movimento de grande envergadura, que se prolongou até o século X, conseguiram os chineses novas glórias para o Buddhismo, conquistando outros povos. Foram eles os japoneses e coreanos. Acontece porém,

que o Buddhismo sofreu uma decadência acentuada, vindo a extinguir-se completamente, pelos fins do século XVI.

O Buddhismo chinês, a princípio pertenceu à escola *Hinayâna*, porém, a seguir foi dominado pelo sistema Mahâyana, que prevaleceu definitivamente. No ano de *Mahâyana*, que prevaleceu definitivamente. No ano de 520, o missionário índio *Bodhi-dharma*, fundou a escola de *Dhyâna* (ou da Meditação), absorvendo completamente as outras seitas que antigamente predominavam.

Finalmente, em virtude da ignorância do clero Buddhista Chinês, que se deixou dominar pelos ataques da nova teoria Confucionista que acabava de surgir, o Buddhismo perdeu quase toda a sua prepotência e consideração no Estado Chinês. Ainda assim, a maior parte dos chineses, ainda concorrem para a manutenção dos templos Buddhistas.

A partir daquele momento, novas teorias surgiam na lengendária China; e, Confúcio, o filósofo, historiador e homem de Estado chinês implantava uma nova seita religiosa: o CONFUCIONISMO.

A ORIGEM DO BUDDHISMO NO INDO-CHINA, NO JAPÃO E NO THIBET

Estabeleceu-se na Indo-China, nas regiões denominadas: Cambodge, Sião e Birmânia, a doutrina buddhista Hinayâna, ao mesmo tempo que a China aceitava essa doutrina. Os seus preceitos religiosos no entanto não foram modificados conservando-se integrais na sua pureza primitiva, tal qual haviam sido concebidos na simplicidade do seu aparecimento.

Para o Japão, o Buddhismo foi levado em 552 por intermédio de uma embaixada de missionários buddhistas coreanos, pertencentes à escola Mahâyâna, a qual só adquiriu o direito de estabelecer-se e existir, no fim do século VIII. Assumiu o Buddhismo Japonês no decorrer

do século XI o privilégio de verdadeira crença e grande voto de fervor, desempenhando um papel de magna importância nas perturbações sofridas que originaram a existência do feudalismo. Ainda hoje no território japonês, conta o Buddhismo entre os seus crentes e adeptos, com mais de dois terços da população.

Já no Thibet somente muito tempo depois desses acontecimentos foi que se estabeleceu o domínio religioso buddhista. Embora contando com a proteção do Rei *Strong-Tsan Gam-po* tiveram os buddhistas que lutar tenazmente contra a religião indígena existente, denominada *Bom-pa*.

No período de 740-786, estabeleceu-se finalmente o Buddhismo no Thibet, contando com o apoio do Rei *Khri-Strong de Tsan*, quando fez ir a essa região os monges *Santa Rakchita* e *Padma Lambhava*, que conseguiram introduzir as doutrinas místicas da Escola Yogatcharya, com o culto dos denominados *Dhyâni-Buddhas*.

Embora tenazmente perseguido por muitos anos, conseguiu o buddhismo reconquistar uma situação privilegiada, predominando durante um certo tempo, para mais tarde cair no domínio da superstição e na demonolatria.

Mais uma vez o gênio do mal, lançava suas garras para derrubar todas as teorias e conceitos do bem.

Algum tempo durou ainda essa situação, até que o monge *Tsong-Khapa*, do mosteiro de Gah-Idan, introduziu uma reforma eficaz, restabelecendo toda a pureza que existia nos antigos dogmas búddhicos.

Tsong-Khapa morreu em 1471, e seu sucessor, *Gedoun-Groub* introduziu novas bases na constituição hierárquica sacerdotal, adotando para essa modificação o nome de lamismo, tomando desta forma um título: *Dalai-Lama*. Já pelo ano de 1624 o quinto *Delai-Lama* por nome Ngavang Blobzang, valendo-se da ajuda do

povo da Mongólia, conseguiu destronra o rei do Thibet, apoderando-se do poder temporal, sendo a sua posse confirmada pelo imperador Khang-hi; e, mais tarde, após a sua morte, foi pelos seus sucessores conservada até a geração atual.

O CONFUCIONISMO

Com o nome de *Khong-tseu* ou *Khong-fu-Teu*, ou ainda: sábio, mestre ou doutor *Khong* e mais tarde "CONFÚCIO"; foi esse grande filósofo historiador e homem de Estado chinês, o criador e impulsionador da doutrina *Confucionista*.

Nascido no ano de 551 Antes de Cristo, no reinado de *Lu*, onde seu pai era o governador (*Tafu*), descendente de uma antiga família denominada *Khung*, por sua vez oriunda de nobres fundadores da dinastia *Tcheu* (1134 A.C.), era Confúcio, dotado de grande inteligência, de grande sabedoria e perfeito caráter. Pela retidão de seus atos viu-se cercado de honrarias, e o próprio Rei não hesitou em confiar às suas mãos, as maiores funções de Estado.

Preferindo demitir-se, com a finalidade de se votar inteiramente à causa religiosa do seu povo e dos governantes, iniciou e preparou com a leitura dos livros canônicos (*Kings*), os quais eram conhecidos como artes liberais, ou sejam, a *música*, o *cerimonial*, a *aritmética*, a *esgrima* e a *arte de conduzir um carro;* a orientação e a educação daqueles que procuraram seguir a sua doutrina.

Sendo a China dividida em pequenos Estados, em breve os seus soberanos procuraram na doutrina do sábio, disputar para si os ensinamentos que lhes facilitavam a arte de governar, procurando deste modo o amor dos seus povos.

Estando afastado de sua pátria por longo período de tempo, e desesperado pelo fato de ter perdido sua mulher, seu filho, e seu melhor discípulo, de nome *Yen hoei*, resolveu o mestre voltar ao seu torrão natal, consagrando-se durante o resto de sua vida ao ensino de sua doutrina.

Conseguiu reunir perto de 3.000 discípulos. Morreu com a idade de setenta e três anos, em 479 antes da era Cristã, tendo antes revisto os *Kings*, e dado um último impulso às suas obras de literatura e filosofia.

Não morrera entretanto a grandiosa obra de *Confúcio*, pois, seus discípulos ao continuá-la, propagaram-na através de todo o imenso território chinês, tornando-a base da civilização chinesa e princípio fundamental das sociedades, que até os nossos dias são seguidos por todas as classes sociais do Império Chinês.

Os Reis e Imperadores, ao votarem-lhe honras divinas, mandaram erigir-lhe templos e estátuas, tecendo-se em torno de sua memória um culto de veneração como o verdadeiro benfeitor da grande nação chinesa.

Um grande amor pela humanidade, revelam as obras filosóficas de Confúcio, nas quais, o Ta-hio (*grande estudo*), o *Tchung-yung* (*firidez do meio*) e o *Lung-yu*, bem demonstram o princípio básico no qual se fundamenta a doutrina divina: *"amar o próximo como a nós mesmos"*.

Baseado no sistema sobre o qual o homem tem deveres recíprocos com relação entre: príncipes e vassalos, pais e filhos, povo e governo, criou o princípio no qual se fundamenta a família, na qual devem ser encarados: o respeito aos pais, o culto aos antepassados, o zelo ao nome, numa fórmula de perfeita conciliação entre os seres.

Como verdadeira religião nacional, instituiu e insistiu no culto dos antepassados, onde o *Chang-Ti* e os outros deuses, são considerados como sendo os espíritos purificados dos primeiros antepassados da nação. Para *Confúcio*, a moral verdadeira, era a própria perfeição.

Considerava a moralidade como sendo superior à própria natureza, e como pertencendo ao primeiro princípio da formação do universo.

Acreditava ainda que: *"O céu e a terra são grandes sem dúvida; no entanto, também neles o homem encontra imperfeições"*; e, por isso, considerando a regra moral como o maior dos fundamentos; dizia: *"o mundo não pode contê-la"*.

Pregava e recomendava como principais virtudes, a *moderação*, a *justiça*, e, sobretudo a *humanidade*.

Foi Confúcio quem afirmou muito antes da existência do próprio cristianismo, um dos seus princípios essenciais, ou seja, a doutrina: *"Procede para com os outros como quererias que eles procedessem para contigo"*.

CAPÍTULO VI

O CRISTIANISMO — AS RELIGIÕES DESMEMBRADAS DO CRISTIANISMO — OS REFORMADORES — A ERA KARDECISTA E SEU FUNDADOR ALLAN KARDEC

O CRISTIANISMO

Deu-se o nome de Cristianismo, à religião surgida em Roma, nos tempos de Nero, professada pelos chamados Cristãos, os quais professavam a lei de Cristo ou *Chrestos*, com a significação hebraica de *bom, doce, agradável, saudável, nutritivo*, etc. Cristo, não representava nome próprio, e sim, o equivalente a Messias, ou enviado de Deus.

A crença cristã afirma a existência de um só Ente, o qual consideram como: imutável, absoluto, infinito, onipotente, onipresente e criador único de todas as substâncias. Dessas substâncias compreende-se a criação dos entes espirituais puros (*anjos*), das matérias (*astros*), e dos homens, considerados de origem mista, por conter em seu Eu espírito e matéria ou corpo e alma. Deus é esse ser imortal ,esse espírito supremo, consciente e onisciente. Acreditam os cristãos que os anjos, por serem criaturas de Deus, permanecem no céu os bons, e no inferno aqueles que se rebelaram contra as suas leis.

Tem como ponto fundamental a filosofia cristã, a crença na imortalidade da alma, condição essencial aos

dogmas e moral do Cristianismo. Acredita-se que todas as almas retomarão seus corpos, a fim de comparecer ao tribunal de Deus, no dia do *Juízo Universal*, onde receberão o castigo ou prêmio pelas boas ou más ações impetradas durante a passagem pela terra. Segundo os católicos, cismáticos ou protestantes, essa alma vai para o céu ou para o inferno; e ainda, segundo a crença católica, irá para o purgatório, segundo a desobediência das leis da igreja.

Como dogma fundamental da lei cristã, está a fé na qual Jesus Cristo é o filho de Deus feito homem, assumindo na terra a natureza humana, unindo a Divindade e a humanidade em uma só pessoa, vindo a este mundo para a salvação da humanidade sofredora, e que, morrendo na cruz, ressuscitou, subiu aos céus, e está sentado à direita do Deus Todo Poderoso, e há-de vir novamente à terra, a fim de julgar os vivos e os mortos no dia do juízo final, para estabelecer definitivamente o Reino de Deus.

Admitem ainda todas as crenças cristãs ,o dogma da *Santíssima Trindade*, na qual consideram o *Pai*, o *Filho* e o *Espírito Santo*.

Jesus Cristo é o filho de Deus, que foi enviado pelo *Pai*, e por sua vez, este lhe enviou o *Espírito Santo*, que através do batismo, era ministrado ao homem o sacramento da iniciação cristã ou filiação do homem a Deus.

De documentos da Escritura Sagrada, admitidos pela igreja católica, consta o seu cânone ou catálogo, com 73 números, que, começando do Livro do Gênese, Êxodo, Levítico, etc., vai até o Apocalipse de S. João. O conjunto desses escritos forma a chamada Bíblia católica. Entretanto alguns desses livros não são admitidos na Bíblia Protestante; tais como: o de Tobias, Judite, Sapiência, Eclesiástico, Baruque, I e II dos Macabeus, etc.

Também com o advento da reforma, Luthero excluiu da Escritura a Epístola de São Paulo aos Hebreus.

a Epístola de Santiago, a de São Judas e o Apocalipse. Da dissidência havida entre os praticantes do cristianismo, surgiu a separação dos descontentes, e na época atual encontram-se várias religiões desmembradas do cristianismo.

Da própria Bíblia, surgiram duas religiões distintas: a *Batista*, que seguia o evangelho; e a *Católica Apostólica Romana*.

Os seguidores de Cristo, apesar da perseguição sofrida, foram tomando alento, e o cristianismo triunfava sobre o paganismo. Os pagãos idólatras, aos poucos iam sendo induzidos a aceitar a fé em Jesus Cristo, reconhecendo-o como o filho de Deus, aceitando e crendo na sua ressurreição. Aos poucos, foram os pagãos se convertendo ao cristianismo, e dessa mistura surgiram também as desinteligências. A Bíblia como padrão de fé fôra posta à margem, e a liberdade religiosa foi considerada como heresia, formando-se vários partidos. Surgiram os conflitos religiosos, e numerosos fiéis desligaram-se da igreja apostatada.

Constituindo doutrina fundamental da igreja romana, o Papa representava o ponto vital da igreja universal de Cristo, investindo-se de autoridade suprema sobre bispos e pastores do mundo inteiro. Desta maneira originou-se a usurpação, e o papado, para evitar que o povo tomasse conhecimento das Escrituras Sagradas, procurou ocultar a Bíblia, pelo fato de que ela exaltava a Deus, e mostrava ao homem a sua verdadeira posição perante ao criador de todas as coisas. Ao povo não lhe foi mais dado o direito de ler esse livro ou mesmo possuí-lo, ficando deste modo entregue aos sacerdotes e prelados, incumbidos de ministrar aos cristãos as suas próprias convicções. Assim sendo, o papa investiu-se de plenos poderes, e veio a ser quase que universalmente reconhecido como o enviado de Deus na terra, possuindo autoridade sobre a Igreja e sobre o Estado. Os mandamentos da Lei de Deus foram suprimidos em alguns pon-

tos e insertos em outros, a fim de que permanecessem com número exato. Passaram-se a adorar imagens, em completa desobediência às Leis Divinas. Houve o protesto em virtude de que com o estabelecimento do papismo, a fé em Cristo deixava de ser o verdadeiro fundamento da igreja, taribuindo-se ao papa o poder de autoridade em confiar e perdoar os erros dos homens. Foi imposta ao povo, a condição de que o papa representava o mediador de Cristo sobre a terra, e que ninguém podia chegar-se ao Pai, senão por seu intermédio, e que por esse motivo devia ser incondicionalmente obedecido e respeitado. O papado encheu-se de força e de dinheiro, à custa das chamadas *"indulgências"*, e no século XIII instituiu-se o mais hediondo e horripilante instrumento da catequese romana — a *Santa Inquisição*.

Tornara-se o papa o maior déspota do mundo, e a igreja católica atingiu clímax do seu poderio universal.

AS RELIGIÕES DESMEMBRADAS DO CRISTIANISMO

Pelas iniqüidades sofridas pelo povo, em virtude da supremacia papal, não poderia a terra permanecer durante longo período nesse estado de coisas. A luz da verdade não haveria de ficar totalmente extinta, pois, alguns homens ainda guardavam a fé irrestrita no supremo criador de todas as coisas; e assim, outras idéias surgiram, e novas religiões fundamentadas no verdadeiro cristianismo, apartaram-se do poderio de Roma.

Em primeiro plano, vieram os *Valdenses*, que resistiram às imposições e à autoridade papal. Aferrados à doutrina cristã, em verdadeiro contraste com as falsas doutrinas apregoadas por Roma, lutaram denodadamente durante alguns séculos. Foram os Valdenses os primeiros entre os povos da velha Europa, que conseguiram uma versão exata das Sagradas Escrituras, pois, séculos

antes da reforma religiosa já possuiam eles a Bíblia manuscrita, traduzida em sua própria lingua.

Como verdadeiros seguidores de Cristo, sofreram também a perseguição e o vilipêndio. Suportando toda a série de iniqüidades, continuaram a testemunhar a verdade de Deus, e embora perseguidos de morte, lançaram a semente da reforma, que continuou com as obras de Wycliffe, Huss, Jerônimo, Luthero e muitos outros.

JOHN WYCLIFFE

Muito tempo antes da reforma, com exceção dos *Valdenses*, os povos não puderam ler a Bíblia, em virtude da existência de apenas alguns exemplares, bem como pela imposição da igreja católica; que o proibia terminantemente. Entretanto, no século XIV, surgiu na Inglaterra um homem que foi o arauto da reforma não só para o seu país de origem, como também para o benefício de toda a cristandade.

Esse homem foi John Wycliffe, que lançou o seu veemente protesto contra Roma e suas arbitrariedades.

John Wycliffe, recebera uma educação liberal privilegiada, e, concebia o temor de Deus como princípio de toda a sabedoria. Como conhecedor profundo da filosofia escolástica, e perfeito manejador das leis civis e dos cânones da igreja, não hesitou em mostrar os erros que se cometiam contra a verdadeira finalidade do cristianismo. Ainda como estudante, aprofundou-se no estudo das Sagradas Escrituras, as quais só existiam escritas em línguas mortas, e assim, encaminhou a sua obra reformadora.

Wycliffe, denunciando os abusos e erros sancionados pela autoridade romana, veio trazer as luzes da razão, e seus ensinamentos começaram a exercer poderosa influência sobre os espíritos diretores da nação. Por esta razão, os chefes católicos não viam com bons olhos a força dominante que o reformador alcançava pouco a

pouco, a ponto dos reis e nobres negarem a autoridade papal, recusando-se a pagar os seus tributos à igreja.

O reformador foi chamado a defender os interesses da coroa britânica contra as pretenções de Roma, e durante dois anos foi o embaixador real, junto aos Países Baixos. Voltando à Inglaterra, foi nomeado pelo rei, reitor da Universidade de Lutherworth.

O papado romano decretara a morte de Wycliffe porém, o papa que assinara a bula, morrera antes de ver executado o seu plano de destruição do reformador.

Citado mais de uma vez perante os tribunais eclecíáticos, Wycliffe vencera, e com ele, o *"Protestantismo"* dera os seus primeiros passos.

JOÃO HUSS E JERÔNIMO

João Huss, nascido na Boêmia, filho de pais humildes, iniciara seus estudos numa escola provincial, continuando na Universidade de Praga, como estudante de caridade, os seus conhecimentos de humanidades. Fazendo rápidos progressos e distinguindo-se pela sua infatigável aplicação aos estudos, em pouco grangeava a simpatia e estima geral. Uma vez completado rapidamente os mais altos degraus, foi admitido na corte, sendo a seguir nomeado professor, e mais tarde reitor da Universidade onde havia começado seus estudos.

Anos após o recebimento das ordens sacras, foi João Huss nomeado pregador da capela de Belém.

Por essa ocasião, um cidadão por nome Jerônimo, filho de Praga, tendo trazido da Inglaterra os escritos de Wycliffe, associou-se a Huss; e este, lendo minuciosamente esses escritos, coniderou-o perfeitos e resolveu enveredar pelo mesmo caminho que o seu autor, afastando-se completamente de Roma.

Durante algum tempo sofreu da mesma forma que o primeiro reformador, todo o ódio do império papal, e, mais tarde, aliando-se definitivamente a Jerônimo, em-

preenderam ambos a obra meritória da reforma, que avançou rapidamente.

Inúmeros incidentes acompanharam a vida desses dois denodados reformadores. Primeiro foi Huss, condenado à morte pela fogueira, e a seguir, Jerônimo, após várias citações perante os tribunais inquisitoriais romanos, foi também levado à fogueira, por não abjurar da sua oposição contra os mandatários da igreja.

MARTINHO LUTHERO

Dentre os reformadores que se incumbiam de guiar a igreja, e tirá-la das trevas do papismo, destaca-se Martinho Luthero.

Tendo nascido em Eisleben (Thuringia), em 1483, Martinho Luthero, reformador religioso da Alemanha, passou a sua juventude na cidade de Mansfeld. Era Luthero descendente de camponeses, e muito jovem, com a idade de 14 anos, foi mandado para a escola latina de Magdeburgo, de onde se passou para a de Eisenach, logo a seguir. Em 1505, recebeu na Universidade de Erfurt, o grau de mestre em filosofia. Tendo entretanto interrompido os seus estudos de direito, entrou para o convento dos Agostinhos de Erfurt, recebendo em 1507 o sacerdócio. Publicou entre os anos de 1516 e 1518 as obras de Tauler e o pequeno livro de *Teologia Germânica*. Concebera nessa ocasião a idéia central da sua teologia, na qual concebia que: "o homem caído, privado de Deus, para sempre incapaz de sair do seu nada, é salvo pela pura graça de Deus". Com o advento das "indulgências" postas a venda por imposição do papado romano, ofereceu-se a Luthero a ocasião própria para a ruptura com a igreja de Roma. Luthero atacou o inquisidor Tetzel (1517), sendo obrigado, por esta rebelião, a refugiar-se em Wittemberg, sob a proteção de Frederico, eleitor de Saxe.

Firmando-se nos seus princípios, embora certo das conseqüências que lhe acarretariam suas idéias, passou a negar sucessivamente a autoridade do papa, o celibato dos padres, a jerarquia, os votos monásticos, o purgatório, a missa e o culto aos santos. Por esse motivo excomungado, e ainda, por ter queimado na praça pública de Wittemberg a bulla do papa, fato esse passado em 16 de dezembro de 1520. Tendo sido citado perante a Dieta de Worms em 1521, Luthero ao apresentar-se ante o concílio foi desterrado do império, em virtude da recusa de submeter-se às ordens papais.

Contando com o apoio do seu protetor Frederico de Saxe, ficou Luthero oculto durante dez meses no castelo de Watburgo, onde principiou a escrever numerosos panfletos. A seguir, de 1522 a 1526 percorreu toda a Alemanha, pregando a Reforma. Casou-se com Catarina de Bore, em 1525, e no período compreendido entre 1526 a 1529, trabalhou no sentido de organizar a sua igreja, contando com a colaboração de Melanchton, que segundo a história, foi o principal autor da confissão de fé espalhada em Augsburgo, em 1530.

Perigava entretanto a sua obra, em virtude da guerra dos camponeses; porém, a formação da liga de Smakald, em dezembro de 1530 assegurou-o sobre o futuro da sua grandiosa obra de reforma. Em 1534, estalou a revolta dos anabatistas, sendo a seguir imediatamente abafada. Luthero empregou os últimos anos de sua existência desenvolvendo a sua doutrina, defendendo-a contra as objeções dos seus antagonistas, e mesmo do exagero de alguns de seus seguidores ou discípulos, que pretendiam modificar-lhe alguns conceitos. Luthero muito sofreu com o Estado da Alemanha, e segundo alguns, acredita-se que se tenha suicidado, sendo entretanto inverídica essa suposição.

Como escritos que o identificaram, ficou-nos, além da sua tradução clássica da Bíblia, inclusive os seus comestários (1522), a célebre carta à nobreza alemã, es-

crita em 1520; o Cativeiro de Babilônia, em 1520; Contra a bula do Anti-Cristo, também em 1520; Exortação à paz, em 1525; do Servo árbitro, ainda em 1525, etc. Finalmente, conhecem-se através da obra *"Ditos de Mesa"*, de autoria de amigos íntimos de Luthero, escrita em 1566, as palavras e gracejos que o reformador exprimia livremente no convívio da intimidade com os seus adeptos.

A ERA KARDECISTA E SEU FUNDADOR

ALLAN KARDEC

Ei-nos chegados a um dos pontos básicos, no qual se fundamentam todas as teorias espirituais: O KARDECISMO.

Antes porém, de explanar-vos a minha opinião sobre tão delicada teoria, vou em duas palavras, mostrar-vos um ponto de vista que ainda hoje suscita uma tremenda dúvida entre os praticantes do próprio kardecismo:

1.ª — Allan Kardec jamais criou a terceira revelação; de vez que, ela já existia através dos séculos, nos próprios fenômenos espirituais que acompanharam a evolução do mundo, desde os primórdios da sua existência;

2.ª — Deve-se a Allan Kardec um preito de eterna gratidão pelo muito que fez em prol das causas espirituais, pois que, embora, nunca tenha sido "MÉDIUM", procurou iluminar o espírito da humanidade inteira, instituindo e formando uma concepção perfeita, no que diz respeito a evocação dos trabalhadores do bem, que militam nos diversos planos espirituais.

Ao criar-se na França o Espiritismo de Allan Kardec, nada mais foi feito do que dar-se nova modalidade ao culto da Umbanda, por outra: continuar-se a ordem divina, que assim expressou, TURIM EVEI, TUMIM UMBANDA, DARMOS. "Baixou sobre a face da terra a LUZ DA UMBANDA".

Por esta razão, meus caríssimos leitores; porque continuarmos a lutar indevidamente por uma causa que é nossa, humanamente nossa, espiritualmente nossa, e na qual se irmanam todos os nossos sentimentos?...

Por que razão se degladiam mutuamente KARDECISTAS, UMBANDISTAS e QUINBANDISTAS, quando na realidade se deveriam dar a mão, e caminhar como verdadeiros irmãos, procurando a LUZ que está diante dos nossos olhos, bastando para vê-la, apenas encarar com sentimento e amor todas as manifestações espirituais que nos vêm de cima, isto é: do próprio DEUS?...

Deixemos de parte esses preconceitos tolos da sociedade corrompida, e unamo-nos numa CODIFICAÇÃO perfeita, para que a religião do futuro seja o ESPIRITUALISMO, ponto básico de toda a condição humana, que deseja a perfeição espiritual.

A época das demandas religiosas já passou, meus bons amigos...

O mundo atual precisa de homens que em vez de *Bombas Atômicas*, empunhem cânticos e preces ao Deus Todo Poderoso, para que a humanidade não se afunde no caos da ignomínia e do desespero. Façamos do nosso livre arbítrio ,uma força poderosa de amor ao próximo, e nunca uma arma de ataque e de devastação. Procuremos evoluir material e espiritualmente, e estou certo de que a nossa condição humana se tornará cem por cento proveitosa. Avancemos pelo mundo, procurando criar em vez de destruir. Aproveitemos os ensinamentos que nos são ministrados pelos "Guias Espirituais, e, podemos estar certos que; tanto os *Espíritos de Luz* do Kardecismo, como os*"Pretos Velhos"* e *"Caboclos"* de Um-

banda, e os *"Orixás da Quimbanda"*, nada mais são do que os verdadeiros missionários da fé.

Todos os fenômenos que surgem atualmente na terra, tem a sua razão de ser; e por isso, estudemos com o devido carinho todas as manifestações espirituais e, chegaremos a um ponto no qual não haverá mais dúvidas quanto ao aperfeiçoamento do homem, que foi idealizado e criado à imagem de Deus.

ALLAN KARDEC

Nunca é de mais enaltecer ou mesmo rememorar a existência na terra, de homens que pugnaram pelo engrandecimento de uma causa nobre; e, neste caso, encontra-se a situação privilegiada de Allan Kardec.

Eis portanto, em síntese, a sua verdadeira biografia:

LÉON HIPPOLYTE DÉNIZART RIVAIL, foi o nome que na terra recebeu o fundador do Espiritismo na França, e que adotou o pseudônimo de ALLAN KARDEC. Nascido em Lyon, na França, em 1804, ali começou os seus primeiros estudos, para completá-los mais tarde na cidade de Yverdum, na Suíça. Teve como mestre o célebre professor Pestalozzi, de quem foi um dos mais destacados e eminentes discípulos. Completou o curso de bacharel em ciências e letras, formando-se logo a seguir em medicina. Ao transferir-se para a capital da França, aí fundou um instituto de ensino nos mesmos moldes do colégio de Yverdum, admitindo como sócio, um seu tio materno. Por infelicidade sua, seu sócio, deixando-se dominar pelo jogo, em pouco tempo arruinou-o, deixando-lhe de saldo após a liquidação do instituto, apenas a importância de 45.400 francos, que Léon Rivail resolveu depositar em casa de um negociante, que por sua vez viera a falir, dando-lhe desta maneira um prejuízo total. Continuando na luta, apesar do duplo revés sofrido, resolveu o moço encarregar-se da contabilidade de casas

comerciais e, no silêncio da noite, dedicava-se em escrever gramáticas, aritméticas e outras obras didáticas, bem como fazia traduções de livros alemães e ingleses. Foi professor das cadeiras de filosofia, astronomia, química e física, no Liceu Polimático. Dedicando-se ao estudo do magnetismo, veio por esse motivo, travar relações de amizade com o magnetizador de nome Fortier, que lhe falou sobre o caso das mesas girantes, fenômeno esse que atribuía ao magnetismo. Fortier dizia-lhe que não só era capaz de fazer uma mesa girar, como também falar e responder às perguntas, fato este que suscitou a incredulidade do jovem professor.

Assim se expressou Léon Rivail: *"Isso acreditarei se me provarem que uma mesa tem um cérebro para pensar, nervos para sentir e que se pode tornar sonâmbula"*.

Não mudou entretanto de idéia, pois, ao assistir ao fenômeno das mesas girantes, criou suas próprias convicções, considerando o caso como um simples estudo magnético. Entretanto, como costumava freqüentar a casa de uma determinada família por nome Baudin, que se achava instalada à rua Rochechouart, onde se realizavam sessões hebdomadárias, ali iniciou seus estudos espiritistas. Não fossem as insistentes solicitações de alguns membros da família, e de pessoas que freqüentavam a casa, entre as quais se conheciam: Carlotti, René Taillandier, Thiedeman-Manthèse, a família Sardou e Didier, teria Léon Rivail, abandonado completamente o espiritismo, em virtude das suas inúmeras ocupações. Aconteceu entretanto, que essas mesmas pessoas, lhe confiaram 50 cadernos contendo manuscritos de comunicações espirituais, para, que ele os coordenasse e estudasse. Por sua vez, por intermédio de um dos médiuns da casa, foi-lhe dada uma comunicação na qual lhe dizia que no tempo dos DRUIDAS, chamava-se ele ALLAN KARDEC, e esse espírito que se manifestara, ordenara-lhe que se dedicasse ao estudo das manifestações espirituais, e que ele próprio se encarregaria de o auxiliar

nessa penosa tarefa. Foi pois, por intermédio desse bondoso *Guia Espiritual*, que Léon Rivail, iniciou grandiosa obra. Com os esclarecimentos prestados por esse *Guia*, e tendo juntado todos os cadernos, e da composição e da fusão de todas as perguntas e respostas, formou o seu primeiro livro, que se intitulou O LIVRO DOS ESPÍRITOS, cuja primeira edição foi dada à luz do público, em Abril de 1857, adotando o seu autor, o pseudônimo de ALLAN KARDEC, com o qual se tornou universalmente conhecido. A seguir, fundou a Revista Espírita, que sob a sua orientação e direção, foi publicada pela primeira vez em Janeiro de 1858.

Já em 1.º de Abril desse mesmo ano, fundava a Sociedade Espírita de Paris, que em 1860 conseguira instalar-se em sua sede própria.

Encetando diversas viagens de propaganda em prol da sua doutrna, Kardec visitou *Sens, Lyon, Mâcon, Saint-Etienne* e *Bordeaux*, vindo a falecer em Paris, no ano de 1869.

Vivera portanto 65 anos, o fundador e principal orientador de uma doutrina que mais tarde iria revolucionar a ciência, e que se alastraria através dos mundos, numa evolução constante, em prol de descobrir o que existe além da vida material.

Façamos um minuto de silêncio em homenagem àquele que prestou o seu tributo de honra em benefício da nobre causa espiritual; e, não esqueçamos também, aquele ESPÍRITO DE LUZ, que ajudou Kardec na compilação de sua obra redentora e amiga, de vez que a ele tudo se deve, por ordem do *Pai Onipotente*.

Aproveitamos ainda esse mínimo espaço de tempo, e com os olhos semicerrados, volvamos às páginas do passado, e evoquemos as figuras ímpares de *Moysés, Brahma, Buddha, Confúcio, Wycliffe, Luthero, Huss, Jerônimo*, etc., que foram outros tantos espíritos iluminados por Deus para dar orientação aos que se encontravam num mundo de obscuridade.

Não descansemos; pois a tarefa a ser cumprida é bem árdua, e o mundo, ainda precisa passar pela sua verdadeira fase de recuperação. O *Espiritualismo* virá forçosamente com o tempo, e com ele, outros brahmas, confúcios, kardecs, etc., surgirão.

Aproveitemos todo o tempo de que dispomos, para um exame perfeito de consciência, e, logo vamos ter a certeza de que o trabalho a ser feito para a reconstrução, será muito maior do que para a destruição. As falanges espirituais não dormem, e seus conselhos nos chegam rápidos e firmes, dando-nos perfeita consciência da penosa tarefa a ser cumprida.

Continua de pé o fenômeno que impulsiona todas as condições humanas. Continuará o homem a pesquisar através do sobrenatural, aquilo que ele julga perfeito, e que o levará ao *"Nirvana"*, das teorias de Buddha; ao *"Céu"*, dos Católicos e Protestantes; ao *"Reino de Aruanda"* da Umbanda, e ao *"Reino de Olurum"* da Quimbanda.

E continuará através dos séculos, a ordem divina:

TURIM EVEI, TUMIM UMBANDA, DARMOS, — "Baixou sobre a face da terra Luz da Umbanda".

CAPÍTULO VII

UMBANDA, FUTURA RELIGIÃO DO UNIVERSO

Este é um magno problema a ser encarado pelos povos do futuro. O homem idealizador e prescrutador de todos os fenômenos que encerram os mistérios da sua origem, e de tudo quanto possa existir na vida de além-túmulo, com certeza há de chegar a uma conclusão satisfatória.

A história das religiões têm-nos dado elementos suficientes para verificarmos com exatidão, o progresso cada vez mais crescente, no tocante ao que se concebe como religião, de vez que, o homem culto e inteligente, não se deixará arrastar por falsas demagogias, nem por falsos credos. Ele precisará pesquisar profundamente a questão religiosa, firmando-se nos conceitos puramente reais que a própria razão lhe ditará. O homem do futuro tirará suas próprias conclusões, à medida que os fenômenos espirituais forem surgindo à sua frente. Ainda é cedo para conceber-se uma teoria formal e profunda, sobre os mistérios que envolvem o mundo e os seres humanos; entretanto, é preciso que comecemos desde já abrir os olhos àqueles que desejam enveredar por uma senda sem espinhos, e sem os achaques da ignorância. O Brasil, infelizmente ainda conta com um número elevadíssimo de analfabetos; e, por esta razão, a sua evolução ainda

marcará passo embora a índole do seu povo seja de molde a conceber rapidamente essa questão religiosa.

Não estamos mais na época de acreditar em lendas, e nem tão-pouco concebermos fantasias que não condizem absolutamente com a realidade dos fatos. A religião católica já atingiu ao seu clímax, e o nosso povo já está farto de mentiras. Em todos os países civilizados, procura-se descobrir a verdade que existe através dos faustosos salões onde se enclausuram os magnatas do ouro, na ofuscante faustosidade do Vaticano. Jesus, o Pai misericordioso e onipotente, não pregava ao povo, sentado em tronos de ouro, e nem tão-pouco envergava riquíssimas indumentárias. Seu aspecto era simples e nobre; e o seu verbo era apenas de bondade, de igualdade e de amor ao próximo.

Hoje, tudo se deturpa... o clero está de mãos dadas com a política, e a figura de Cristo é mercantilizada ignobilmente. O crucifixo é uma verdadeira obra de arte; e os templos são verdadeiras maravilhas, que condizem perfeitamente com os faustosos palácios de Nero. Voltamos novamente ao paganismo, com a capa de missionários do Divino Mestre. Mas... o Criador de todas as coisas, não permitiu; que todos os seus legítimos porta-vozes, nós, os ESPÍRITAS verdadeiros, nos encarregaremos de mostrar onde está a verdade de Jesus Cristo, a verdadeira fé cristã, que conduzirá os povos à suprema glória de servir a Deus.

Foram-se os tempos da ignominiosa INQUISIÇÃO... surgiram as REFORMAS RELIGIOSAS... e agora, aproveitando-se o que há de puro numa concepção perfeitamente espiritual, surgiu para o mundo civilizado uma nova aurora e com ela a LUZ DA UMBANDA.

Poderão as civilizações do futuro, encarar as questões religiosas por um prisma mais acertado, de vez que, já não é mais concebível, misticismos incoersíveis, em torno de um problema que é essencialmente básico para a educação de um povo.

A situação do momento, exige provas mais irrefutáveis de todos os fenômenos que surgem a cada passo; e, assim, necessário se torna que os doutos procurem esmiuçar a verdade que ainda se encontra na obscuridade modificar-lhe a própria estrutura.

O mundo está passando por uma verdadeira metamorfose, e as desinteligências se acentuam de um modo completamente incompreensível. O egoísmo humano atingiu o seu ponto máximo e, dia virá, em que, inconcebíveis cataclismas assolarão a face da terra, a ponto de modificar-lhe a própria estrutura.

O homem está esquecido de Deus, e seu único pensamento é dar vasão aos seus sentimentos torpes de domínio e de destruição. Ninguém está satisfeito com o que possui, e a ânsia de prover para si todos os bens materiais, leva-o ao abismo do desespero e da incompreensão.

A maldade impera nos corações humanos, e o egoísmo domina todos os sentimentos.

O homem julga-se forte, potente e imperioso, quando não passa de um polichinelo nas mãos do destino. Ele não desconfia que outra força superior o domina, e o traz algemado aos grilhões da fatalidade. Nem todos são predestinados; pois, por mais inteligente e culto, por mais sábio, e por mais alto que se considere estar, mais depressa ruirá por terra.

Já é tempo de refletirmos um pouquinho mais...

Deixemos de lado certas considerações que a sociedade nos impôs, e olhemos para o horizonte, onde o plano horizoutal encontra-se com o plano vertical, formando o infinito. É para lá que nos dirigimos. O caminho é longo, porém, se o alcançarmos, estaremos certos de haver descoberto mais um fenômeno científico: o FIM DO MUNDO.

Assim é a religião..

Os homens procuram por todos os meios, um ponto no horizonte, que matematicamente lhes prove que de fato existe um Deus; no entanto, a matemática divina lhes mostra a todo o momento, que ele está mais próximo do que imaginam. Inconscientemente o homem se afasta dele, crente de que, procurando-o no infinito o alcançará com as suas próprias mãos. Mero engano... Deus está no teu próprio coração, e não o sentes porque és mau.

Joga fora essa tua tola concepção de grandeza; põe de lado os teus sentimentos impuros ,e abraça conscientemente os ditames nobres do teu coração, e terás encontrado a religião pura, sublime, de que tanto precisas para o teu bem estar material e espiritual.

Várias gerações já passaram sobre a face da terra; várias religiões aparecem e desaparecem com o correr dos séculos; entretanto, uma delas, ou melhor: a primeira, ainda perdura, e perdurará, enquanto o mundo for mundo. Refiro-me a *Umbanda;* pois, encarada sob os mais variados pontos de vista, modificando o seu verdadeiro nome desde os primórdios da existência terrena, jamais deixará entretanto de ser *Umbanda,* o verdadeiro sentido que se dá no ESPIRITUALISMO, em qualquer condição que o queirar encarar.

A *Umbanda* será a futura religião que dominará no mundo, de vez que, é ela oriunda da vontade divina. O Espiritismo na Lei de Umbanda será encarado como verdadeira religião, pelo fato de que os seus seguidores estarão em contato mais direto com as manifestações espirituais, que outra coisa não representa, a não ser o cumprimento das leis divinas.

A Umbanda a que me refiro, não é essa Umbanda mistificada e misturada com o diversos credos fetichistas de hoje conhecidos no Brasil inteiro. Será uma Umbanda codificada, uma Umbanda pura, na qual se apro-

veitará de todas as religiões existentes na terra, somente aquilo que for sublime e perfeito.

Do Catolicismo por exemplo, só se aproveitará a organização, pois, tudo o mais é falho, inclusive os dez mandamentos da *Lei de Deus* que foram miseravelmente deturpados.

Das religiões protestantes, restará unicamente a Bíblia, nos seus pontos onde existir a verdade, de vez que os seus pastores, por serem por demais apegados ao fanatismo, não quererão dar o braço a torcer, quando conhecerem de fato onde está a LUZ DIVINA.

Das demais religiões espíritas, aproveitar-se-ão os bons *"mediuns"* que, conhecedores perfeitos das manifestações espirituais, não se deixarão arrastar pela mistificação. Os kardecistas, por exemplo, chegarão à conclusão de aceitar irrestritamente as condições que ligam o espírito à matéria, nas quais se concebem que as entidades espirituais se distinguem de dois modos: 1.º — os *"Guias Espirituais"* possuem *Luz Espiritual e grande força fluídica*, conseguindo por essa razão dominar os maus elementos, forçando-os a praticar o bem. Por essa razão é que nas práticas da Umbanda se conseguem os maiores resultados; 2.º — Os *"eguns"* ou espíritos dos mortos, evocados nas práticas do kardecismo, possuem quando muito, apenas a *Luz espiritual*, e por isso não têm força suficiente para combater o mal.

Quanto aos praticantes dos "CANDOBLÉS" e aos que praticam a "MAGIA NEGRA", estes serão devidamente orientados, e, instruídos em novas práticas, abandonarão por completo os rituais bárbaros que os identificam. O Espiritismo na LEI DE UMBANDA em sua nova fase, surgirá com o progresso do mundo; novos horizontes nos serão apresentados, e o mundo marchará de fronte erguida, em direção ao aperfeiçoamento universal.

DOMÍNIO DOS ESPÍRITOS

Qualquer leigo compreenderá perfeitamente a questão espiritual, quando eu lhe mostrar o que representa verdadeiramente a condição que liga o espírito à matéria.

O fato das religiões espíritas lidarem com espíritos propriamente ditos, não vem absolutamente corroborar com o que se costuma interpretar como a crença no sobrenatural. É bem verdade que, em todas as religiões, por existirem os dogmas, esses dogmas são interpretados como uma simples questão de fé. Entretanto, no espiritismo, essa fé acentua-se grandemente, por razões perfeitamente concebíveis. Digo isso, simplesmente pelo seguinte: todo aquele que admitir a existência de uma alma dentro do seu corpo, há de forçosamente admitir a existência do espírito; e assim, a questão de fé deixa de existir, para dar lugar a uma concepção. Eu, por exemplo, não tenho fé na minha alma, porém concebo-a perfeitamente dentro do meu corpo, pois se tal não fosse, não seria quem sou.

Diz Allan Kardec: *"Os espíritos não são, como vulgarmente se acredita, uma criação distinta das outras. São almas das pessoas que viveram na Terra ou em outros mundos, despojados de seu envoltório corporal"*.

Agora digo eu: como se interpretaria a existência de fenômenos totalmente incompreensíveis, que surgem a cada momento na vida de todos nós, independentemente da questão religiosa?... Porque corremos ao cemitério, a fim de depositar flores nas sepulturas dos nossos entes queridos, que nos abandonaram aqui na terra, muitas vezes em situações precárias, e em ocasiões quando mais precisávamos deles?...

É muito simples, meus bons amigos... Quando nos lembramos dos nossos mortos, sentimos uma vibração interna toda especial, que nos afirma categoricamente,

que eles estão bem próximos a nós, nos escutam, e sentem conosco todas as emoções que vibram nos nossos sentimentos. Derramamos as nossas lágrimas, e todo o corpo freme na emoção de um instante de sentimentalismo. Eis aí a "ALMA", meus amigos... Eis portanto o "ESPÍRITO", que os doutos consideram como *sobrenaturais.*

Não formulamos hipótese, quando na solução de um problema não existem incógnitas. O *Espírito* existe sobre a face da terra e em todos os planos do mundo astral, da mesma forma que tu tens certeza que dentro do teu peito, bate um coração.

Serias capaz de arrancar do teu próprio peito o coração, colocando-o na palma da mão, para te certificares que ele de fato existe e te pertence?... Não acredito... sabes que o tens, porqoe ele pulsa dentro de ti, porém, jamais o poderás ver. Podes ver o meu ou o do teu semelhante, numa condição toda especial: Assim é o espírito... assim é a tua alma.

Quando abandonares o envólucro carnal, aí então compreenderás o grande mistério que liga o espírito à matéria, e quiçá, voltarás aqui, para orientar-me ainda mais, nessa sublime condição, que é a existência dos espíritos através de todos os infinitos.

Para que se tenha uma verdadeira orientação do que seja o espírito que integra o corpo humano, necessário se torna uma explicação detalhada dessa concepção. Assim, considera-se como parte integrante de todo o ser rumano, três elementos essenciais; são eles:

A ALMA OU ESPÍRITO — cérebro ou inteligência onde imperam, a vontade, o pensamento, o livre arbítrio, e o senso moral.

O CORPO OU MATÉRIA — envólucro físico que sustenta o espírito, pondo-o em contacto com o mundo exterior, formando o EU.

O PERISPÍRITO — camada fluídica ou envoltório leve, incolor, intermediário entre o Espírito e a matéria.

Pelo fato de existir a questão da hierarquia, que se conhece através das manifestações espirituais, alguns espíritos permanecem presos ao orbe terráqueo, ao paso que outros evoluem.

A esses espíritos evoluídos, denominam-se "ENTIDADES ESPIRITUAIS" ou "GUIAS", e a um sem número deles está afeto o encargo de dirigir os diversos planos, quer espirituais, quer materiais. Por essa razão o mundo sofre o domínio dos espíritos, e o homem deixa de possuir o que ele denomina de "LIVRE ARBÍTRIO". Por outro lado, sofrendo ele a perseguição que lhes movem os *"Espíritos das trevas"*, surge o que o vulgo conhece com o denominativo de "FATALIDADE".

A verdade está, em que todos nós somos dominados pelos espíritos, seja desta ou daquela natureza; e, se soubermos controlar as suas manifestações, deixará de existir o caos, e guiados por aqueles a quem denominamos "ESPÍRITOS DE LUZ", o mundo sobreviverá às hecatombes, e o curso das "LEIS DIVINAS", tomará o seu devido rumo.

Esta será uma das razões porque a UMBANDÁ será a futura religião do Universo: A humanidade, conhecedora perfeita das forças espirituais, procurará dentro do verdadeiro espiritismo, o lenitivo para as suas aflições, a razão do ser das suas privações, e os caminhos que a conduzirão à morada do *Pai Celeste* estarão abertos pela força poderosa dos mentores, guiados e orientados pelo Verbo Criador.

Nas irradiações das poderosas falanges do bem, os sublimes "PRETOS VELHOS", os audazes "CABOCLOS" e todos os maiores da Umbanda, derramarão sobre a humanidade sofredora, o bálsamo consolador.

TURIM EVEI, TUMIM UMBANDA, DARMÓS
Baixará sobre a terra, a luz da Umbanda.

Capítulo VIII

A CODIFICAÇÃO DA UMBANDA — TRABALHOS FILOSÓFICOS E DOUTRINÁRIOS

Há muito se fala de uma codificação na LEI DE UMBANDA; entretanto, quem lançará a pedra fundamental?... Quem se atreverá a arcar com a enorme responsabilidade que atrairá para si a ira dos potentados das inúmeras religiões que dominam no mundo inteiro? Sim, aquele que se atrever a isso, lutará com todas as dificuldades possíveis e imagináveis, contra todos e contra tudo, de vez que não se pode criar uma potência ou edificar-se um majestoso edifício, sem um alicerce sólido que possa suportar a fúria de todas as tempestades.

Quando falo em codificação da UMBANDA, não me refiro ao aglomerado que se possa fazer entre algumas tendas espíritas, sujeitas a um determinado "centro" que as possa dirigir. Não é nada disso. A CODIFICAÇÃO a que me refiro, é uma luta tremenda que se terá que realizar em torno de milhares de "centros", "tendas", "terreiros", "templos", etc., com a finalidade de separar o "joio do trigo", unificando-se todas as interpretações espíritas em torno de um só poder, de uma só ORDEM, sendo essa ordem incontestavelmente UNIVERSAL.

Condificar-se uma lei é enquadrá-la em todos os seus princípios, solidificando-a por meio de regulamentos severos, aos quais todos terão que submeter-se.

Já é tempo de se pensar em fazer da verdadeira UMBANDA uma religião perfeita, dentro da lei, dentro dos princípios da moral e da razão, banindo-se das sociedades toda a corrupção e a falta de bom senso.

Estamos numa época em que, tudo aquilo que não é verdadeiro, se destrói por si mesmo. As antigas religiões estão em decadência moral e espiritual. O catolicismo já não merece o nosso respeito, por que está totalmente deturpado nos seus princípios cristãos, e a mentira impera em todas as suas práticas. Os demais cultos bíblicos, por estarem demasiadamente aferrados ao fanatismo de uma bíblia mal traduzida e profundamente enxertada com teorias e conceitos puramente materiais, contam com um reduzido número de adeptos, sendo portanto postos à margem. No entanto, o ESPIRITUALISMO, por se tratar de uma crença cem por cento cristã, pois, outra não é a sua finalidade, terá que gozar, num futuro próximo, os louros de uma vitória divina, ocupando no cenário mundial o seu devido lugar.

O Espiritismo não é uma religião de loucos, nem tão-pouco de fanáticos; é uma religião que cultua em sua crença um veddadeiro sentido de humanidade e fraternidade entre os seus irmãos. É um culto de profundo sentimento de fé, Naquele que procurou redimir toda a humanidade.

Nunca as leis de Deus foram rejeitadas no verdadeiro espiritismo, e tão-pouco se fizeram pactos com o Demônio. O perfeito espírita é como todo homem de ciência: procura conhecer profundamente todas as reações positivas e negativas, para delas tirar proveito. O espírita que for conhecedor profundo dos poderes maléficos de Satanaz, forçosamente saberá utilizar essa for-

ça, tirando dela bons proveitos, transformando-a em verdadeiros benefícios.

O tempo das lendas já se passou, e o *Inferno de Dante* existe na concepção infantil das crenças mal orientadas. O homem de amanhã será mau, se a sua índole, e a educação que receber desde o berço, forem perniciosas e enraizadas pelas mentiras de religiões pouco escrupulosas.

Diz um velho adágio popular que: *todos os caminhos nos conduzem a Roma;* por essa razão também digo eu: todo aquele que, dentro de um princípio puro e sincero se dirigir a Deus, estará indo para ele.

Voltemos ainda ao ponto de vista da Codificação da Umbanda.

Pelo fato de alguns autores terem tocado nesse ponto essencialmente básico, que seria a Codificação de todas as correntes espiritualistas, vou agora expor também o meu ponto de vista, e o modo como encaro essa questão tão delicada.

Antes, porém, quero salientar que não descansarei enquanto não tiver dado o primeiro passo para a realização dessa obra, e, embora não possuindo meios materiais para o início, estou certo que alguém virá a compreender a magnitude desse empreendimento, e forçosamente, aliado a elementos criadores e abnegados defensores da seita, poderão realizar o que por enquanto só se concebe na imaginação.

Se dentre aqueles que se viram beneficiados pela Umbanda e mesmo entre os inumeráveis defensores da seita, existir uma corrente poderosa de boa vontade, aqui estou para dar início à luta, irmanado pelos mesmos sentimentos que nos unirem, dentro de uma perfeita compreensão, e cheios de ânimo e fé, poderemos lançar a pedra fundamental do grande e monumental edifício.

Agora, vejamos se as minhas convicções se coadunam com os vossos pensamentos.

COMO COMEÇARIA EU A CODIFICAÇÃO DA LEI DE UMBANDA

Em primeiro lugar, reunindo em local amplo e espaçoso, adrede preparado, uma legião de médicos, cientistas, literatos, etc., inclusive chefes de centros kardecistas, de Umbanda e mesmo da Quimbanda, bem assim, como todo aquele que de fato se julgar um verdadeiro "MEDIUM", e, fazendo-se uma sessão espírita sob a direção de um único homem capaz de dirigi-la, obter-se-ia das entidades máximas que baixassem, uma orientação precisa para a regulamentação dos primeiros pontos básicos a serem estudados.

Poderiam surgir nesse caso, desavenças e contradições, mas, em compensação, se teria a certeza absoluta de onde está a verdade, de vez que, fácil seria desmacarar o embuste e a mistificação, quando os médiuns incorporados fossem argüidos por elementos capazes e de grande envergadura moral e intelectual.

2.º — A distinta classe médica daria o apoio necessário às práticas do Espiritualismo, quando este lhe desse provas irrefutáveis da existência de uma força superior que não está na alçada da própria medicina. Por sua vez, os grandes cientistas teriam a oportunidade de estudar os fenômenos que lhes fossem apresentados nas manifestações espirituais, e outras concepções nos seriam então atribuídas.

3.º — As autoridades federais e municipais estariam em contacto direto com a direção, a fim de impedir a fraude e as práticas do exercício da falsa medicina. O curandeirismo seria posto à margem, para dar lugar a que a classe médica fosse chamada a intervir, quando os casos a serem resolvidos assim o exigissem.

4.º — Formar-se-ia um conclave mundial de verdadeiros espíritas, e ministrar-se-iam ensinamentos perfeitos àqueles que desejassem trabalhar livremente, sujeitos entretanto a aprovação da entidade máxima.

Todos os centros reger-se-iam por intermédio de uma sede central, a qual se encarregaria de julgar, emitir ordens, e permitir ou não o seu funcionamento, e ainda, reconhecer ou não a idoneidade dos trabalhos da seita.

5.º — Acabaria a exploração, e a organização teria o apoio governamental.

O Espiritismo puro surgiria forçosamente, não dando lugar a dissídios, tornando-se desta maneira útil ao homem e às sociedades.

Terminariam as práticas e rituais absurdos que não condizem com o adiantado grau de civilização que ora atravessamos, e estou certo que a UMBANDA verdadeira, a UMBANDA que Jesus Cristo pregou sobre a face da terra, surgiria límpida e pura, em toda a sua finalidade redentora.

6.º — As instituições espíritas teriam finalidade patriótica e caritativa. O povo seria orientado não pelos homens, e sim pela palavra fortalecida das entidades espirituais que as transmitiriam diretamente de Deus.

Seriam banidos os mistificadores e os vendilhões dos templos. A caridade seria dada a mãos cheias, e uma nova era de progresso surgiria para a humanidade, de vez que não haveria sofismas nem falsas promessas, pois, o erro e o crime não teriam a bênção eclesiástica, e sim, o castigo divino, na própria consciência do criminoso, que seria atormentado pelo REMORSO.

Essa seria a verdadeira codificação da LEI DE UMBANDA.

TRABALHOS FILOSÓFICOS E DOUTRINÁRIOS

Outro ponto de vista, que deveria entrar forçosamente na concepção das práticas do espiritismo, é o que diz respeito aos seus trabalhos filosóficos e doutrinários.

Todos os médiuns deveriam ser instruídos e orientados nas práticas espirituais, a fim de evitar que o meio ambiente as deturpasse para dar lugar à mistificação.

É comum ver-se, na maioria dos terreiros que praticam o espiritismo nas suas diversas modalidades, pessoas que, pouco conhecendo da questão espiritual, entregam-se cegas e despreocupadas, na certeza de que estão auferindo grandes luzes, quando na realidade, estão sendo apenas joguetes das falanges do mal, que muitas vezes as levam à loucura e à degradação.

Os indivíduos inconscientes, que procuram dentro do espiritismo obter uma mediunidade forçada, nada mais estão fazendo, do que criar uma mentalidade fictícia e sem força, sujeitos portanto à fraude espiritual, tornando-se presa fácil dos maus elementos, incorrendo no grave erro de copiar na íntegra as incorporações e demais manifestações espirituais que observam nos seus companheiros de trabalho. É bem verdade que o homem sofre a influência do meio; entretanto, um verdadeiro *"Guia Espiritual"* não se deixa arrastar por tais influências, e possui uma característica toda sua, possuindo também a sua verdadeira modalidade de trabalho.

É por essa razão que na maioria dos trabalhos que se praticam nos terreiros de Umbanda, sofrem alguns médiuns o vexame de se verem desmascarados, pelo fato de que não possuem eles verdadeiramente uma ENTIDADE consigo, e por outro lado, julgam estar recebendo comunicações do Astral, quando na realidade o que eles falam é puramente objeto da sua imaginação.

Alguns querem passar por reveladores do futuro ou então como grandes curadores, e não raro, têm-se dado casos nos quais, os tolos e por demais crédulos, deixam perder vidas preciosas que poderiam ser salvas pela medicina da terra, deixando-se arrastar por uma falta de bom senso e compreensão.

Não fui testemunha ocular deste caso; no entanto tive conhecimento, por intermédio de pessoas que me merecem crédito, de que, certa vez, um indivíduo levando a determinado centro espírita uma criança atacada de uma infecção sem grandes conseqüências, sobrevelo-

lhe o tétano, dando-lhe morte imediata, em virtude do descaso e da *inconsciência* do médium (*médium totalmente consciente*), e da imbecilidade do genitor, que não procurou um clínico, para uma orientação mais segura.

Infelizmente pululam por aí aos montes, determinados centros, onde, de espiritismo só têm mesmo nome, pois, há pouca vergonha, o desmazelo pela saúde do próximo; e a verdadeira caridade é posta à margem, para pensar-se unicamente na exploração e na indecência corruptiva e degradante.

Onde se cultua a verdadeira Umbanda, deve existir o estímulo ou pelo menos a boa vontade que tem todo aquele que deseja aprender o que de fato existe de real e verdadeiro nas manifestações do espírito, quando em contacto com a terra.

Numa Umbanda codificada, deveriam realizar-se trabalhos filosóficos e doutrinários, que mostrassem aos crentes, todos os *porquês* das condições do homem sobre a terra, bem como as funções meritórias que devem desempenhar em benefício da coletividade.

Os verdadeiros médiuns, quando analfabetos, deveriam receber instruções seguras e firmes, no modo como conceber a questão da mediunidade, exortando-os ao cumprimento de suas obrigações como elementos verdadeiramente abnegados.

Aquele que conhece de fato a Umbanda, já está farto de saber que, quando um médium *inconsciente*, recebe como entidade espiritual um *"preto velho"* ou um *"caboclo"*, estes, ao apresentarem-se nessa modalidade, fazem-no apenas por uma questão de ética, uma vez que, aos espíritos de luz, lhes é dado o direito de se apresentarem sob qualquer forma ou aspecto, por motivos e questões puramente espirituais. Acontece entretanto, que a linguagem *"tatibitate"* por eles empregada, é conseqüência de uma filosofia toda especial nas suas expressões, assemelhando-se perfeitamente às parábolas de Cristo, quando pregava no mundo material.

Outro ponto de vista de suma importância, e que muitas vezes passa despercebido de muitos, é o fato das entidades empregarem um idioma todo especial, quando as palavras são dirigidas de espírito para espírito.

Alguns que se julgam entendidos, pensam ser essas frases soltas, dialetos "Gêges", "Bantus", etc., quando estão redondamente enganados. Aquilo que as entidades falam entre dentes, é nada mais nada menos do que o idioma "IJUDICE" ou língua dos espíritos, o qual somente é compreendido entre as próprias entidades.

O que acontece geralmente nas práticas das Umbandas que se cultuam no Brasil, é o fato de que, por serem das que se cultuam no Brasil, é o fato de serem julgarem que todos os rituais empregados são de origem africana, tal como acontece com o "CANDOBLÉ", onde os seus iniciados são obrigados a aprender grande parte dos dialetos africanos, com a finalidade de ajudar a manifestação dos seus "orixás", o que quer dizer perfeitamente, não serem os seus médiuns totalmente inconscientes, pois, se o fossem, não haveria necessidade desse aprendizado.

Daí conclui-se o seguinte: a maior parte dos médiuns são totalmente conscientes, e por essa razão não sabem interpretar e transmitir devidamente as comunicações que recebem das suas entidades.

Por outro lado, o médium, presunçoso e tolo, desejando atrair para si a atenção da maioria dos assistentes, inicia uma série de interferências próprias da sua pouca inteligência, julgando que assim procedendo, é tido como possuidor de uma grande *"entidade"*, quando na realidade não passa de um simples mistificador, e o seu trabalho mediúnico não é nada mais nada menos do que um ANIMISMO grandemente pronunciado.

O espalhafato e muitos gritos históricos que se observam em inúmeras reuniões espíritas, principalmente na Umbanda, nada mais representam do que uma encenação do próprio médium, querendo mostrar com

isso, estar possuído de uma força mediúnica fora do comum, o que justifica absolutamente o meu ponto de vista.

Outro fator importante que deve ser observado nas questões de doutrinação dos médiuns, é o caso da incorporação e desincorporação.

Quando as entidades espirituais têm perfeito domínio sobre os seus *"cavalos"* ou *"aparelhos"*, e com eles trabalham há muito tempo, deve haver forçosamente uma finalidade perfeita, e por essa razão, não vejo motivos para encenações dos médiuns, que se atiram no chão espalhafatosamente, dando lugar muitas vezes a críticas e comentários entre os próprios trabalhadores da seita.

No meu modo de entender, o médium somente sofre certas manifestações desagradáveis, quando está possuído de espíritos obsessores, ou então o seu trabalho depende da incorporação de "EXUS", que geralmente os deixam seriamente transfigurados.

Ainda concebo outra manifestação de espíritos castigando o seu aparelho, quando esse médium, por ter transgredido os seus preceitos, sofre das próprias entidades o castigo merecido. Aí, ele é obrigado por uma força superior a entregar-se, muitas das vezes, até ao desespero, com graves conseqüências para o seu próprio corpo. Quanto ao mais, considero *animismo*, e não mediunidade.

Não será tão fácil submeterem-se os trabalhadores da Umbanda a um regime de verdadeira iniciação; pois, a maior parte dos homens que nela trabalham, e de conformidade com o tempo no qual praticam essa crença, julgam-se quase todos *semideuses* ou melhor: *babalaôs de orixá*, e não quererão dar a mão à palmatória, por acreditarem-se grandes iluminados.

O erro clamoroso dos que trabalham como *médiuns*, nas hostes da Umbanda, é julgarem-se grandes entendidos, e quererem cada um de per si, entender as mani-

festações espirituais ao seu bel prazer. Por outro lado, quando o médium verdadeiro começa a produzir, isto é: quando a sua entidade irradia verdadeiramente benefícios, e *acerta*, como dizem os pobres de espírito, ele se sente orgulhoso de si mesmo e desanda a cometer arbitrariedades, ocasionando o que se verifica em inúmeros casos muito conhecidos, nos quais esses pobres médiuns vão aos poucos perdendo a sua ótima mediunidade, dando lugar à mistificação e o que é pior: à degradação moral.

Todos os trabalhos de Umbanda deveriam ser impares, isto é: deveriam seguir uma orientação única. Deveriam formar-se e instituir-se organizações filiadas a um órgão único, e tanto kardecistas como umbandistas e demais entidades espíritas, reger-se-iam por uma sede principal bem organizada.

Alguém quereria contestar o meu ponto de vista, argumentando que não se pode obrigar um espírito a *entrar na fila*, isto é: obedecer aos homens, e submeter-se às suas imposições; no entanto quem já dirigiu "centros espíritas", sabe perfeitamente que as próprias entidades primam pela ordem e pelo perfeito andamento dos trabalhos espirituais. Para isso, é muito comum formarem-se correntes doutrinadoras entre elementos capazes. Outrossim, a organização seria somente entre os homens, pois, os *"pretos velhos"*, *"caboclos"* e demais entidades, trabalhariam livremente, como têm trabalhado até hoje, independentemente da vontade humana.

Temos absoluta certeza de que, quando o médium consciente, souber organizar-se, a entidade que o acompanha forçosamente organizar-se-á; pois, quem estudar perfeitamente o que seja fenômeno espiritual, há de compreender que:

a primeira manifestação que atua num indivíduo, é a obsessão; a seguir, uma vez retirado esse obsessor, as entidades "Guias Espirituais", se apresentam, e aí, concebe-se o que se conhece com o nome de mediunida-

de. Com a continuação dos trabalhos, esses "Guias" se firmam no subconsciente do indivíduo e dá-se então o fenômeno da "afinidade espiritual". Quanto mais tempo se passar, mais desenvolvimento vai tendo o perispírito do médium, e ao cabo de algum tempo, é ele quem recebe sozinho as irradiações dos seus protetores. Finalmente, o nosso próprio ANJO-DA-GUARDA é quem trabalha, recebendo todas as comunicações. Esse é que é o verdadeiro fenômeno que se conhece com o nome de "MEDIUNIDADE".

Para provar-lhes a veracidade do que acabo de afirmar, começarei explicando-lhes o seguinte:

O médium trabalha durante muitos anos com um determinado "Guia", e de uma hora para outra, esse "Guia" avisa que abandonará aquele aparelho, pois atingiu um determinado grau de elevação espiritual e não voltará mais à terra. Entretanto, o que aconteceu foi o seguinte: Esse Guia recebeu a incumbência de doutrinar um novo médium, neste ou em outro planeta, isto é: teve necessidade de prestar em outro lugar a sua cooperação ou "caridade", a fim de elevar-se espiritualmente. Com o afastamento dessa entidade, outro espírito passará a influenciar aquele aparelho, embora já não haja necessidade de doutriná-lo, "domesticá-lo", porque o terreno já estava preparado. Esse é um dos inúmeros casos que acontecem na vida de milhares de médiuns que trabalham no espiritismo.

Como até aqui ainda não provei o que desejava, vejamos agora o seguinte caso:

Ao afirmar que os bons médiuns trabalham ùnicamente recebendo das entidades astrais a força espiritual que os caracteriza, provo da seguinte maneira:

Algum médium, que tenha saído do lugar onde trabalha, já conseguiu encontrar o seu "GUIA PROTETOR", baixado em outro médium, sendo imediatamente reconhecido por ele?... Não acredito que tal fato tenha acontecido; pois, o fato de encontrar inúmeros pretos

velhos e caboclos com os mesmos nomes, tais como: *Pai Joaquim, Pai Guiné, Pai Francisco, Caboclo Arruda, Caboclo Aimoré, Rompe-Mato*, etc., etc., não quer dizer que sejam a mesma pessoa. O que acontece é o seguinte: cada médium tem o seu verdadeiro ANJO-DA-GUARDA, e é este que recebe as manifestações ou irradiações dos espíritos de luz. Por essa razão, cada um trabalha a seu bel prazer, incorpora da maneira que quer, pois o subconsciente ou perispírito do médium é quem manda.

Mesmo nos trabalhos de *Magia Negra*, essa manifestação se enquadra perfeitamente.

Aqueles que se dizem incorporados com exus, recebem dessas entidades do mal toda a orientação, e o perispírito do médium, mais uma vez se manifesta.

Essa finalidade na manifestação do espírito, entretanto, foge à regra geral, quando o médium recebe a incorporação de um "EGUN" (espírito de morto), pelo fato de que esses espíritos, por não possuírem força fluídica, embora possuam *Luz Espiritual* (quando o espírito é bom, e o que deseja fazer tem uma finalidade boa), tem necessidade de tomar posse verdadeiramente do aparelho (*médium inconsciente*), para a transmissão das ordens que recebe e que foi incumbido de transmitir aos entes encarnados.

Para finalizar, aquele que conseguir me provar, com fatos verdadeiramente palpáveis, que está em desacordo com o meu ponto de vista, a esse darei a minha mão à palmatória. Caso contrário, mantenho e manterei essa concepção, até que as minhas *"entidades espirituais"* contradigam o que por intuição me fizeram conceber.

Quanto às perturbações e obsessões que atacam as pessoas, essas, são manifestações de espíritos maléficos ou sem luz, e muitas vezes são o produto de trabalhos de *magia negra*, que exercem um poder fantástico sobre as criaturas humanas.

Como reina no mundo a maldade, e as hostes de Satanaz se comprazem em destruir toda a obra de Deus, não é de admitir que os trabalhos de *"feitiçaria"* encontrem guarida acentuada nos corações denegridos pela perversidade.

Por outro lado, como o homem veio à terra com a finalidade de resgatar uma dívida, é por isso que muitas vezes achamos impossível que uma pessoa de bons sentimentos, sofra a perseguição dos espíritos das trevas; no entanto, no íntimo dessa criatura, existe um mistério ou um mal feito que somente ela é sabedora. Por isso é que os trabalhos de *Magia Negra* têm grandes resultados.

Outros acreditam que só pelo fato de assistirem à missa, ou por outra, rezarem indefinidamente pela Bíblia estão com Deus, e por isso, livres das perseguições dos agentes do mal. Enganam-se redondamente. Esses com mais facilidade estão sujeitos aos piores desígnios, pois, o próprio Cristo não deixou de ser uma vítima de Satanaz.

O que os homens precisam, é combater o mal, conhecendo perfeitamente as ciladas e as tramas dos *"Agentes Mágicos Universais"*, lutando com as suas próprias armas. Aí sim, a humanidade não se deixará arrastar pelos *"cantos da sereia"*, e, irmanada com os poderes das verdadeiras entidades, obterá a perfeita condição de bem-estar material e espiritual.

Que se pratique a Umbanda verdadeira, essa Umbanda poderosa e benfeitora, e o mundo entrará na sua fase essencial de progresso e de elevação aos páramos de uma compreensão perfeitamente caridosa, e mais próxima de Deus.

CAPÍTULO IX

PROVA CÁRMICA — LIVRE ARBÍTRIO — REENCARNAÇÃO

PROVA CÁRMICA

Deve-se a nossa condição Cármica ao fato da desobediência das leis de Deus, pelos nossos primeiros pais (segundo a Gênesis bíblica), quando o Senhor, ao expulsá-los do paraíso, assim se pronunciou:

"GÊNESIS, 4 — Tentação de Eva e queda do homem.

13 — E disse o Senhor Deus à mulher: Porque fizeste isto? E disse a mulher: A serpente me enganou, e eu comi.

14 — Então o Senhor Deus disse à serpente: Porquanto fizeste isto, maldita serás mais que toda besta, e mais que todos os animais do camp; sobre o teu ventre andarás, e o pó comerás todos os dias da tua vida.

15 — E porei inimizade entre ti e a mulher, e entre a tua semente e a sua semente, esta te ferirá a cabeça, e tu lhe ferirás o calcanhar.

16 — E à mulher disse: Multiplicarei grandemente a tua dor, e a tua conceição; com dor parirás filhos; e o teu desejo será para o teu marido, e ele te dominará.

17 — E a Adão disse: Porquanto deste ouvido à voz de tua mulher, e comeste da árvore de que te ordenei, dizendo: Não comerás dela: maldita é a terra por causa de ti. Com dor comerás dela todos os dias da tua vida.

18 — Espinhos, e cardos também, te produzirá; e comerás a erva do campo.

19 — No suor do teu rosto comerás o teu pão, até que tornes à terra; porque dela foste tomado: porquanto és pó, e em pó te tornarás."

Entretanto a verdadeira Gênesis no seu original em "Pali", afirma que, tendo "Adima" ou Adão, desrespeitado as ordens divinas, passou-se juntamente com Eva para o lado oposto ao Eden, onde habitavam "seres sobrenaturais" ou "EXUS", reino de Satanaz na terra, os quais possuíam forças maléficas conhecedoras realmente do bem e do mal. Foi por essa razão que o castigo divino não se fez esperar, e a ordem suprema se fez ouvir imediatamente: *"Turim eve!, Tumim Umbanda, Darmós"*.

"Por ordem de Deus é dado o teu destino..."

"Multiplicai-vos, pois, e uma vez que transgredistes os seus mandamentos, tereis agora em encarnações sucessivas, o aperfeiçoamento da alma, até ganhardes de novo o Reino da Glória".

Baixara nessa ocasião sobre a face da terra a Luz da Umbanda, e a PROVA CÁRMICA, seria, pois, a redenção de todos os transgressores das Leis Divinas.

Portanto, lógico se torna conceber-se o Carma ou Vida Cármica, como a provação que cada um tem que passar, quer na vida material como espiritual, quando nos propusermos a analisar os fenômenos da espiritualidade.

A prova cármica tanto pertence ao espírito, como à matéria; e ela pode ser boa ou má, de conformidade com as boas ou más ações impetradas pelo elemento humano.

Por essas razões é que existem, tanto no espaço como no orbe terráqueo, os diferentes graus de hierarquia.

Quando nos referimos a espíritos desencarnados, vamos encontrar três caracteres essenciais, que os distinguem na escala hierárquica:

Primeiro — Os Espíritos puros, conforme Kardec os classifica, que são aqueles que já atingiram o grau máximo da perfeição, e encontram-se em situação privilegiada junto a Deus.

Segundo — Os Espíritos semipuros, ou aqueles que se encontram no meio-termo da escala espiritual, nos quais predomina unicamente o desejo do bem. Para esses, o carma deixa de ser pesado, em virtude dos benefícios que terão que prestar, servindo como mediadores entre as falanges dos numerosos guias espirituais.

Terceiro — Os Espíritos imperfeitos, ou aqueles que se encontram no meio-termo da escala espiritual, nos quais predominam a completa ignorância das boas ações, o apego ao mal e todas as perversões que retardam o progresso espiritual. Para esses o carma consiste em voltar inúmeras vezes à terra, em encarnações sucessivas, para que se cumpram as leis divinas, e possam eles, através de novas evoluções, sofrer todas as conseqüências dos seus maus atos e ações; até que, purificados no sofrimento e na dor, possam por sua vez atingir os graus do aperfeiçoamento. Para eles, o carma é acelerado ou retardado de acordo com o seu grau de aperfeiçoamento, de vez que são os próprios responsáveis pelo que fizerem pró ou contra a sua própria existência espiritual.

Já para os espíritos encarnados, materializados, ou melhor: para os SERES HUMANOS, esse carma representa o destino bom ou mau, feliz ou infeliz, que acompanha os seus passos durante o curto trajeto da vida material.

Para que se possa observar melhor os fenômenos da vida cármica, bastará que examinemos, uma por uma, a vida dos entes humanos, e aí então teremos uma visão perfeita do destino de cada uma das criaturas. Uns possuem mais e outros menos. Uns sofrem mais e outros menos. Uns são bons, e o seu carma é menos pesado;

outros são maus, e o destino da mesma maneira os acompanhará mais cedo ou mais tarde, punindo-os com terríveis sofrimentos.

Ninguém pode escapar do fenômeno cármico, uma vez que ele nasce com o elemento humano e o acompanha através dos planos espirituais, através da morte, até a consumação dos séculos.

LIVRE ARBÍTRIO

Estando profundamente ligado ao Carma, é o LIVRE ARBÍTRIO uma condição essencial na vida humana. Muito se tem discutido nas Faculdades de Filosofia, sobre questão do *Livre-arbitrismo*, onde uns o consideram como o poder da vontade que tem o homem de reger-se a si próprio, ao que outros o consideram como uma condição imposta não por vontade própria, e sim encarado sob o ponto de vista do *Fatalismo*. Livre arbítrio e fatalismo, são dois pontos filosóficos diametralmente opostos.

Explanando o meu ponto de vista sobre a questão do Livre Arbítrio, encarado e estudado com respeito ao espiritismo, digo apenas o seguinte:

O homem possui na verdade o livre arbítrio; porém, a esse livre arbítrio, é imposta uma condição essencial. Ele pode dizer o que deseja, pode usar a sua força de vontade, porém, dentro de uma determinada condição. Essa condição resume-se apenas num fenômeno apartado da inteligência, que o faz submeter-se a uma vontade superior à sua própria, e que o faz mudar completamente o ritmo das suas intenções. Eu possuo o meu livre arbítrio em querer executar um determinado trabalho, movido pela minha força de vontade, porém, posso estar sujeito a ser contrariado nas minhas intenções, por uma força superior ao meu livre arbítrio, ou à minha própria vontade. Daí, redunda o fracasso do livre arbítrio, que fica submetido a uma segunda condição. Essa segunda condição, é interpretada pelos próprios fenômenos da Natureza, que contrariam sobremaneira o meu ponto de vista. As fraquezas orgânicas, os fenômenos cósmicos ou naturais, as condições que regem as manifestações espirituais, podem perfeitamente contrariar o meu livre-arbitrismo.

Livre arbítrio não significa somente movimento ou força; é também um fenômeno psíquico criado pelo cérebro, que nos faz executar aquilo que temos em mente.

Podemos criar uma vontade dentro do cérebro, como também poderemos deixar de executá-la, por não encontrarmos meios para isso. Aí, entra a questão do fatalismo. Alguns acreditam que a fatalidade existe, e que é acessível a cada um; no entanto, a fatalidade que alguns conhecem como tal, nada mais representa espiritualmente do que o CARMA que acompanha a existência dos seres encarnados na terra. O fatalismo é encarado como uma condição de força superior, quando na realidade é uma condição imposta a todos os que aqui se encontram em cumprimento de uma pena.

Tal como a um encarcerado lhe é dado o conhecimento do tempo que permanecerá cumprindo a sua pena, assim também ao espírito lhe é transmitida a sua condição cármica. O que acontece entretanto, é que o espírito ao encarnar, esquece-se completamente dos compromissos assumidos, obtendo então para orientar o seu raciocínio, o livre arbítrio que o onduzirá através da nova condição que lhe foi imposta. Quando esse livre arbítrio assume proporções deturpadas, aí então surge o fatalismo ou a fatalidade, para moderar-lhe os sentimentos.

Segundo as teorias espíritas, o homem não depende da fatalidade, pois, se assim fosse ele não teria responsabilidade pelo mal que praticasse, bem como, pelo mérito das boas ações. Desta maneira todo castigo seria injusto e toda a recompensa, por sua vez se revelaria um

verdadeiro contra-senso. Por essa razão, o livre arbítrio que todo homem possui, é conseqüência de uma justiça divina; ou por outra: é o atributo que o coloca num nível bastante elevado sobre as demais criaturas, conferindo-lhe sua verdadeira dignidade.

Sem o livre-arbítrio, o homem se veria reduzido a um autômato, e todas as suas faculdades morais e intelectuais se tornariam conseqüência do seu próprio organismo, redundando nesse caso em verdadeiro fracasso o senso da responsabilidade, e nenhum mérito poderiam ter as suas práticas.

Sem a condição de livre-arbítrio, passaria o homem a uma situação de inferioridade, e seus atos bons ou maus seriam considerados como atributos de um fatalismo fora de lógica, e conseqüentemente irreal.

O homem possui portanto o livre-arbítrio, nas circunstâncias onde impera a sua vontade e o seu raciocínio; e, no entanto, perde-o, quando está sujeito a forças superiores que o tornam incapaz de reger-se a si próprio.

REENCARNAÇÃO

A reencarnação é um dogma instituído pelo espiritismo, tal como antigamente fazia parte dos dogmas das leis judaicas, sob o nome de ressurreição. Acontece entretanto, que os judeus interpretavam esse ponto de vista sob o aspecto de que a ressurreição, era a volta à vida de um corpo já morto, fato este completamente debatido e não aceito pela ciência, por julgar improcedente tal acontecimento. Já no espiritismo, a reencarnação é a volta ou retorno da alma ou espírito a um novo corpo, em condições completamente diferentes, de vez que o espírito, ao reencarnar, passa novamente pelas fases do nascimento, crescimento, etc., sem relação alguma com o antigo corpo.

Concebeu-se no espiritismo o fenômeno da reencarnação pelos fatos citados nas passagens bíblicas, nos quais admitia-se que em São João se achava reencarnado o espírito do profeta Elias, bem como pelas palavras proferidas pelo mestre, que assim dizia: "ninguém poderá ver o reino de Deus se não nascer de novo".

Outro fato que vem corroborar perfeitamente com o dogma espírita da reencarnação, é o da conseqüência surgida entre os povos antigos, principalmente os Egípcios, Hindus, etc. que embalsamavam ou cremavam os corpos dos seus mortos, na certeza de que uns aproveitariam o mesmo corpo, quando chegasse o dia do juízo universal, e outros, para que fossem purificados pelo fogo, e voltassem em condições mais evoluídas.

Entretanto, na era kardecista, e mesmo na época atual, concebe-se o fenômeno da reencarnação como uma imposição aos espíritos, para que se purifiquem, em resgate às suas dívidas.

Todo espírito que não conseguiu, por esta ou aquela forma, atingir um certo grau de elevação espiritual, será obrigado, de acordo com a Lei Cármica, a reencarnar inúmeras vezes, até a depuração total de suas culpas.

O próprio espírito, segundo as crenças, escolhe ele mesmo a sua nova condição ao reencarnar, com a finalidade de aperfeiçoar-se, e com isso purificar-se perante Deus e a sua obra. Os espíritos que conseguiram uma certa condição de aperfeiçoamento espiritual e que por essa razão conseguiram a sua depuração, poderão reencarnar em qualquer outro plano de ordem superior, variando também a missão que terão a cumprir nesse novo período de evolução espiritual.

Ainda segundo as crenças espíritas, o espírito ao reencarnar, conserva todo o adiantado grau de aprimoramento que possuía, isto é, a inteligência, a cultura, etc. sem importar no entanto em aperfeiçoamento espiritual, pois é preciso não confundir aprimoramento intelectual, com evolução espiritual. O primeiro representa dons materiais que se adquirem cultivando a in-

teligência, ao passo que o segundo se adquire aperfeiçoando o espírito.

Por essa razão, surgem muitas vezes, em determinadas épocas, crianças prodígios, que assimilam com a maior facilidade determinadas condições psicológicas; ao passo que outras criaturas, por mais idade que possuam, não conseguem elevar o seu nível cultural, a um determinado grau de aperfeiçoamento.

Pelo exposto, conclui-se que: a reencarnação é uma condição do espírito, para o seu aperfeiçoamento e elevação aos páramos celestiais.

CAPÍTULO X

A FALSA UMBANDA QUE SE PRATICA NO BRASIL — TABUS — IMAGENS, AMULETOS, ETC.

Amigos leitores...

Eis um ponto de vista, para o qual vou dedicar um particular carinho, de vez que, essa questão merece de fato um tratamento todo especial, por se tratar de uma concepção totalmente errônea, no que diz respeito às práticas de Umbanda em todo o Brasil.

Portanto, ao escrever este capítulo, no qual tratarei do falso emprego da crença umbandista na quase totalidade do território brasileiro, quero deixar bem patente o meu ponto de vista, embora venha ferir susceptibilidades e suscitar polêmicas clamorosas.

Tudo o que se tem feito em prol da Umbanda, quer no Rio de Janeiro, quer nos demais Estados onde se cultuam práticas espirituais, não condiz absolutamente com a sua verdadeira finalidade.

Interpretada erroneamente pela maioria, a Umbanda que atualmente se pratica no Brasil está ainda bem longe da realidade. Essa mistura de credos, essa falta de bom senso, essa ignorância de preceitos religiosos, nada mais têm feito do que ocasionar uma verdadeira balbúrdia, numa concepção que é, acima de tudo, divina. A Umbanda nunca foi o que se tem visto e comentado

através de livros e reportagens jornalísticas, que a confundem de uma maneira, pode-se dizer, calamitosa.

Digo e afirmo, que é totalmente falsa a Umbanda que se está praticando no Brasil inteiro. É falsa, porque está longe de conter a verdade na qual ela inteiramente se baseia. É falsa, porque querem atribuir-lhe qualidades que não condizem absolutamente com os seus pontos de vista, a começar pelo seu próprio ritual. É falsa, porque misturaram em sua teogonia, em sua liturgia, etc., quase tudo o que contêm as demais religiões. Essa mistura de africanismo, de catolicismo, etc., a que se quer atribuir o nome de *Umbanda*, não passa de uma falta de compreensão e de bom senso, de vez que, a verdadeira Umbanda, está longe de ser o que se está praticando atualmente.

Alguém poderá dizer que eu estou querendo criar uma nova religião; no entanto, vou provar-lhes como estou certo nas minhas considerações, e acredito que grande número de verdadeiros umbandistas hão de me dar razão, pelos motivos que vou citar.

Em primeiro lugar: — A religião espírita nunca fez distinção entre *Kardecismo*, *Umbanda* ou *Quimbanda*, bem como o Candomblé nunca deixou de ser uma verdadeira religião de origem africana. Quando digo *espiritismo*, refiro-me a toda e qualquer manifestação do espírito, em contacto com os seres encarnados; por esta razão, nem Kardec descobriu o espiritismo, nem tãopouco os povos africanos tiveram esse privilégio. O verdadeiro espiritismo é o que se concebe como "LEI DE UMBANDA", que foi emanado por Deus, e que acompanha o homem através dos séculos, desde a sua origem.

O que tem acontecido, é que o homem, procurando descobrir nas manifestações espirituais um ponto básico para um estudo mais aprofundado, tem interpretado por várias maneiras e das mais variadas formas, os fenômenos que se lhe apresentam a cada passo.

No Brasil, por exemplo, o aparecimento do "AMBEQUERÊ-KIBANDA", mais tarde concebido pelos nossos negros como *Candomblé*, serviu de ponto de partida para o estudo do *sobrenatural*, da mesma forma que os antigos se aprofundavam na arte da MAGIA. Por sua vez, o catolicismo, impondo a sua condição, veio deturpar ainda mais a crença dos pobres negros africanos. Com o aparecimento no Brasil, do Kardecismo, aí então é que a confusão se tornou cada vez mais acentuada.

O Catolicismo infiltrou-se no *Candomblé*, e este, por sua vez, procurou imitar nas práticas do kardecismo as suas manifestações espirituais. Com o correr dos tempos, os exploradores das situações descobriram nas práticas do Candomblé uma riquíssima fonte de renda, e daí então foi concebida e criada uma nova modalidade na prática espiritual, que passou a denominar-se "*Quimbanda*", na qual se aproveitaram todos esses fenômenos, para uma prática mista, de feitiçaria e religião.

Passam-se os tempos...

Aqueles que não estavam satisfeitos com o catolicismo, e, mal orientados no kardecismo, por circunstâncias talvez oriundas da falta de compreensão, ou por outra, sentindo nas suas vidas uma outra força para a qual não encontravam uma explicação, resolveram utilizar-se das práticas da Quimbanda, com uma finalidade mais meritória, isto é: procurando evocar entidades tão fortes como as entidades do mal, porém, visando unicamente o bem. Sem o querer, depararam com uma nova religião, para a qual deram o nome de Umbanda, nome esse talvez transmitido pelas próprias entidades, que desejavam ver esclarecidos verdadeiramente esses fenômenos, para os quais o homem não havia até então conseguido interpretação. Haveria de surgir para o mundo, fosse em qualquer época, a LUZ DA UMBANDA; e assim, criou-se essa concepção religiosa, a qual baseando-se verdadeiramente nas *Leis Divinas*, evoluirá naturalmente.

O erro dos que praticam atualmente a Umbanda, está não só nas suas concepções, como também no modo como a cultuam, pelo simples fato de quererem introduzir no seu ritual elementos de outras religiões, indo de encontro ao princípio fundamental dessa *Lei*.

Numa verdadeira Umbanda, não devem existir absolutamente altares, onde se preste culto aos santos que a igreja católica canonizou, pois isso acarreta um misticismo incompreensível de adoração a fetiches criados pela igreja católica, em completo desacordo com as *Leis de Cristo*, que foi bem explícito em determinar: "Nada se faça à minha imagem ou semelhança". Portanto, esses bonecos que enfeitam os altares das igrejas e de inúmeros centros espíritas, nada mais representam do que uma desobediência às Leis de Deus.

Por outro lado, certos rituais utilizados nessa falsa Umbanda de hoje, estão em completo contraste com a nossa evolução moral, material e espiritual. O que se faz, é misturar rituais bárbaros provindos do africanismo, com práticas católicas e concepções kardecistas, o que não condiz absolutamente com uma Umbanda cem por cento divina, e diferente daquilo que o vulgo aceita e cultua como emanada de Deus.

Deve-se em grande parte essa tremenda confusão, ao fato de que os médiuns que deram início a essas práticas, nenhuma cultura possuíam, e nem tão pouco se inclinaram a elucidar certos fenômenos espirituais. Criando nos seus subconscientes a mentalidade de que as entidades, *pretos velhos, caboclos*, etc. tinham que se sujeitar à linguagem e práticas observadas nos terreiros de Quimbanda, (pois outra não foi a escola na qual tiveram o seu princípio), adotaram esse sistema, que até hoje vigora, e vigorará até que os próprios espíritos, por ordem divina, modifiquem inteiramente esse modo de manifestar-se.

O fato da Umbanda lidar com espíritos dessa natureza, não quer dizer que se mantenham certas tradições africanas, e nem tão-pouco sejamos induzidos a seguir certos preceitos que bradam contra a opinião pública, em completo desacordo com as normas que se deveriam seguir, cultuando uma Umbanda melhor conceituada e perfeita, tal como o desejam e exigem certas entidades de grande luz espiritual.

Para que não surjam dúvidas quanto à minha afirmativa e o meu ponto de vista sobre como deve ser encarado o verdadeiro culto da Umbanda, no capítulo XII voltarei ao assunto, para mostrar-lhes como deve ser cultuada a verdadeira Umbanda, e qual a sua verdadeira divisão.

TABUS, IMAGENS, AMULETOS, ETC.

É muito comum utilizar-se nas diversas práticas da Umbanda, o uso de *"tabus"*, *"imagens"*, *"amuletos"*, e outros apetrechos próprios das religiões puramente fetichistas. Entretanto, a religião católica, embora não estando enquadrada no rol dessas religiões, costuma empregar nos seus cultos muita coisa idêntica, com a intenção de atrair os seus fiéis, incutindo-lhes no espírito o uso desses apetrechos.

Assim vemos as medalhas com imagens de santos, os terços, rosários, etc. que nada mais são do que uma representação simbólica de tudo isso.

Que se utilizem todos esses objetos nos diversos cultos religiosos, ainda estou de acordo; porém, o que não posso conceber, é que sejam eles encarados como oriundos de coisas divinas, depositando-se-lhes uma fé exagerada e sem fundamento, o que acarretaria voltarmos novamente ao *Culto Pagão das Divindades*.

Até um certo ponto, sou de opinião que se deposite uma confiança irrestrita em "patuás", "amuletos", etc., quando se tratar de magia, e quando a finalidade desses

objetos seja unicamente por uma questão material, isto é: para dar sorte em negócios, etc., por uma simples questão de superstição, pois, acredito que a humanidade inteira jamais deixará de acreditar nessas coisas. Digo isso pelo fato de que, conhecendo perfeitamente a *Magia*, posso muito bem assegurar a grande influência que esses objetos exercem no subconsciente das pessoas, transformando-lhes por completo o seu modo de agir e pensar.

Como a finalidade deste capítulo é tratar justamente dessa questão, vou, em poucas palavras, descrever a origem e o porquê do uso desse objetos, para que aqueles que nada conheçam, possam orientar-se a respeito.

AMULETOS

A palavra amuleto vem da língua latina *amuletum*, com a mesma significação. O amuleto é representado por uma medalha ou objeto semelhante, que as pessoas trazem consigo, por uma questão de superstição, e ao qual atribuem a virtude do afastamento de malefícios, doenças, *olho grande*, etc.

Foram os povos Caldeus, Egípcios e Persas, os primeiros e introduzir a crença dos amuletos, desde tempos imemoriais. Também os Judeus os usavam, com as mais variadas interpretações. Os amuletos consistiam na representação, em forma de figuras, de deuses, como anéis mágicos e mesmo fragmentos de pergaminhos sobre os quais se encontravam gravados os seus caracteres sagrados, ou mesmo as inscrições de livros sagrados. Da mesma forma, os Gregos e Romanos conceberam o uso dos amuletos, devido talvez às relações que trataram com os povos asiáticos.

Segundo a história das religiões, e enciclopédias, o uso dos amuletos teve larga repercussão durante a idade média, na qual todas as religiões cristãs deles se utilizavam. Embora condenados pela igreja católica, não deixou ela de introduzir essa crença nos amuletos, embora mudando-lhes o aspecto; pois as cruzes, as medalhas onde estão gravadas as imagens de santos, etc. nada mais representam do que simples amuletos.

É preciso não confundir o amuleto com o seu sinônimo *"talismã"*; pois, o talismã não se traz intimamente ligado à própria pessoa, tal como se dá com o amuleto. Aquele, segundo certas crenças, possui uma virtude mais intensa. Segundo alguns, o amuleto pode afastar os perigos, as doenças e até mesmo evitar a morte de quem o possui; ao passo que o talismã, além desses mesmos dotes, possui o poder de atacar os inimigos, ou afastá-los definitivamente.

TABUS

A palavra *tabu*, de origem polinésia, traz a significação de: sagrado. É uma crença mitológica, oriunda de instituições religiosas da Oceania, e principalmente da Polinésia. O tabu representa um caráter sagrado em determinada pessoa ou coisa, a qual constitui uso proibido.

Segundo a enciclopédia, a palavra *tabu*, com os derivativos de *tapu* e *kapu*, em certos dialetos, é um oposto à palavra *noa*, a qual era aplicada a toda pessoa ou cousa cujo contato ou uso podia ser independente ou livre, sem constituir perigo algum. Segundo inúmeras crenças religiosas, podiam ser *tabus* quaisquer seres ou objetos, os quais eram respeitados como cousas sagradas. Os chefes, os sacerdotes, os feiticeiros, os cadáveres, as mulheres em determinadas condições, etc. representavam verdadeiros tabus. Quando os tabus se referiam a objetos, armas ou apetrechos de guerra, eram considerados invioláveis, e sujeitos aos mais tremendos castigos aqueles que os violassem. Em algumas religiões fetichistas, os tabus representam objetos divinos, e acreditavam plenamente nos castigos por parte dos deuses, a quem se atrevesse a violá-los.

Os tabus também representavam divindades, bem como, faziam parte das indumentárias e rituais de inúmeras crenças religiosas dos povos antigos.

Na época atual, já o tabu praticamente não existe, principalmente no Brasil e outros países, onde a civilização procura dar um cunho de maior progresso, não admitindo certas teorias que não condizem com o adiantado grau de cultura destes tempos modernos. Entretanto, em alguns países como na África, Ásia, etc. ainda perduram, em certas crenças, essas concepções mitológicas.

IMAGENS

Encaradas somente sob o ponto de vista religioso, as imagens são as representações de figuras humanas, simbolizando cultos religiosos, nos quais se apresentam, principalmente na religião católica, os mártires da cristandade.

Essas imagens não deixam de ter o seu simbolismo tabulesco, uma vez que pela igreja católica é considerado ímpio, ou hereje, todo aquele que as menospreza. Contrários a essas representações simbólicas, foram todos os reformadores, e por essa razão, nas concepções bíblicas e protestantes, esses símbolos não são absolutamente concebidos.

As imagens sacras foram instituídas pelo papado de Roma, em completa inobservância aos ensinamentos cristãos, e surgiram com a finalidade de incutir, no espírito dos leigos e ignorantes, a idéia de fixação real das entidades consideradas celestiais, para melhor proveito tirarem do sentimento humano, na questão, de ver para crer.

No Brasil, as imagens nos foram trazidas pelos sacerdotes catequizadores, e a primeira missa aqui realizada, bem como as procissões que se realizam, transportando-se imagens, nada mais representaram e repre-

sentam do que uma intensa propaganda católica, com a finalidade única e exclusiva de conseguir-se maior número de adeptos, e conseqüentemente, maior renda para a suntuosidade do Vaticano.

Ainda chegaremos à conclusão de que, quando o homem encarar devidamente as questões religiosas, não se deixará imbuir por falsos princípios e falsos credos, guiando-se unicamente por uma força superior e divina, a qual não admitirá absolutamente o fenômeno da fé, baseando-se naquilo que se vê, e sim, naquilo que se sente. Essa, será a sublime condição da Umbanda. Mostrar a verdade, onde ela verdadeiramente se encontra.

2.ª PARTE

PARTE PRÁTICA

CAPÍTULO XI

AMBEQUERÊ-KIBANDA E O RITUAL AFRO-BRASILEIRO NO CANDOBLÉ

Foi precisamente no século XVI, que os primeiros navios negreiros aportaram às plagas do norte do Brasil, ou melhor: no Estado da Bahia, e trouxeram-nos os primeiros negros, que na qualidade de escravos, vinham destinados a trabalhar na lavoura.

Esses pobres negros, oriundos das diversas regiões africanas, ao se sentirem isolados, enxovalhados e atirados à ignomínia de trabalhar unicamente para o *Senhor* branco, sob o látego dos chicotes, lamentavam os seus sofrimentos por meio de preces e pedidos aos seus deuses, para que lhes minorassem as agonias e as dores, entregando-se a rituais próprios, os quais, oriundos das civilizações passadas, dos povos que cultuavam o fetichismo, utilizavam-se deles para festejarem os seus "Orixás"; cantarem as suas vitórias, enfim: evocarem as entidades superiores do Astral, num culto verdadeiramente bárbaro.

Foi assim, que na primitiva história da nossa civilização, da colonização das nossas terras, na catequização dos nossos índios, que juntamente com os jesuítas, aqui apareceram os negros: NAGÔS ou YORUBA, GÊGES, BANTUS, BARBADIANOS, LOANDAS, GUINÉS, MALÊS, ANGOLAS, etc., e com eles os seus cultos religiosos.

Surgiu desta forma uma nova religião no Brasil, na qual os seus praticantes, na maioria elementos incultos e maus, procuraram criar em torno dessa nova seita um mito de que as suas práticas eram dedicadas exclusivamente à evocação das falanges de Exus, entidades essas dirigidas pelo *Agente Mágico Universal* (Demônio ou Satanaz).

Em virtude do aparecimento, no Brasil, da religião surgida na França, baseada na concepção filosófica de Allan Kardec, denominada ESPIRITISMO, no qual se confirmava a presença dos espíritos dos mortos, nas reuniões realizadas com o fim de evocá-los, alastrou-se pelo Brasil inteiro a crença no sobrenatural, e por fim, inconscientemente denominou-se de Espiritismo, a todos os rituais e crenças fetichistas trazidas pelos negros africanos.

Passam-se os anos...

O homem branco, procurando imiscuir-se com os negros, e dotado de mais capacidade e cultura, aproveita grande parte dos rituais praticados nos *Candoblés*, nos *Cangerês* e mesmo na *Quimbanda;* e, com o advento da *Lei Áurea* busca melhores designios nessas crenças, e concebe o que hoje, erroneamente, conhecemos com o nome de UMBANDA, a qual, alguns escritores querem fazer crer, também é oriunda dos povos africanos.

Ao ser dado erroneamente o nome de UMBANDA a essa reunião de credos, nos quais se encontram: o ESPIRITISMO de Allan Kardec, os cultos NAGÔ, BANTU, GÊGE, MALÊ, LOANDA, AMERÍNDIO, etc., inclusive o próprio CATOLICISMO, criou-se uma tal confusão, que se tornará sumamente dificil retirar-se esse nome dessa religião que se alastrou de tal modo pelo Brasil inteiro, que será preferivel continuar como está, a fim de que não surjam maiores complicações e maiores embaraços aos seus praticantes e adeptos.

É preciso entretanto que se separe o joio do trigo, pois, surgirá no futuro uma nova religião, a qual baseada verdadeiramente nos princípios e ensinamentos do Mestre, e mesmo dedicando-se ao culto das evocações com o mundo astral superior, terá a denominação de ESPIRITUALISMO. Essa será a verdadeira Umbanda, a Umbanda que Jesus Cristo praticou na Terra, e a única que permanecerá sobre a face da Terra, de vez que todas as demais religiões desaparecerão, ou se fundirão nela.

COMO SE CULTUA VERDADEIRAMENTE O "CANDOBLÉ"

Conforme expliquei anteriormente, o CANDOBLÉ surgiu primeiramente no Estado da Bahia, oriundo da mistura de rituais praticados pelos escravos que ali aportaram, vindos dos diversos paises aos quais estavam submetidos e que, ramificando-se através dos estados circunvizinhos, foi pelo próprio povo erroneamente denominado de Umbanda. E pelo fato da pluralidade desses cultos, o termo Umbanda também se pluralizou.

Infelizmente, denominam-se UMBANDAS, todos os cultos fetichistas que se praticam no Brasil.

O CANDOBLÉ não deixa de ser uma religião, ou melhor: é uma verdadeira religião; pois, assemelha-se às demais religiões que praticam rituais evocativos das entidades dos planos Astrais, superiores e inferiores, tais como as crenças: *Ortodoxa, Positivista, Anglicana, Brâmane, Budista, Confucionista, Protestante, Islâmica, Católica*, etc. nos quais acredita-se na existência de seres sagrados, onde se encara o fundamento da fé.

O candoblé simboliza perfeitamente os Cultos: *Nagô, Bantu, Gêge, Malê, Guiné, Amerindio, Cabinda, Benguela, Loanda*, etc. tanto de origem africana como amerindia.

Não deve o Candoblé ser considerado ou encarado como ciência, e sim como religião, pelo fato de que, CIÊNCIA é a incerteza de fatos ou condições que se nos apresentam na vida material, de um modo permanente, estando por esse motivo aguçada a nossa curiosidade em

descobrir a verdade palpável, ou melhor: quando queremos ter certeza absoluta daquilo que se ignora; e, por conhecermos apenas uma parte, formulamos hipóteses, até a conclusão de que aquilo realmente existe.

Por outro lado, RELIGIÃO é a crença naquilo que não se vê onde se formulam dogmas, que devem ser aceitos apenas por questão de fé. É acreditar sem objeção nas verdades reveladas, que vão passando de geração a geração, acreditadas apenas por aqueles que seguem este ou aquele culto.

Sabendo-se que religião é todo culto que contém o seu cortejo de divindades, ou TEOGONIA; a sua LITURGIA ou Cerimonial; e os seus oficiantes ou praticantes que obedecem a uma classificação hierárquica, posso afirmar que o *Candoblé* é na realidade uma perfeita religião, verdadeiramente integral em todos os sentidos.

Tanto a teogonia, como a liturgia e a hierarquia que se pratica no Candoblé, não passam de uma mistura de credos, os quais variam de conformidade com as seitas afro-brasileiras. No entanto, as suas práticas são perfeitas, e tudo o que se distingue como fazendo parte do seu ritual define-se de um modo claro e insofismável.

A composição dessa seita, inclui na sua teogonia a crença nos seus deuses, considerados como ORIXÁS MAIORES, constituindo o que se denomina de SUPREMA CORTE DE ARUANDA, onde as mais altas divindades irradiam para a Terra a sua força fluídica, sem no entanto darem-se ao trabalho de baixar neste planeta. Possuem no entanto esses Orixás, os seus subalternos, os quais, com a denominação de *Orixás Menores*, trazem até nós as ordens e as irradiações que desejam espalhar sobre a Terra.

Como entidades superiores, consideram os praticantes do Candoblé, os seguintes:

1.º) Os chamados ESPÍRITOS DE LUZ, encarnando as forças da Natureza, considerados como ELEMENTAIS. São os espíritos evoluídos que se projetam através dos planos superiores do mundo Astral, e que aceitam, como qualquer elemento humano, os AMALÁS (comidas de santo), quando incorporados nos seus médiuns.

2.º) OS EGUNS ou espíritos desencarnados, considerados como ELEMENTARES. São as almas ou espíritos dos mortos, ou ainda: os espíritos humanos que ainda não atingiram as mais altas camadas espirituais do mundo astral, sujeitos, muitas das vezes, a novas reencarnações.

3.º) Os EXUS ou espíritos diabólicos, considerados como servos ou escravos dos *Orixás*, servindo de intermediários entre os *Orixás Menores* e o homem. São essas entidades que se incumbem de castigar os filhos de fé quando erram, de vez que aos Orixás não é dado o direito ao castigo e tão-pouco se incumbem da prática do mal.

Com relação à escala hierárquica dos praticantes, iniciados ou sacerdotes do culto no CANDOBLÉ conhece-se como chefe principal o chamado PAI DE SANTO com outras denominações tiradas dos dialetos negros, tais como: BABALAÔ, BABALORIXÁ, BABALUAÊ, ou ainda: *Chefe de Terreiro*, *Senhor de Olurum*, *Chefe de Rebanho*, *Príncipe de Umbanda*, etc. etc. no lado masculino; e MÃE DE SANTO ou BABÁ, no lado feminino.

A seguir vêm os OGANS; homens que dirigem os trabalhos de incorporação dos médiuns, ajudando o PAI DE SANTO, na entoação dos pontos cantados e zelando pela perfeita ordem dos terreiros, e que atuam como dirigentes materiais dos trabalhos.

Seguem-se, as denominações *Pequenas Mães* ou "JIBONANS", encarregadas de tudo quanto diz respeito ao ritual, isto é: danças, despachos e preparo das iniciandas, quando após passar pelos periodos de iniciação, estarão aptas a trabalhar em público.

Como intérpretes e ajudantes do Pai de Santo, vêm os *Cambonos*, que ainda com as denominações de *Cambones* ou *Cambondos*, são os encarregados de preparar e facilitar a chamada dos filhos de fé, ao se dirigirem ao *Babalaô*.

A seguir, encontram-se os irmãos de seita ou melhor: *Filhos de Santo* (homens) e *Filhas de Santo* (mulheres), denominação dada a todos os médiuns julgados em condições de incorporar ou receber os *Orixás Menores*. Esses médiuns são também chamados de: *cavalos, aparelhos, moleques*, etc., quando manifestados, isto é: quando incorporados com os seus *Guias Espirituais*.

Finalmente, vêm os músicos ou componentes da CURIMBA; encarregados de executar os hinos e batuques próprios para facilitar a aproximação dos *Orixás*.

Como instrumentos utilizados pelos praticantes do *Candoblé*, conhecem-se os *"atabaques"*, *"macumbas"*, *"tambores"*, *"gingês"*, *"alabês"*, etc. os quais num ritmo ensurdecedor, acompanham os cânticos de guerra e as evocações dos bravos *"Orixás"*.

COMO SURGIRAM AS DIVINDADES DO "CANDOBLÉ"

Das lendas africanas, surgiram as divindades principais, que com a denominação de *Orixás Maiores*, são evocados nos terreiros onde impera o CANDOBLÉ. Acontece no entanto, que, com a imposição sofrida pelos negros, quando os missionários católicos proibiram terminantemente que eles praticassem esses cultos fetichistas, administrando-lhes entretanto as crenças católicas, esses negros procuraram furtar-se à perseguição, fingindo que admitiam perfeitamente os deuses cristãos, dizendo que na sua linguagem os seus deuses, eram os mesmos deuses católicos.

Desta maneira, criou-se um novo mito, e até os nossos dias, os praticantes dessa seita evocam a XANGÔ (ou Béri — Chefe do Oyó, capital de Yoruba, terra de negros Nagôs), como SÃO JERÔNIMO; a TIMIM ou TIMIM-OXICE ou simplesmente OXOCE, como SÃO SEBASTIÃO; a OGUM-GBONKÁ ou OGUM, como SÃO JORGE; a XAPANÃ, ou OBALUAIÊ, como SÃO LÁZARO; a INHANÇÃ ou IANÇÃ, como SANTA BÁRBARA; a OXUM ou AXUM, como NOSSA SENHORA DA CONCEIÇÃO; a IEMANJÁ ou IAMANJÁ, como NOSSA SENHORA DA GLÓRIA, etc., etc.

Depositam os praticantes do Candoblé a sua crença num Deus Supremo, considerado o PAI DOS ORIXÁS, encarado como o criador dos mundos e rei supremo da corte de "OBATALÁ", considerado esse reino também com o denominativo de "SUPREMA CORTE DE ARUANDA".

Para o povo de Nagô, esse Deus Supremo denominava-se *Olurum*, o qual também é assim conhecido na prática da *Quimbanda*.

Acontece, porém, que esse Deus tomou várias denominativos, de acordo com os demais cultos, e assim, para os negros Bantus, Angoleses, Loandas, Costa-Africanos e muitos outros, é conhecido com os seguintes nomes:

Zambi, Zambi-Maior, Senhor do Bomfim (pelo povo da Bahia), *Ganga, Ganga-Maior, Malungo, Zambiapungo, Aruê-Zambi*, etc. etc.

Tendo o culto Nagô, por terem os seus descendentes em maior número, dominado totalmente os demais cultos negros, foi considerado o mais perfeito, e por essa razão, seus *Orixás* prevaleceram em todos os rituais fetichistas.

Assim, são eles evocados: com os respectivos fetiches, amalás, curiadores, indumentárias, etc.

OXALÁ, OBATALÁ, ZAMBI, SENHOR DO BONFIM, OLURUM (Chefe Supremo da Corte Celestial) — Jesus Cristo na Lei Católica. — Para evocá-lo, usam os praticantes da seita os seguintes fetiches: anel de ouro, chumbo ou prata. Como insígnias: um bastão de pastor com pequenos sinos e um alforge ou bolsa de pele de carneiro. Como amalá, oferecem-lhe: carne de cabra e pombos. Vestem-se de branco, usam contas brancas e pulseiras de contas brancas, e cor de cumbo. O dia preferido para a sua evocação é às sextas-feiras.

OGUM, OGUM-MEGÊ, OGUM DAS 7 ENCRUZILHADAS, OGUM NARUÊ, OGUM ROMPE-MATO, OGUM-IARA, OGUM-MALEI, OGUM-NAGÔ — São Jorge na Lei Católica — (Chefe das demandas espirituais, deus da guerra). — Fetiche: pá, foice, lança, bigorna, malho, enxada, ferro. Insígnias: lança e espada. Amalá: carne de bode, cabeça de boi, galinhola (galinha da Angola), galo. Indumentária: todas as cores, porém, de preferência: vermelho. Colares contendo enfeites de todas as cores. Pulseiras de bronze e ferro.

XANGÔ-AGODÔ ou BÊRI — São Jerônimo na Lei Católica — (Rei da cachoeira, chefe das quedas dágua e das pedras, deus do relâmpago) — Fetiche: meteorito. Insígnia ou ponto: lança e machadinha. Amalá: galo, tartaruga, bode, caruru, rabada de boi com agrião. Indumentária: cor roxa ou vermelho-cardeal. Contas: de cores vermelha e branca. Pulseiras: de latão. Seu dia sagrado: quartas-feiras.

OXOCE, OXOCE DAS MATAS, etc. — São Sebastião na Lei Católica — (Rei e Senhor das florestas, chefe das matas, deus da caça) — Tem como fetiche o arco e flecha, frigideira de barro, pedra. Insígnia: arco e flecha. Indumentária: verde. Amalá: carne de carneiro, galo e milho verde.

IBEGI ou NABEIJADA — São Cosme, São Damião e Daum na Lei Católica — (Gêmeos, protetores das crianças) — Têm como fetiche suas próprias imagens, representadas por três garotos, trazendo nas mãos um bastão recurvado e na outra uma palma. Amalá: bombons, balas e doces. Cor da indumentária: rosa e branco. Cor das contas: várias cores.

OMULU, OMULUM ou XAPANÃ — São Lázaro na Lei Católica (Deus da peste, principalmente da varíola. Considerado na Lei Quimbanda como dono e Senhor dos Cemitérios) — Fetiche: caveira, piaçava com búzios, velas de sebo. Insígnias: lança, caveira, tridente de Exu. Amalá: bode, galo preto, acaçá, farofa com azeite de dendê, pipoca, orobó. Cor da indumentária: verde, amarela. Cor das contas: preta e branca ou verde e preta. Pulseiras: bronze ou latão. Dias sagrados: quintas-feiras. Curiador: marafo, azeite de dendê, sangue de galinha.

INHANÇÃ ou IANSÃ — Santa Bárbara na Lei Católica — (Deusa do vento e da tempestade. Deusa da vingança) — Tem como fetiche: pedra meteorito. Insígnia: espada e o raio. Amalá: bode, galinha, acarajé. Cor da indumentária; vermelha e verde. Contas: de cor vermelha coral. Pulseira: cobre, latão. Curiador: cerveja branca, água de cachoeira.

IEMANJÁ ou IAMANJÁ — Nossa Senhora da Glória na Lei Católica — (Deusa da água salgada) — Fetiche: conchas e estrelas do mar. Insígnias ou pontos: leque, espada. Amalá: pombo, milho verde, bode castrado. Cor da indumentária: vermelha, azul-escuro, cor de rosa, branco. Contas: "pingo-

d'água", "águas-marinhas". Pulseiras: alumnio, prata.

OXUM ou AXUM — Nossa Senhora da Conceição na Lei Católica — (Deusa dos rios e da água fresca) — Fetiche: pedrinhas roladas. Insígnias: leques, sinos pequeninos, espelhos, Amalá: peixes do rio, tainha, cabra, galinha, feijão fradinho. Contas: amarelas, azuis. Pulseiras: latão.

OXUM-MARÊ — Nossa Senhora Aparecida na Lei Católica — (Deusa do Arco-Íris). — Fetiche: pedra. Amalá: galo, bode. Contas: Cor alaranjada. Curiador: Cerveja preta, água com açúcar.

NANÃ ou NANÃ-BURUCU — Santa Maria Madalena na Lei Católica — (Deusa da chuva — que protege as plantações) — Fetiche: pedra. Insígnia: espada de São Jorge, vassourinha de palha com búzios. Amalá: boi, bode, galinha. Indumentária: branca, e azul-escuro. Contas: branca, vermelha, azul. Pulseiras: alumínio. Curiador: água da chuva.

IROCÔ — (Deusa das matas e das cachoeiras) — Fetiche: gameleira. Amalá: galo, fumo. Indumentária: verde, amarela. Curiadores: cerveja, vinho branco.

IFÁ — Nossa Senhora das Dores na Lei Católica — (Deusa mãe — que protege as parturientes) — Fetiche: dendêzeiro (fruto). Contas: verde, amarela. Amalá: galinha, cabrito.

XANGÔ-CAÔ — São João Batista na Lei Católica — protege as almas que entram no céu ou Aruanda) — Fetiche: chave. Insígnias: pedra, palmas. Amalá: bode, carneiro, galinha. Contas: azul, branca, roxa.

XANGÔ-CAÔ — São João Batista na Lei Católica — (protege os que sofrem por injustiça). — Fetiche: carneiro. Insígnias: cruz de Cristo, bandeira e cajado de pastor. Amalá: Cabra, galo, porco. Indumentária: vermelha. Contas: vermelha, branca, cor de rosa.

EXU — (Satanaz — demônio — Deus do mal — rei das trevas) — Fetiches: barro, ferro, madeira. Amalá: bode, cabra, galo preto, farofa com azeite de dendê, porco. Indumentária: vermelho e preto. Contas: vermelha, preta. Pulseiras: bronze. Curiador: marafo, charuto, pemba preta.

Pelo exposto, podemos notar que cada *Orixá* possui seu fetiche próprio, e tudo quanto diz respeito ao culto das divindades.

Antigamente os praticantes do Candoblé não se utilizavam de fetiches esculpidos, porém, com o advento dessa mistura de credos, já é comum mesmo no estado maior dessa crença, que é o Estado da Bahia, ver-se nos seus *Pegis* as imagens utilizadas nas igrejas católicas.

Esses fetiches são guardados nos "*Estados*" ou "*Pegis*", tratando deles o praticante a quem é dado o nome de ACHOGUM, o qual é encarregado do sacrifício dos animais, quando se fazem os "EMBÉS" (oferendas), e os "EBÓS" (despachos para Exus), constando de comidas e bebidas (*amalás e curiadores*).

Em virtude da expansão dos cultos fetichistas espalhados em toda a América do Sul, originaram-se várias crenças com relação aos *Orixás*, e assim, concebem-se em alguns países essas entidades relacionadas com os santos da Igreja Católica, da seguinte maneira:

JESUS CRISTO — OXALÁ — OBATALÁ — Na Bahia, representado como Cristo crucificado, é chamado e considerado SENHOR DO BOMFIM. Em Havana (Cuba), é chamado *Nossa Senhora das Mercês* (Virgem) ou *Santíssimo Sacramento*.

OGUM — No de de Janeiro é São Jorge; em Cuba é São Pedro; nos Candoblés baianos, é Santo Antônio.

OXOCE — No Rio de Janeiro é São Sebastião; na Bahia é São Jorge; em Cuba é Santo Antônio.

XANGÔ — Em Cuba é Santa Bárbara; na Bahia, com os nomes de: XANGÔ-AGODÔ, XANGÔ-AGAJÔ e XANGÔ-CAÔ, são respectivamente: São Jerônimo, São Pedro e São João Batista, sendo que em alguns terreiros, alguns ainda consideram também a Santa Bárbara como sendo XANGÔ.

IBEJI — NEBEIJADA — DOIS-DOIS: — Na Bahia e no Rio de Janeiro, são considerados como: São Cosme e São Damião. (Compreende a falange dos gêmeos, na qual se inclui ainda o aparecimento de DAUM e CRISPIM — CRISPINIANO).

IEMANJÁ ou IAMANJÁ: — No Rio de Janeiro é Nossa Senhora da Glória; na Bahia, é Nossa Senhora do Rosário e também N. S. da Piedade.

OMULU ou OMULUM: — No Estado do Rio de Janeiro é São Lázaro; na Bahia é São Bento.

LÚCIFER ou SATANAZ: — Conhecido como EXU em quase todos os cultos fetichistas das Umbandas.

Em face desta exposição, é fácil conceber-se grande influência do Catolicismo junto aos cultos fetichistas que praticam a crença no sobrenatural, que apesar de tudo, não deixa de se uma prática do Espiritismo, nas suas inúmeras modalidades.

Concebem os praticantes do CANDOBLÉ, na sua religião, uma divisão em 7 linhas ou legiões, nas quais se enquadram as entidades *maiores* e *menores*, constituindo um verdadeiro SETENÁRIO; e ainda: subdividindo-se essas linhas em outros tantos ramos ou suddivisões, denominadas *falanges*, cabe a cada uma o poderio cu mando a determinado *Orixá* ou Chefe.

Tal como se conhece nas Leis de Umbanda e Quimbanda, a divisão dessas linhas nos cultos do CANDOBLÉ obedece à seguinte classificação:

PRIMEIRA LINHA: — LINHA DE SANTO OU DE OXALÁ — Tem como chefe principal Jesus Cristo (Senhor do Bonfim). Integra-a a "LEGIÃO DOS SANTOS", quais sejam: "São Cosme e São Damião (inclusive Daum); Santo Antônio, Santa Rita de Cássia, São Francisco de Assis, Santo Expedito, Santa Catarina, São Benedito, e os Arcanjos: São Miguel, São Gabriel e São Rafael.

SEGUNDA LINHA: — LINHA DE IEMANJÁ ou IAMANJÁ — Assistida e dirigida por Nossa Senhora (Virgem Maria), também denominada "Linha do Mar"; composta de 7 legiões a saber:

Legião das sereias: — sob a proteção e chefia de Mãe Oxum ou Axum (N. S. da Conceição).
Legião das Caboclas do Mar: — Sob a orientação e *Nanã-Burucu* (Santa Maria Madalena).
Legião das Caboclas do Mar: — So ba orientação e direção de Indaiá.
Legião das Caboclas dos Rios: — Chefiadas por *Iara*, a Deusa dos Rios (*Mitologia Nagô*).
Legião dos Marinheiros: — Sob a chefia de Tarimá.
Legião dos Calungas: — Dirigida por Calunga ou Calunguinha.
Legião da Estrela-Guia: — Sob a proteção e direção da Virgem Maria, na aparição como N. S. dos Navegantes.
(*Alguns cultos atribuem a direção dessa Legião, a Santa Maria Madalena, ou a Sant'Ana*).

TERCEIRA LINHA: — *LINHA DO ORIENTE OU DA MAGIA*, cujo chefe, São João Batista, dirige os mestres da ciência oculta, e toda a legião de sábios, que se dedicaram aos estudos da *cartomancia, astrologia, grafologia, ciência ocultas* etc. Está também sob a sua guarda e direção, a orientação dos grandes médicos e curadores do espaço, manobrando as legiões dos hindus, de Zartu, dos discípulos de José de Arimatéia, dos Incas, Chineses, Mongóis, Rabis, Egípcios, Muçulmanos, Aztecas, Esquimós, Marroquinos, Índios etc. ets. Das sete legiões que compõem a terceira linha, conhecem-se os *Candoblés*, bem como nas Umbandas, como seus principais chefes e *Orixás*, as seguintes entidades:

Primeira Legião: — De *ZARTU*, que chefia a Legião dos povos hindus.

Segunda Legião: — De JOSÉ DE ARIMATÉIA, o mestre da *kaballah*, mestre de Cristo na *Alta iniciação esotérica*. Chefia a Legião dos Médicos, Cientistas e propagadores dos *"Taros Adivinhatórios"*.

Terceira Legião: — De JIMBARUÊ, que comanda a Legião de Árabes, Turcos e Marroquinos.

Quarta Legião: — De ORI DO ORIENTE, que chefia a Legião de Mongóis, Chineses, Japoneses, Esquimós e demais descendentes das raças orientais.

Quinta Legião: — De INHOARAIRI, que segundo a história das antigas civilizações, antes da era de Cristo, foi o primeiro Imperador Inca. Chefia a Legião dos povos Egípcios, dos Aztecas, dos povos Incas e das antigas civilizações desaparecidas dos povos Caldeus.

Sexta Legião: — De ITARAIACI, chefe de antigas tribos de índios Caraíbas, da região das Guianas.

Sétima Legião: — De MARCUS PRIMEIRO — César ou Imperador Romano, que comanda a Legião dos Gauleses, Fenícios, Romanos e demais raças européias, muitas das quais já desaparecidas.

QUARTA LINHA: — LINHA DE OXOCE — Dirigida por São Sebastião, é constituída pelos espíritos puros que amparam os sofredores, os necessitados de caridade, utilizando o processo de passes e praticando o curandeirismo por meio de ervas e beberagens. Integram essa linhas, 7 legiões, com a seguinte constituição:

Legião de Urubatão — Chefiada pelo caboclo Urubatão, que segundo a opinião de alguns, é considerado como sendo o próprio *São Jorge*, divergindo no entanto grandemente essas opiniões, pois, outros o evocam como *São Sebastião*. No entanto, de acordo com a mitologia Bantu, essa entidade é conhecida como sendo o chefe de uma poderosa tribo de ameríndios, que adoravam o Deus Tupã (Deus do fogo), e que mais tarde se tornou um Orixá.

Legião de Araribóia — Chefiada pelo guia espiritual ou Orixá que tem o mesmo nome. (*Cacique Araribóia* — na crença dos nossos aborígenes).

Legião da Cabocla Jurema — Dirigida pela entidade como chefe o Caboclo das Sete Encruzilhadas (ou Caboclo das 7 matas), dirigindo as falanges das matas, na evocação dos chefes índios: Tupis, Aimorés, etc.

Legião dos Peles Vermelhas — Dirigida pelos caciques das tribos de índios americanos.

Legião dos Tamoios — Sob a direção de Grajaúna.

Legião da Cabocla Jurema — Dirigida pela entidade do mesmo nome.

Legião dos Guaranis — Dirigida pelos caciques Guaranis.

QUINTA LINHA: — LINHA DE XANGÔ — Sob a direção de São Jerônimo, composta de sete Legiões, assim compreendidas:

Legião de Inhançã ou Iansã — Chefiada por Santa Bárbara.

Legião dos Caboclos do Sol e da Lua — Dirigida pelas entidades que têm o mesmo nome (*crença indígena: Deus do Sol e Deus da Lua*).

Legião do Caboclo do Vento — Tendo como chefe o Caboclo do Vento (crença indígena).

Legião do Caboclo das Cachoeiras — Dirigida pelo Caboclo das Cachoeiras ou das 7 Cachoeiras.

Legião do Caboclo Treme-Terra — Chefiada pelo Caboclo Treme-Terra.

Legião de Pretos Velhos — Sob a direção da falange de pretos velhos QUENQUELÊ e QUENGUELÊ DE XANGÔ (mitologia Nagô).

SEXTA LINHA: — LINHA DE OGUM — Dirigida por São Jorge (Rei das demandas) contendo também 7 Legiões, a saber:

Legião de Ogum Beira-Mar — Sob a direção de Ogum, aliada à falange do povo do mar. (Dirigida por Indaiá).

Legião de Ogum Rompe-Mato — Sob a direção de Ogum, aliada à falange de Oxoce (Povo da mata).

Legião de Ogum-Iara — Sob a direção de Ogum, aliada à falange das Caboclas dos Rios (dirigida por IARA).

Legião de Ogum-Megê — Sob a direção de Ogum, aliada à falange das Caboclas dos Rios (dirigitantes da Costa d'África).

Legião de Ogum-Naruê — Sob a direção de Ogum, aliada à falange do povo Naruê (escravos de várias raças).

Legião de Ogum de Malei — Dirigida por Ogum, aliada à falange do Povo de Malei ou linha de Malei (povo de Exu).

Legião de Ogum de Nagô — Sob a direção de Ogum, aliada à falange do povo de Ganga (linha de Nagô).

SÉTIMA LINHA: — LINHA AFRICANA — Sob a direção de São Cipriano, é composta de 7 Legiões, representadas por pretos velhos oriundos de várias raças, conforme as suas origens: São elas:

Legião do Povo da Costa — Sob a direção de Pai Cabinda.

Legião do Povo de Congo — Sob a direção de Pai Congo ou Rei Congo.

Legião do Povo da Angola — Sob a direção de Pai José d'Angola.

Legião do Povo de Benguela — Sob a direção de Pai Benguela.

Legião de Moçambique — Sob a direção de Pai Jerônimo.

Legião do Povo de Loanda — Sob a direção de Pai Francisco de Loanda.

Legião do Povo da Guiné — Sob a direção de Pai Guiné ou Zun-Guiné.

Pelo fato de que na época que ora atravessamos, não existe quase nenhum dos antigos escravos oriundos dos povos Bantus, Nagôs, Gêges, Guinés, etc., a mistura dos cultos fez-se de tal maneira, que não se pode identificar verdadeiramente a essência do que foram real-

mente esses cultos, que divergiam entre si, tanto na forma, como na evocação das suas entidades espirituais; assim, era sabido que os Nagôs e os Gêges não evocavam espíritos dos mortos ou "Eguns", trabalhando apenas com os seus *Orixás* e os *"Exus"*, ao passo que os Bantus trabalhavam com todas as evocações, isto é: tal como se pratica hoje em dia no Kardecismo, evocando os espíritos de desencarnados, misturando o seu ritual, aos cultos: ameríndio, católico etc.

COMO SE FAZEM OS SACERDOTES OU INICIADOS DO CANDOBLÉ

O *Candoblé* nada mais representa do que uma cópia fiel do que se praticava antigamente com respeito ao *Culto Pagão das Divindades*, por eles cultuado no seu ponto de origem, e que embora assemelhando-se em tudo a uma forma de Espiritismo, se personaliza de um modo todo especial, o qual, por meio de gestos, cantos e danças, entremeados de rodopios com fundo cabalístico, numa coreagrafia essencialmente policrômica e folclórica, são dançados e riscados os seus rituais, ao som dos *Atabaques, Macumbas, Agogôs, Tambores, Rumpis, Agês, Adalás, Xaque-xaques*, etc.

Essas apresentações representam o simbolismo de atos heróicos e bárbaros praticados desde um tempo remoto impossível de determinar-se, e que, segundo eles, foram praticados por suas *Divindades;* e era desta forma pela qual melhor podiam afogar as mágoas e cruciantes saudades de suas pátrias longínquas.

No *Candoblé* o chefe de terreiro é o PAI DE SANTO e como tal possui todas as características de mandante, com respeito à indumentária da qual se utiliza para a prática do seu ritual. O Pai de Santo ordena as *"macumbas"*, *"curimbas"* ou *"cangiras"*, durante as quais são atendidos todos os filhos de fé.

É ele o encarregado de identificar no aparelho dos médiuns, o *Orixá* que baixou no terreiro, a fim de prestar-lhe todas as homenagens. É ele ainda o responsável direto pelas demandas espirituais ou materiais que porventura possam surgir, quando existirem desavenças entre os médiuns.

É ele quem pratica a adivinhação, e procede ao jogo dos *Búzios*, exercendo ainda o curandeirismo, receitando e dando passes. O período de iniciação de um Pai de Santo é por demais demorado, e muitas vezes não consegue atingir ao grau máximo do sacerdócio, devido às grandes responsabilidades que tem que assumir junto aos seus *Orixás*.

Para dar ajuda aos Pais de Santo ou Mães de Santo, instruem-se os Ogans e os Cambonos, quando fazem parte do setor masculino; e, Pequenas Mães, Jebonans e Sambas, no setor feminino.

Fazendo parte do terreiro, vêm a seguir os Filhos ou Filhas de Santo, que são os médiuns já desenvolvidos ou em desenvolvimento, que cedem seus corpos a manifestações dos *Orixás*.

Só podem, no entanto, praticar verdadeiramente todo o ritual, aqueles que têm cabeça feita, ou cruzada em várias linhas.

Como parte do ritual, existem os pontos cantados e riscados, os quais são puxados ao som dos instrumentos que fazem parte da orquestra.

Outros preceitos são necessários para uma perfeita iniciação nos rituais do Candoblé: *Dar comida à cabeça", "Dar o amalá"* (comida de santo), *"Fazer Filho ou Filha de Santo"*, *"Iniciação dos Iaôs"* (fazer Mães de Santo ou Babás), etc.

Várias são as fases que precedem à iniciação das *Iaôs*. Na primeira, é feita a oferta ou despacho a Exu (*Ebó de Exu*), utilizando-se nessa prática o sacrifício de inúmeros animais, tais como: bodes, cabras, galos, pombos, galinhas de angola, tudo de acordo com as pre-

ferências das entidades que deverão incorporar nesse médium. Esse ritual é feito dentro das *"camarinhas"*, lugar apropriado para esse fim, no qual as iniciandas permanecem pelo período de dezesseis dias.

Na segunda fase, é a aparição em público pela primeira vez, onde se faz a cangira ou macumba, indo depois para novo estágio nas camarinhas, para aprender o ritual, e a língua africana.

Finalmente, volta a *Iaô* à cangira, perfeitamente apta para exercer a sua função como cavalo de um *Orixá*.

Como indumentária que os distinguem perfeitamente nos seus trabalhos de evocação aos seus deuses, utilizam os praticantes do Candoblé, variadas vestimentas, na sua maioria coloridas, tudo de acordo com a vontade do seu Orixá. Os homens apresentam-se em geral vestindo uma calça comum, e blusas de cores berrantes, usando em volta do pescoço colares e enfeites próprios, condizentes com a linha na qual trabalham.

As mulheres, vestem-se de baiana, usando anáguas, batas e panos da costa, calçando sandálias, usando na cabeça turbantes e torsos de seda.

Eis, em síntese, a representação verdadeira do que é o Candoblé cultuado no Estado da Bahia, e em torno do qual fazem-se os piores mistérios, confundindo-o com a magia negra ou Quimbanda, indo de encontro a uma religião que é, na sua essência íntima, um verdadeiro culto pagão.

Capítulo XII

COMO DEVE SER CULTUADA A VERDADEIRA UMBANDA. SUA VERDADEIRA DIVISÃO

Conforme declarei no primeiro capítulo deste livro, que iria discordar por completo de todas as teorias e conceitos que da Umbanda fazem aqueles que se dizem entendidos, e mesmo, dos que a julgam de um modo desairoso; quero agora, mostrar-lhes o meu ponto de vista, e a maneira como concebo o culto de uma Umbanda conscientemente sincera, honesta e verdadeira.

Para começar, dividirei este tema em várias partes; e, à proporção que as for descrevendo, irei ao mesmo tempo fazendo comparações e dissertações, que julgo imprescindíveis para uma perfeita compreensão por parte daqueles que porventura ainda nada conheçam de Umbanda.

INTERPRETAÇÃO: — Em primeiro lugar, a Umbanda deve ser, por todo aquele que se dedica ao seu culto, interpretada de um modo especial, perfeitamente condizente com a sua verdadeira finalidade, isto é: respeitada tal como são todas as demais religiões.

A religião, em hipótese alguma, serviu de base para menosprezo ou falta de respeito. Os templos de qualquer natureza devem ser respeitados e tidos como um ambiente onde se procura, na oração ou na meditação, uma aproximação de Deus. Quando se entra em uma igreja católica, todos o fazem com a máxima decência e com a compreensão de verdadeiros crentes. Entretan-

to, tal não se dá com a maioria dos que freqüentam "centros espiritas". O mau espírita julga que pelo fato de se tratar de uma sessão espírita, não se deve dar a mínima importância, e o respeito é coisa que não existe. Acreditam muitos, ou melhor: crê a maioria dos que praticam ou freqüentam o espiritismo, que pelo fato de lidar-se com espíritos, são estes obrigados a "acertar" ou desvendar o futuro de quantos recorrem às suas consultas. Por outro lado, nenhuma consideração é dada por parte dos consulentes ao "Guia" que está manifestado no terreiro, em virtude da falta de bom senso e, muitas vezes, da educação, da falta de ordem e da falta de bons princípios.

Já se foi o tempo em que o espiritismo era tido como *"feitiçaria"*. Refiro-me à própria Umbanda. Agora a concepção que se está fazendo dessa crença é bem outra. Entretanto quando um indivíduo passa por uma série de sofrimentos, quando tem a sua saúde abalada, e, tendo recorrido a uma infinidade de médicos, estes dão a causa como perdida, aí então recorrem ao espiritismo na certeza de que ele será a sua tábua de salvação. Muitas vezes a justiça divina faz com que se consigam grandes resultados, mas... o que acontece é sempre a *"velha ingratidão"*. O indivíduo, completamente restabelecido, dá o seu clássico pontapé, e o pobre médium que muitas das vezes sacrifica até a sua própria saúde, é tachado de macumbeiro e é enxovalhado de todas as maneiras.

No meu modo de entender, a Umbanda deveria passar por uma série de reformas, até que se enquadrasse devidamente numa condição idêntica ao que se observa em todos os cultos religiosos. Deveriam erguer-se templos, dirigidos por homens de bem, que a cultuassem com todos os rigores de uma condição perfeitamente sociável e dentro de uma moral profundamente sã.

ORGANIZAÇÃO: — Uma Umbanda para ser perfeitamente organizada, deveria conter junto aos seus

centros um certo número de elementos perfeitamente conhecedores do assunto; bem como, estar entregue às autoridades competentes a questão do seu corpo mediúnico, o qual só poderá constar de indivíduos de moral elevada, para evitar que pessoas de mau caráter ou condições físicas duvidosas, pudessem intervir e deturpar a perfeita finalidade dos trabalhos. Deveriam todos os médiuns ser examinados por uma junta médica, a fim de evitar-se a questão do animismo ou da fraqueza cerebral, que acarreta muitas das vezes o ingresso nos manicômios.

Alguém poderá contradizer-me nessa minha concepção, baseando-se no fato da Umbanda ser considerada como religião, e como tal, não se conceber a interferência de autoridades policiais e nem tão-pouco de médicos. Entretanto, estou convicto de ser uma necessidade adotar-se essas medidas, não só em benefício da coletividade, como também para evitar certos abusos que bradam contra a opinião geral. A Umbanda, por se tratar de uma religião que está sujeita a fortes vibrações espirituais, tanto do lado bom como do lado mau, pelo fato, de lidar-se com o mundo espiritual, não isenta de encontrar espíritos fracos, que se deixam arrastar inconscientemente no terreno do histerismo e das fraquezas cerebrais.

MODALIDADES DE TRABALHO: — Deveriam ser interpretados os trabalhos que se executam na Umbanda, por dois modos: um, interpretado pelo lado científico; e o outro, pelo lado religioso.

Os trabalhos a serem interpretados pelo lado científico, deveriam constar de passes, curas pelos diversos processos, inclusive operações espirituais, nos quais se comprovaria a existência de forças superiores que muitos ainda desconhecem, por não terem tido a felicidade de trabalhar numa Umbanda integralmente perfeita.

Quanto aos trabalhos a serem interpretados pelo lado religioso, deveriam constar de doutrinas e expla-

"terreiros", assim concebo o culto da Umbanda, o qual me propus comentar nesta obra.

COMO PRESTAR A VERDADEIRA CARIDADE: — Desde que o médium seja íntegro na sua condição, a caridade pode e deve ser prestada de qualquer maneira, em qualquer parte, bastando apenas que as pessoas que se reúnem para tal fim, encarem essa questão puramente pelo lado espiritual, e nunca pelo lado material. A cura de obsessões, de moléstias, de perturbações de toda espécie, terá resultados satisfatórios, se os crentes primarem pela observância dos preceitos que acompanham todas as manifestações espirituais. A caridade dentro da Umbanda, não deve ser objeto de apadrinhamentos e nem tão-pouco privilégio somente entre amigos. Muitas pessoas recorrem à Umbanda, julgando ficarem acobertadas de castigos e provações, simplesmente porque a ela recorrem, embora trazendo nos seus corações a maldade, a inveja e a corrupção. Estarão cometendo um erro lamentável; pois, a verdadeira Umbanda, quando praticada por elementos verdadeiramente sinceros, jámais acobertará essas pessoas e os seus erros, sem que a regeneração ou o arrependimento seja na realidade puro e sincero.

A verdadeira Umbanda ensina o caminho do sacrifício ,e o modo como poderão ser resgatadas as dívidas, baseando-se unicamente nos princípios das *Leis Divinas*, onde não paga o justo pelo pecador.

INDUMENTÁRIA: — Numa perfeita organização de Umbanda, a indumentária seria um fator primordial. Todos os seus médiuns deveriam obedecer a um único padrão de vestimenta, a qual constaria apenas de um uniforme branco (calça e blusão) para os homens, e "balandrau" e calça para as mulheres; tal como se vê em diversas organizações que primam pela decência dos seus trabalhos.

Sob a questão do uso dos instrumentos de trabalho, tais como: pembas, ponteiros, curiadores, etc. restringir-se-iam pelas próprias entidades, e em sessões sem público, por se tratar de *"arte mágica"*, e por essa razão, não facultado aos simples assistentes.

ORGANIZAÇÃO DE TEMPLOS, CENTROS, TERREIROS ETC.: — No meu ponto de vista deveria ser abolido o uso de imagens católicas, e os altares conteriam apenas uma simples cruz de madeira, que simboliza a fé, e os pontos *"esotéricos"* e *"cabalísticos"*, representativos das forças próprias de cada entidade. Entoar-se-iam hinos e cânticos próprios, que condizem perfeitamente com a evocação das entidades. Estabelecer-se-iam condições regulamentadas para as diversas modalidades de trabalhos, e um corpo clínico deveria ser mantido, para a perfeita observância do disposto nos seguintes artigos do "CÓDIGO PENAL BRASILEIRO". *(Decreto-Lei n.º* 2.848, *de 7 de Dezembro de* 1940 e 6.026, *de 24 de Novembro de* 1943*):*

"Dos crimes contra a saúde pública:

Exercício ilegal de medicina, arte dentária ou farmacêutica.

Art. 282 — Exercer ainda que a título gratuito, a profissão de médico, dentista ou farmacêutico, sem autorização legal ou excedendo-lhe os limites.

Charlatanismo — Art. 283 — Inculcar ou anunciar cura por meio secreto ou infalível.

Curandeirismo — Art. 284 — Exercer o curandeirismo:

I — prescrevendo, ministrando ou aplicando, habitualmente, qualquer substância;

II — usando gestos, palavras ou qualquer outro meio;

III — fazendo diagnóstico."

Para que as práticas da Umbanda não entrassem em choque com o que preceitua o Código Penal Brasileiro, por não ser possível conceber-se um ritual perfeito sem o uso de gestos, palavras cabalísticas e outros meios empregados nas diversas modalidades de trabalho, que de outra maneira não poderiam ser perfeitamente concebíveis, de vez que não é possível dar-se passes fluídicos sem a mímica adequada, necessário se tornaria que as autoridades competentes examinassem esse ponto de vista sumamente religioso, encarando-o não como crime, e sim como um benefício para a coletividade.

Apesar de haver uma certa condescendência por parte das autoridades, nesse ponto de vista; ainda assim, muitos centros têm-se encontrado em grandes dificuldades, e não foram poucos os casos de prisões preventivas e mesmo de condenação de médiuns que nada mais faziam do que prestar grandes benefícios aos necessitados. É bem verdade que a exploração e o abuso campeiam em toda parte; e por isso, necessário se torna uma medida extrema nesse sentido, e, estou certo de que os verdadeiros Umbandistas, os denodados servidores da seita, primarão em cooperar para o engrandecimento de uma Umbanda pura, banindo do seu meio os falsos e corruptores.

Se quisermos encarar a Umbanda pelo lado religioso, devemos unir-nos mutuamente, e podemos ficar certos de que ela progredirá incontestavelmente, por ser sublime em todos os pontos de vista.

Por outro lado, se quisermos encará-la sob o ponto de vista científico, muito teremos que lutar, para provar à humanidade inteira que a Umbanda não abriga em seu seio a prática da feitiçaria, e o atraso que acarreta a mistura de credos supersticiosos provindos dos povos africanos. Precisamos mostrar à ciência que a Umbanda científica é uma realidade, e que não existe mistério algum nas suas práticas, uma vez que a própria medicina já consegue curar enfermidades utilizando os fenômenos da *"auto-sugestão"*, da *"telepatia"*, do *"hipinotismo"* etc etc.

Se a Medicina é uma ciência, a Umbanda também é, em dupla modalidade: CIÊNCIA E RELIGIÃO.

A UMBANDA DENTRO DA SUA VERDADEIRA DIVISÃO

Pelos inúmeros trabalhos apresentados sobre a Umbanda, feitos por muitos escritores e entendidos no assunto, quero neste capítulo mostrar a minha discordância, na parte que se refere à divisão dessa seita.

Sobre essa Umbanda comum que se pratica nos inúmeros terreiros existentes no Brasil, essa Umbanda mistificada e misturada aos credos fetichistas conhecidos com os nomes de *Candoblé, Cangerês, Quimbanda* etc., estou de pleno acordo com a divisão da mesma em sete (7) linhas; entretanto, segundo as comunicações que me foram dadas por entidades do Astral, trabalhadores das falanges de pretos velhos, caboclos, hindus, e até mesmo pelos próprios EXUS, já essa divisão sofre uma severa modificação.

Não é meu desejo criar uma nova religião, conforme expliquei anteriormente; no entanto, do que faço ques-

tão absoluta é de que, a partir deste momento, todo aquele que procurar dentro da Umbanda uma finalidade digna para a sua própria evolução material e espiritual, procure com o raciocínio próprio de cada um, verificar exatamente a distinção que existe entre uma e outra concepção, de vez que não é possível voltarmos ao primitivismo das religiões fetichistas, quando podemos encarar essa questão por um lado mais humano, mais sociável, mais condizente com a nossa cultura atual e com o progresso que se verifica em toda a condição humana. Os próprios espíritos evoluem, e por essa razão, eles mesmos são os primeiros a mostrar os erros que se cometem, embora que involuntariamente, quando os evocamos, na ânsia de novos desígnios. Que se aprenda a respeitar as LEIS DIVINAS, numa prática verdadeiramente consciente, são os desejos das entidades do bem, que nos trazem as luzes necessárias ao aperfeiçoamento do corpo e do espírito.

* * *

Para maior clareza no que concerne à divisão da Umbanda, a qual chamarei de UMBANDA ESOTÉRICA E INICIÁTICA, farei as devidas comparações entre uma e outra, à medida que for descrevendo suas linhas, entidades etc.

Divide-se a Umbanda Esotérica e Iniciática em 2 partes principais, chamadas REINOS. Esses reinos, obedecendo à fórmula esotérica UMBANDA, significam duas forças: o bem e o mal, ou ainda: o CÉU, pólo positivo, princípio ativo masculino; e, a TERRA, pólo negativo, princípio passivo feminino. A essas duas forças denominam-se: "REINO DE OBATALÁ" e "REINO DE ODUM". Esses reinos estão constituídos de 7 cortes principais, as quais, por sua vez, formam as subdivisões que constituem as 49 (quarenta e nove) linhas integrantes de cada uma dessas forças. Para um exemplo mais

compreensível dessa divisão, vejamos o quadro na página seguinte, que mostra o REINO DE OBATALÁ, ou CÉU.

Pelo exposto, o REINO DE OBATALÁ comanda 7 cortes, as quais, por sua vez, comandam as 7 linhas de Umbanda, que integram a "CORTE DE ARUANDA".

Integrando a CORTE DE OXALÁ ou de JESUS CRISTO, vem a 1.ª Linha, denominada Linha de Santo, também com o denominativo de Linha de Oxalá, cons-

tituída por espíritos das inúmeras raças habitantes na Terra (desencarnados), inclusive pretos velhos, padres, frades, freiras e espíritos evoluídos (eguns). Essa linha é dirigida por Jesus Cristo, e é composta de 7 falanges formando legiões. Está assim constituída:

1.ª LINHA — DE SANTO OU DE OXALÁ:

Legião de Santo Antônio
Legião de São Cosme e São Damião
Legião de Santa Rita de Cássia
Legião de Santa Catarina
Legião de Santo Expedicto
Legião de São Francisco de Assis (Semiromba)
Legião de São Benedito ou Benezet.

Integrando a CORTE DE OXUM (*Maria Santíssima*), vem a seguir a 2ª Linha, LINHA DE IEMANJÁ ou IAMANJÁ, assistida e dirigida por N. Senhora, mãe de Jesus Cristo, integrada por 7 legiões, assim constituídas:

2ª LINHA — DE IEMANJÁ ou IAMANJÁ:

Legião das Sereias — Sob a proteção de Mamãe Oxum ou Axum.
Legião das Ondinas — Sob a direção de Nanã ou Nanã Buruquê (Sant'Ana).
Legião das Caboclas do Mar — Sob a orientação e direção de Indaiá.
Legião das Caboclas dos Rios — Chefiada por IARA (Deusa dos Rios).
Legião dos Marinheiros — Sob a chefia de Tarimá.
Legião dos Calungas — Dirigida por Calunga ou Calunguinha.
Legião da Estrela Guia — Sob a direção e proteção de Santa Maria Madalena.

Integrando a CORTE DE SÃO JOÃO BATISTA, surge a 3.ª LINHA — DO ORIENTE, constituída também de 7 legiões com as seguintes denominações:

3.ª LINHA — DO ORIENTE:

Legião de Zartu — Composta das falanges dos povos hindus, chefiadas pelo próprio artu (Chefe Indiano).
Legião de José de Arimatéia — Integrada pelas falanges de Médicos e Cientistas.
Legião de Jimbaruê — Constituída por espíritos de Árabes, Marroquinos e outros povos asiáticos.
Legião de Ori do Oriente — Integrada pelos povos do Oriente, pelos Japoneses, Chineses, Mongóis, e povos que habitaram a Groenlândia e a Atlântida (desaparecida).
Legião de Inhoarairi — Composta de Egípcios, Incas, Aztecas, Caldeus e muitas outras raças já desaparecidas.
Legião de Itaraiaci — Formada pelas falanges de índios das antigas tribos Caraíbas, na região das Guianas.
Legião de Marcus I — Constituída pelas falanges de Gauleses, Fenícios, Romanos e demais raças européias.

Integrando a CORTE DE SÃO GABRIEL, vem a 4.ª LINHA — DE OXOCE, composta de 7 legiões, assim discriminadas:

4ª — LINHA DE OXOCE: Deus da Caça — Orixá das Matas).

Legião de Urubatão — Chefiada pelo Caboclo Urubatão.
Legião de Araribóia — Chefiada pelo Cacique Araribóia.
Legião do Caboclo das 7 Encruzilhadas — Chefiada pelo Caboclo das 7 Encruzilhadas, também denominado *Caboclo das 7 Matas,* que tem a seu cargo a direção das falanges dos povos ha-

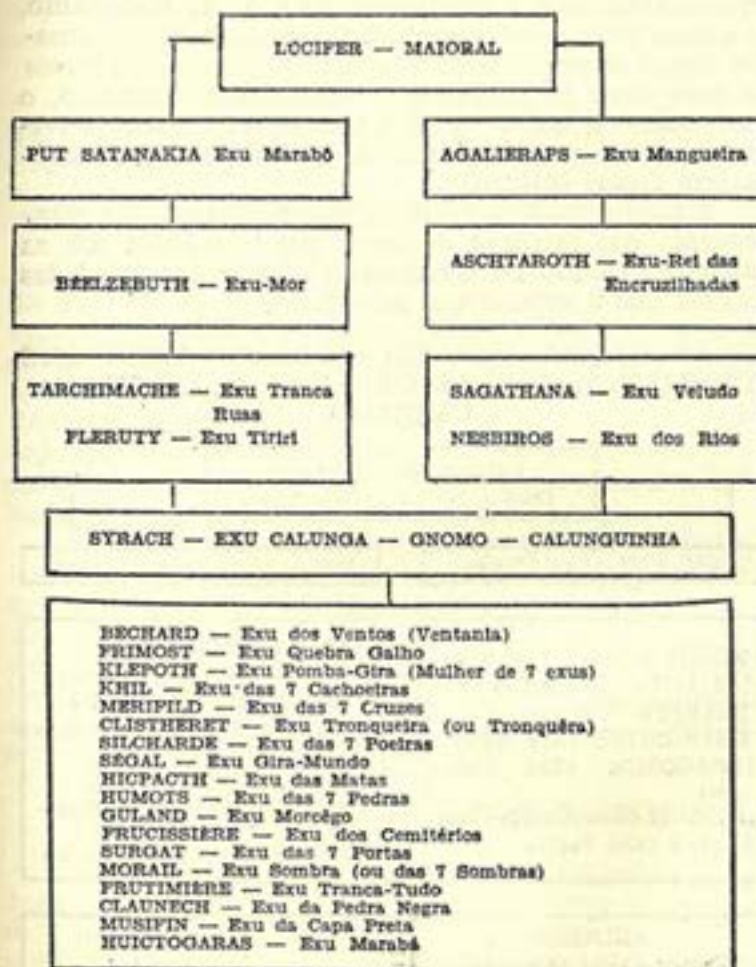
CÔRTE DE OXALÁ — Planeta SATURNO — Linha de Santo ou de Oxalá.
CORTE DE OXUM — Planeta VÊNUS — Linha de Iemanja ou Iamanjá.
CORTE DE SÃO JOÃO BATISTA — Planeta JÚPITER — Linha do Oriente.
CORTE DE SÃO GABRIEL — Planeta MERCÚRIO — Linha de Oxoce.
CORTE DE SÃO RAFAEL — Planeta SOL — Linha de Xangô.
CORTE DE SÃO MIGUEL ARCANJO — Planeta MARTE — Linha de Ogum.
CORTE DOS ANJOS E SERAFINS — Planeta LUA — Linha de S. Cipriano.

* * *

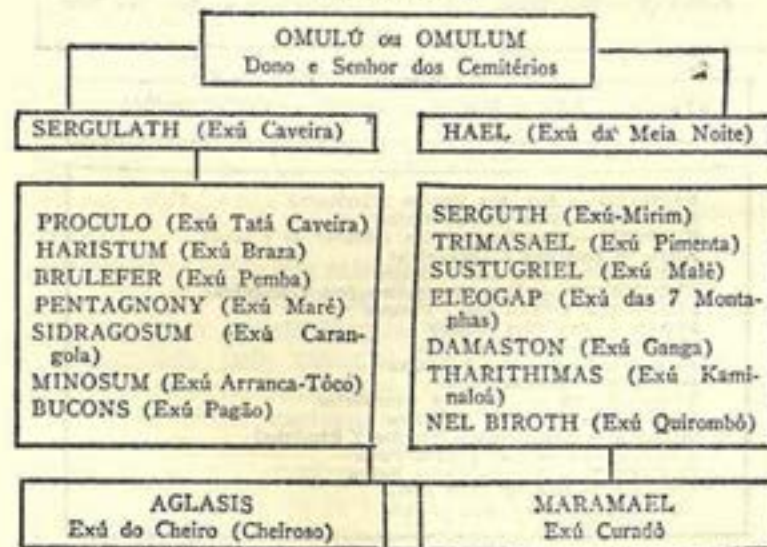
Vejamos agora a divisão da 2ª parte, na qual se concebe na Umbanda Esotérica e Iniciática, o "REINO DE ODUM" ou da Terra.

O organograma a seguir, mostra-nos o "reinado do POVO DE EXU", no qual LÚCIFER, o *Maioral*, comanda as suas sete linhas de *Agentes do Mal*, integradas por 49 EXUS chefes. Estes, por sua vez, são os dirigentes das falanges de Exus, tal como na divisão do "REINO DE OBATALÁ", os "ORIXÁS" são também os principais chefes.

Fazendo parte das falanges do mal, existem integrando o "REINO DE ODUM", 7 linhas de Exus, as quais, dirigidas pelo Agente Mágico "OMULU" ou "OMULUM", o incumbido pelo maioral para dirigir todo o povo que trabalha nos cemitérios. Algumas Umbandas e mesmo a Quimbanda, costumam fazer crer que essa entidade do mal é São Lázaro; no entanto, a verdadeira entidade Omulum é o "DEUS DA PESTE", tal como sempre foi conhecido através de inúmeras religiões, e principalmente, da verdadeira Umbanda.

ORGANOGRAMA DAS FALANGES DO POVO DE EXU

Sobre a constituição e descrição das falanges do mal, não farei aqui nenhum comentário, pelo fato de não interessar-nos absolutamente essa parte, de vez que, foge inteiramente à finalidade desta obra. Entretanto, se o caro leitor desejar conhecer profundamente a atuação dessas falanges, poderá tomar conhecimento através do meu livro já publicado e largamente difundido, o qual, com o título de "EXU", traz de uma maneira verdadeiramente perfeita, todos os comentários e características dessas entidades.

A seguir, poderá o leitor apreciar, através do organograma das falanges de Exus que trabalham sob as ordens de Omulu ou Omulum, a divisão das entidades do mal, que dominam nos cemitérios.

ORGANOGRAMA DAS FALANGES DE EXUS QUE TRABALHAM SOB AS ORDENS DE OMULU (ou OMULUM)

CAPITULO XIII

TRABALHADORES DA LINHA DO ORIENTE — ENTIDADES HINDUS, SUAS INDUNMENTÁRIAS E RITUAIS

Este é um dos capítulos de grande interesse no que diz respeito às manifestações espirituais, pelo fato de que os hindus foram quem mais de perto cultuou e ainda coltua a crença espiritual, sendo talvez a Índia o berço da grande MAGIA. Por esta razão, os *"Guias Espirituais"* hindus, com a suprema sabedoria de seus espíritos grandemente iluminados e possuidores de grande força fluídica, têm conseguido verdadeiros milagres, no tocante a curas e operações astrais.

Antes de entrarmos nas considerações verdadeiramente espirituais das entidades do espaço que, integrantes da 3ª Linha — do Oriente, se apresentam nas sessões de Umbanda, como Hindus, Maometanos, Rabis etc. quero primeiramente tratar dessa falange oriental, desde os primórdios das civilizações, onde vamos encontrar as primeiras religiões hindus, suas crenças, seus deuses, etc.

OS POVOS E AS CIVILIZAÇÕES HINDUS

Pelo que se conhece através da história religiosa da Índia, sabe-se que o caráter do povo indiano é definido de um modo incompleto. Os hindus possuem um desprendimento quase total pelas causas terrenas, e encaram a vida material com um certo desprezo, tornando-

Os hindus das épocas primitivas possuíam um vivo sentimento da Natureza, e embora concebendo um único Deus criador de todas as coisas, prestavam culto a uma infinidade de outros deuses, os quais tinham por função dirigir os próprios fenômenos da Natureza. O Deus *Indra*, por exemplo, lançava o raio e certos fenômenos atmosféricos, assim como Agni representava o fogo. *Surya*, representava o Sol, e *Varuna* era tido como um dos mais altos atributos espirituais, nas castas védicas.

A magia é no entanto a expressão máxima da religião popular dos hindus. O seu valor religioso, em vez de possuir efeitos particulares de cura ou de proteção, tem por objeto a preservação da existência, fornecendo a força necessária para a conservação da própria vida.

Pelo fato de cultuarem os povos hindus, grandemente, as artes mágicas, as entidades espirituais que trabalham nas suas falanges possuem um elevado grau de adiantamento, e por essa razão, quando qualquer deles que se manifesta nas sessões de Umbanda, pratica seus rituais, pode-se estar certo de que grande resultados se obtêm.

Segundo eles, um amuleto de ouro dá longa vida e novas forças. A sua terapêutica espiritual por meio de beberagens mágicas, cura radicalmente; e, se a morte está próxima, a sua magia pode fazer voltar a vida.

Nas Umbandas que se praticam ultimamente, nem todos os médiuns são capazes de receber como entidades os elementos das falanges dos povos hindus. Entretanto, quando acontece que um bom médium pode trabalhar com esses *"Orixás"*, os seus trabalhos não podem absolutamente enquadrar-se com as manifestações comuns das demais entidades do espaço.

Os hindus, por serem entidades de grande luz espiritual, e possuidores de poderosa força fluídica, são também por demais exigentes, e seus trabalhos e manifestações requerem um preparo todo especial, sem o qual não pode ser possível a sua evocação.

Seu ritual é em tudo idêntico ao que praticaram na terra, e exigem uma indumentária especial para as suas práticas. Assim, quando um bom médium tem a dirigir-lhe o subconsciente uma entidade hindu, poderá realizar verdadeiros prodígios na arte da medicina, da física, da química etc., bastando apenas seguir religiosamente os seus preceitos e vontades.

Gostam as entidades hindus de vestir a indumentária própria do seu povo, isto é: o uso do turbante e demais peças do seu vestuário, bem como, utilizam em seus trabalhos todo o material pertencente ao ritual da magia, o qual só é conhecido através de uma perfeita iniciação esotérica.

Incluem-se entre os povos das falanges orientais, os *"Rabis"*, *"Muçulmanos"*, *"Árabes"*, *"Marroquinos"*, *"Japoneses"*, *"Chineses"*, *"Mongóis"*, *"Egipcianos"*, *"Astecas"*, etc., os quais se encarregam de desvendar para os crentes os altos segredos do Ocultismo, Esoterismo, Cartomancia, Quiromancia, Astrologia, Numerologia, Grafologia, Magia Mental, Alta Magia, Medicina Homeopática, Medicina Operativa etc. etc.

São as poderosas entidades hindus, as encarregadas do exercício da medicina astral, e muitos casos têm sido resolvidos pelo bisturi dos espíritos, quando a medicina terrena já não os pode resolver.

Aproveitando a oportunidade para o encerramento deste capítulo, quero demonstrar de público, o meu agradecimento sincero à entidade do Astral Superior que me acompanha, e que, atendendo pelo nome de *"RABI KYAMANSU"*, como meu "Guia Espiritual", me tem dado a conhecer as maravilhas do mundo espiritual, através da sua filosofia sublime, dentro da concepção perfeita, de uma Umbanda puramente divina.

CAPITULO XIV

ORIXÁS DA UMBANDA

Considera-se na Umbanda como "ORIXÁ", toda e qualquer entidade do Astral Superior, que, na qualidade de Guia Espiritual, é evocada nos diversos rituais ou trabalhos nos quais se depositam a fé e os altos destinos dessa seita.

Os Orixás dividem-se em duas categorias ou classes, perfeitamente distintas, de acordo com o estabelecido pela hierarquia existente nos diversos planos espirituais.

A palavra Orixá tem a sua origem nos dialetos africanos, e por essa razão criou-se uma concepção toda especial, para a designação das entidades que dominam nas manifestações espirituais.

Pelos motivos que acarretam a infiltração do catolicismo nas hostes da Umbanda, não só devido às imposições do Tribunal da Inquisição, como também pelo domínio exercido sobre os negros, pelos missionários católicos, considerou-se como fazendo parte da Suprema Corte de Aruanda todos os Santos que a Igreja Católica canonizou; entretanto, na verdadeira Umbanda, qualquer espírito purificado pode se tornar um Orixá, independentemente de ser ou não canonizado pela igreja, bastando para isso que tenha alcançado a suprema glória da elevação espiritual.

Concebe-se na Umbanda a existência de um Deus Supremo, que é considerado segundo a interpretação dada pelas entidades "PRETOS VELHOS" como o "GANGA MAIOR", chefe da Corte de Obatalá, e cujo filho, Jesus Cristo, é o seu ORIXÁ MAIOR, ou *Pai dos Orixás*.

Pela divisão da Umbanda em sete (7) Cortes, coube a cada entidade a incumbência de dirigir como chefe, o seu setor, designando-se esse chefe pelo nome de "ORIXÁ", resultando daí a denominação desse termo, dada aos espíritos superiores que dirigem os diversos planos espirituais, sendo esses os chamados "ORIXÁS MAIORES", os quais por sua vez contam com o auxílio dos Orixás Menores, que são justamente todos os integrantes da "Corte de Aruanda".

Pelo exposto, conclui-se que os Orixás Maiores são todas as entidades máximas que demandam dos Planos Superiores as suas ordens, e que os Orixás Menores, são os seus subalternos.

Para que um espírito atinja a condição de Orixá, necessário se torna que esse espírito ascenda aos degraus máximos na escala espiritual, qualidade essencial de purificação perante o Supremo Criador de todas as cousas.

Qualquer espírito pode chegar a esse grau máximo, desde que, redimido totalmente de suas culpas, e, tendo passado pelos vários subplanos e planos a escala hierárquica da espiritualidade, chegue ao ponto primordial da perfeição.

Não precisa ser considerado como Santo, na interpretação dada pela igreja católica, para um espírito se tornar num Orixá, pois, na Lei Espírita não é conhecida essa condição, uma vez que apenas se concebe como espírito de luz, todo aquele que grangeou de Deus a suprema ventura de elevar-se perante o seu conceito, nas condições impostas pelas leis cármicas.

Na escola da espiritualidade existem duas concepções perfeitas no que diz respeito aos espíritos, compreendendo-se do seguinte modo essa questão:

Primeira: — Existem os espíritos puros propriamente ditos, os quais integram a corte máxima do reino de Obatalá, sendo que esses espíritos nunca passaram pela fase da reencarnação; e, como tal, são considerados Arcanjos, Anjos e Serafins. Estes, são chefiados por São Miguel, que ocupou o lugar que era destinado a Lúcifer, antes da sua derrocada fatal. Neste caso não se encontra incluído o espírito de Jesus Cristo, pelo fato de que, a sua missão como filho de Deus junto à terra não desmereceu absolutamente a questão hierárquica da espiritualidade, de vez que, segundo as leis divinas, necessária se tornaria a sua vinda a este planeta, na qualidade de um verdadeiro homem, porém, imbuído de qualidades puramente divinas, como um verdadeiro Deus.

A essas entidades não se deveria chamar de *"Orixás"*, e sim, de príncipes de Deus, pelo fato de que, a interpretação dada ao Orixá, é de serem esses elementos considerados como espíritos que passaram pelas diversas fases da reencarnação, e, pelo fenômeno da LEI CÁRMICA, atingiram a plenitude de suas formas espirituais.

Segunda: — Existe nos diversos planos espirituais a segunda concepção que se faz dos espíritos, sendo esta, a designação de "EGUN", que é dada a todo espírito que abandonou o invólucro material, (espírito de morto) e que está sujeito a várias encarnações, dependendo exclusivamente do cumprimento das leis cármicas.

Aos *Eguns* que atingiram a perfeição espiritual lhes é dada pelo Altíssimo a condição de tornarem-se "ORIXÁS", derivando daí o conhecimento que se tem através das práticas e rituais cultuados nas Umbandas, de

que esses são os espíritos "GUIAS" e "PROTETORES" que baixam nos diversos terreiros e centros espíritas.

Por essa razão foram considerados pelos primeiros praticantes da Umbanda, e mesmo na maioria das religiões fetichistas hoje existentes no Brasil, como fazendo parte do seu cortejo de divindades, todos os *santos mártires*, reconhecidos pela igreja católica. Entretanto, os verdadeiros "ORIXÁS" da Umbanda não são na realidade somente esses santos; e sim, todo e qualquer espírito que possua *"Luz Espiritual"* e *"Força Fluídica"* bastante, para continuarem, como enviados de Deus, a prática da caridade e os ensinamentos necessários para a evolução do homem e do espírito, contra a força de "SATANAZ", rei e senhor das trevas.

Para que houvesse esse perfeito equilíbrio, foi que Deus lançou sobre a face da terra a "LUZ DA UMBANDA", que forçosamente reunirá todos os elementos do *"Cosmos Universal"*, integrando-os numa única condição: "O APERFEIÇOAMENTO UNIVERSAL".

Dia virá em que as próprias falanges do mal se concretizarão numa concepção única, unindo-se aos bons, para que se cumpram as *Sagradas Escrituras*, unificando-se desta maneira o único reino perfeito, que teve início na formação dos mundos, quando Deus prometeu ao homem o verdadeiro paraíso, ou seja a "GLÓRIA ETERNA".

Desta exposição, concluímos que: na Umbanda, propriamente dita, seus Orixás Maiores são representados pelos chefes de *Cortes*, ao passo que seus Orixás Menores são todos os espíritos integrantes do "POVO DE ARUANDA" ou *"Primeiro Céu"*, de conformidade com as explicações dadas pelas próprias entidades que colaboraram na confecção desta obra.

Assim, pois, considera a Umbanda o seu reinado, tomando-se por base a sua verdadeira divisão, integrada pelas seguintes entidades:

OBATALÁ: — Chefe Supremo da Umbanda, Deus, na concepção de: Pai, Filho e Espírito Santo.

JESUS CRISTO — *Filho de Deus — Pai dos Orixás.*

MARIA SANTÍSSIMA — Mãe de Jesus Cristo: — Chefe da Corte de Oxum — (Oxum, representando o ESPÍRITO SANTO — 3ª pessoa de Deus).

ARCANJOS: — São Miguel, São Gabriel, São Rafael, São Ismael.

ANJOS: — Legião de milhares de espíritos puros, integrantes do *Reino de Deus.*

SERAFINS: — Legião de milhares de espíritos puros, chefiados pelas legiões de Anjos, sob as ordens de São Miguel.

ORIXÁS MAIORES: — Milhares de Espíritos purificados pela glória de Deus, inclusive todos os *santos mártires* canonizados ou não pela igreja católica, que atingiram a plenitude de sua ascensão espiritual. Nesta classe de entidades estão incluídos os profetas, os apóstolos de Cristo e os reis sábios, que na terra tiveram incumbências divinas.

ORIXÁS MENORES: — Todo o *"Povo de Aruanda"*, no qual se encontram os Pretos Velhos, Caboclos, Hinduas etc. etc., possuidores de "Luz Espiritual" e "Força Fluídica", considerados como "ENTIDADES" ou "GUIAS ESPIRITUAIS".

ESPÍRITOS DE LUZ: — Eguns que atingiram elevado grau espiritual, embora não possuam ainda "Força Fluídica", e que também são considerados como "Guias Espirituais". (Não são considerados como entidades).

Como a finalidade deste capítulo é descrever apenas os orixás da Umbanda, deixo de completar a escala espiritual desta seita, uma vez que, iria tratar dos Agentes do Mal e dos espíritos atrasados ou obsessores, ponto este que não condiz absolutamente com esta parte que acabei de citar.

CAPITULO XV

A MEDICINA DO ESPAÇO E O PODER DA VONTADE — MAGIA — PASSES E OPERAÇÕES ASTRAIS

Existe em todas as condições da vida humana um apego demasiadamente acentuado, no que diz respeito ao *"instinto de conservação"*. O homem, temeroso da morte, procura por todos meios fugir a essa condição imposta por Deus, e, busca de todas as maneiras esquivar-se a tudo quanto possa influir na derrocada da sua existência material. Entretanto, vários fatores que dizem respeito à VIDA CÁRMICA, têm poder dominante sobre a vida humana, aos quais o homem, absolutamente, jamais poderá fugir.

Não é somente o fator tempo, que influi nas condições físicas e materiais do homem. Grande parte dos nossos males físicos provém das nossas mazelas morais, de conformidade com o dogma mágico, único e universal, que está na razão direta da chamada *"Lei das analogias"*.

As grandes paixões humanas, nas quais a humanidade inteira se imerge, são grandes causas para grandes males; e, de conformidade com a Lei CÁRMICA, os pecados mortais são assim denominados, pelo fato de fazerem morrer física e positivamente os seres humanos.

A dor física, nada mais é do que uma condição imposta à carne, para a regeneração do espírito, em observância às leis que regulam a matéria. Os nervos

são os veículos principais que regem esse fenômeno, e o homem luta tenazmente, procurando na ciência médica, a eliminação parcial ou total do coeficiente denominado "DOR". Entretanto, com o progresso que se vem verificando através dos séculos, Deus vai aos poucos permitindo ao elemento humano, a descoberta de drogas e tratamentos médicos que nos permitem, pelo menos, amenizar em grande parte os sofrimentos físicos.

O fenômeno da morte é o responsável pela condição humana, na qual o homem busca os lenitivos para os seus sofrimentos, e o bálsamo para as suas dores. Lutando tenazmente contra essa força implacável e destruidora que aniquila e destrói, e que, aliada ao fator primordial que é a ação do tempo, procura a humanidade sofredora, dentro da religião, uma explicação satisfatória e os meios de ajustar-se à lei inexorável. Por outro lado, a ciência, criadora e benfazeja, também, empresta um pouco da sua sabedoria, com a finalidade única de garantir, pelo menos algum tempo a mais, a existência da matéria, que representa a fonte vital, da vida material do elemento humano.

Por essas razões, dizem os espíritas que a "MORTE É A VIDA DA ALMA"; ao passo que outros, interpretam-na das mais variadas maneiras. Para os sábios, a morte não existe, por ser um fantasma revelado horrivelmente pela ignorância e fraqueza dos leigos. A morte, entretanto, é uma mudança de estado, na qual o espírito abandona o corpo físico para integrar-se perfeitamente em outra condição mais vantajosa e mais perfeita.

Para os crentes no espiritualismo, a morte nunca é instantânea, devido ao fato de operar-se esse fenômeno em gradações sucessivas, e lentamente, tal como no sono, onde o espírito repousa ou se transporta a regiões do astral, fator esse perfeitamente concebível nos trabalhos de materialização.

De acordo com as leis espirituais, acredita-se que a alma esteja presa à matéria, pela sensibilidade; e, uma vez cessada essa sensibilidade, cessa a vida material, ou melhor: a alma ou espírito, afasta-se.

Pelos vários fenômenos psicológicos, e mesmo pelos trabalhos que se processam através do magnetismo, hipnotismo, etc., concebemos que o sono magnético é uma letargia ou morte fictícia, sendo portanto passível da vontade humana. No entanto, quando num corpo se processa a eterização ou o torpor produzido por entorpecentes, tais como o clorofórmio, éter, etc., essa letargia muitas vezes termina numa morte definitiva quando, por circunstâncias especiais, a alma, sentindo-se satisfeita pelo seu desprendimento passageiro, faz como que um esforço para afastar-se definitivamente do seu corpo material.

Muito tem lutado a ciência médica em benefício da humanidade, tentando extirpar a dor física; entretanto, se analisarmos esse fenômeno, iremos encontrar fatalmente um ponto de vista que contraria sobremaneira as leis da própria Natureza.

Se procurarmos examinar detidamente essa concepção, teremos dois pontos de vista nos quais nos devemos basear:

Primeiro: *Será possível abolir-se a dor com o emprego dos entorpecentes ou do magnetismo, para as operações cirúrgicas sem afetar os fenômenos físicos?...*

Segundo: *Será possível abolir-se a dor com a prática dos entorpecentes, nos casos de curativos post-operatórios, sem que esses mesmos fenômenos físicos venham a sofrer qualquer reação?...*

Tanto no primeiro como no segundo caso, esses pontos de vista podem ser perfeitamente resolvidos; entretanto surgirão ainda algumas considerações que devem ser levadas em conta, tendo-se por base o seguinte:

Empregando nas operações o *Clorofórmio* ou outro qualquer entorpecente, bem como o magnetismo, vamos verificar que, diminuindo a sensibilidade, estamos diminuindo a vida, pelo fato de que, tudo o que tiramos das dores físicas, influenciará forçosamente em proveito da morte.

Por outro lado, se em vez de aplicarmos esses entorpecentes nas operações cirúrgicas, os aplicássemos nos curativos post-operatórios, iríamos esbarrar forçosamente num contra-senso calamitoso, pois, não seria concebível que em determinados casos, o paciente suportasse devidamente a dor. Aí, entraria a questão da morte, que é o complemento essencial do fenômeno da dor, quando essa dor atinge ao grau máximo que o ser humano pode suportar. Portanto, a morte entra a exercer o seu domínio sobre a matéria, quando a dor assume a sua proporção máxima. A dor representa a luta da vida e, se a retirarmos totalmente da condição humana pelo adormecimento através de entorpecentes, uma ou outra cousa poderia acontecer: ou a morte do paciente sem a reação do organismo em virtude da ausência da dor, ou então, entre o processamento dos curativos, a dor voltaria e se tornaria contínua, seguindo-se o ritmo natural da própria Natureza.

Em se tratando de espiritismo, mais uma vez as forças poderosas do mundo invisível vieram atestar a supremacia dos espíritos, sobre os seres encarnados. Existe uma força essencialmente desconhecida, e que pode operar os milagres tão comentados nas manifestações espirituais. Esses milagres são os que se conhecem através da "MEDICINA DO ESPAÇO", onde as falanges, tanto do bem como do mal, podem perfeitamente resolver a questão do fenômeno denominado *"Dor"*, sem a necessidade do emprego de qualquer agente exterior, que venha a intervir como paliativo no combate a essa condição imposta pelas leis de Deus.

Os espíritos podem operar e curar qualquer ser humano, sem a intervenção dolorosa do corte, pelos pro-

cessos materiais. A medicina do espaço, embora muitos a desconheçam, está perfeitamente irmanada nos fenômenos que se dizem espirituais, e hoje em dia, já é comum ver-se com grande êxito, a realização de operações astrais e de curas totalmente radicais, de indivíduos que estavam integralmente desenganados pela medicina terrestre.

Aliado à medicina do espaço, está o poder da vontade, no qual, o homem sente, através de uma vibração toda especial, as características de uma força também poderosa, que o anima e o conduz pelas sendas da espiritualidade. Essa nova força dominante em todos os seres, é a fé no poder curativo das *Entidades*, a qual, grandemente acentuada, dará ao elemento humano a convicção e a certeza do êxito total nas curas provocadas pelos espíritos.

Tal como acontece comumente no terreno de todas as práticas e circunstâncias materiais, onde o homem precisa de um ponto de apoio para se firmar, necessário se torna que ele procure manter a sua concepção, tendo em vista unicamente um desejo forte e perfeito, o qual, baseado numa fé irrestrita, possa conduzi-lo ao perfeito domínio do seu próprio eu. A força de vontade, o desejo de obter aquilo que pretende, custe o que custar, dá ao homem novas energias, e uma vez convicto de que a sua fé é inabalável, grandes progressos se conseguem nas práticas espirituais. Não é somente o fator superstição, que deve influir nas condições humanas. Todo indivíduo deverá cultivar essa força dominante que reside no íntimo de cada um, e assim, grandes progressos alcançará no terreno das manifestações espirituais, aquele que fizer do seu subconsciente uma fonte de energias dominadoras.

Entretanto, para que se acentue cada vez mais o valor das irradiações benéficas que acompanham o ser humano na sua trajetória material, o homem pode e

deve cultivar o poder da sua mente, na certeza de que novos horizontes lhe abrirão as portas ao bom senso e à razão.

A medicina espiritual, quando acompanhada de forte vibração, só pode trazer benefícios à humanidade, e estou certo que dia virá no qual grandes descobertas se farão no terreno da medicina material, onde a "DOR" passará a um plano de somenos importância.

A evolução dentro da ciência, há de forçosamente sofrer o seu processo de continuidade, e as gerações do futuro não terão que enfrentar as vicissitudes dos sérios problemas da DOR FÍSICA. Aí então, o homem apenas viverá na terra em cumprimento ao fenômeno da LEI CÁRMICA, onde as futuras reencarnações passarão a exercer-se dentro de um princípio simplesmente ascensional.

* * *

Um outro fator preponderante na existência humana, é o que diz respeito à MAGIA, ou melhor: a MAGIA ESPIRITUAL.

Desde os primórdios da existência do mundo, que a magia vem exercendo o seu domínio sobre os povos, baseando-se principalmente nos fenômenos que se dizem sobrenaturais. Entretanto, a verdadeira magia, essa magia curadora e benfazeja, nada mais representa do que uma condição imposta pelas forças da Natureza, na qual o homem, possuindo dons verdadeiramente superiores, pode perfeitamente integralizar-se em melhores condições.

Numa Umbanda verdadeira e pura, a magia tem a sua grande e poderosa finalidade. Um dos grandes princípios no qual se fundamenta a acertada teoria do "SER OU NÃO SER", está justamente na Alta Magia. Todo aquele que conhecer perfeitamente o que sejam influências superiores, dominantes no plano material, há de forçosamente conhecer as teorias e fundamentos

nos quais se irmanam as condições do homem perante o Criador de todas as cousas, o qual numa concepção puramente perfeita, nada mais praticou do que a *grande arte mágica*, quando deu início à formação dos mundos. Por esta razão, a Umbanda, quando professada devidamente, deverá ser bem compreendida, pelo fato de que, tuda nela se resume unicamente num dogma, o qual se baseia nas revelações e nos cultos da ALTA MAGIA.

Quem desconhece o que sejam fenômenos espirituais, desconhecerá também o que a magia representa para a evolução da humanidade. Todo e qualquer trabalho espiritual, somente é conhecido quando nele entrar o fenômeno mágico, pois, magia e ciência se coadunam perfeitamente.

O que os espíritos praticam, nada mais é do que pura magia; portanto, necessário se torna que nós, os iniciados na Umbanda, procuremos mostrar aos leigos todos os porquês dessa ciência, para que possam compreender perfeitamente os fenômenos que ligam o espírito à matéria, onde o homem se vê impossibilitado de descobrir a razão de ser da sua própria existência, e o fator que o mantém preso à condição terrena. Aos grandes magos lhes foi dado o domínio do mundo, e assim, aos espíritos conhecedores profundos dessa magna ciência, lhes é dado também o domínio sobre os povos da terra. As ciências ocultas, a magia e todos os fenômenos que cercam a humanidade, são todos oriundos da vontade divina, e por essa razão, no conceito que fazem todas as religiões, encara-se esse problema de magna importncia como a fonte vital que domina as criaturas humanas. A Santíssima Trindade, as chaves do Taro Adivinhatório, as Clavículas de Salomão, a Pedra Filosofal, a Medicina Universal etc etc., são mistérios que envolvem o mundo terreno, onde a MAGIA se faz representar nitidamente.

* * *

Em todas as práticas espirituais, bem como em todas as condições que ligam os fatores humanos ao cosmos universal, existe o dedo mágico de Deus, apontando-nos os mistérios que nos envolvem. Assim, os passes magnéticos dados pelas *entidades* ou *guias espirituais*, o hipnotismi, as influências causadas pela auto-sugestão, nada mais representam do que um dogma místico de alta magia, onde se apresenta a verdadeira iniciação cabalística, criadora das forças da espiritualidade.

Quando num terreiro de Umbanda se recebem passes, ou efetuam-se operações e procede-se ao tratamento de moléstias por meio de rituais próprios, o fenômeno que se apresenta é justamente o fenômeno mágico, onde a força fluídica se irmana aos poderes mágicos da espiritualidade, sob as ordens das fontes criadoras desses poderes, os quais são emanados pela ordem divina, numa determinação imperiosa de poder e força.

Na própria significação do termo UMBANDA, essa força ou por outra, essa magia, se faz sentir através das sete letras que o compõem, representando um signo cabalístico, que envolve todo um exército de forças sobrenaturais, dominantes nos diversos planos, que formam o aglomerado das fontes criadoras do homem e da Natureza.

Estudemos portanto a verdadeira magia que nos é transmitida pelos nossos "GUIAS ESPIRITUAIS"; e, estaremos certos de que, o mundo de amanhã, estará a salvo dos poderes maléficos que acompanham os homens através dos espinhosos caminhos que nos conduzem pelas sendas tortuosas desta vida material.

Cultuemos uma Umbanda perfeita, onde as concepções que se formulam sobre as entidades espirituais são de molde a instruir-nos, e nunca a deixar-nos num mundo de escuridão e ignorância.

CAPÍTULO XVI

A UMBANDA INICIÁTICA — OS EXUS E SUAS FALANGES

Compreende-se por iniciação, todos os trabalhos ou estudos que se fazem, em prol de uma determinada seita ou religião, da qual se procura fazer do seu culto um verdadeiro sacerdócio. Por esta razão, toda e qualquer religião possui ou deve possuir a sua corte de iniciados, para que exista verdadeiramente um culto, em toda a acepção da palavra. No catolicismo, a passagem, pelos seminários, daqueles que têm a pretensão de ordenar-se padres, nada mais exprime do que a INICIAÇÃO sacerdotal. Assim sendo, todo iniciado é um sacerdote da sua religião. Na Umbanda que se pratica ultimamente no Brasil, essa questão ainda não foi tomada na sua devida consideração, pelo fato de que a maioria dos seus praticantes, desconhecendo completamente o que seja uma verdadeira iniciação, julga não ter a mínima importância esse fator primordial, que é o verdadeiro conhecimento das leis que dominam os planos espirituais.

Aos que se dizem iniciados na Alta Magia, concebe-se essa iniciação, a todos quantos possuem três fontes principais de poder, e que são: *a força da inteligência esclarecedora da razão*, conhecida pelos cabalistas como a *Lâmpada de Trismegisto;* o domínio de seus nervos e a posse plena e integral de si mesmos, que os coloca em condição de superioridade frente aos seus semelhantes,

na qualidade de sábios, representados cabalisticamente como possuidores do *Manto de Apolônio;* o domínio e o poder de controlar as forças ocultas da Natureza, ou o *Bastão mágico dos patriarcas*, conhecido nas lei de kaballah.

Da mesma forma que os cabalistas e os magos, os perfeitos iniciados na Lei de Umbanda lidam com as forças supremas de espiritualidade, uma vez que as entidades que manobram nas manifestoções espirituais utilizam-se de processos mágicos, em tudo semelhantes aos dogmas e rituais da *Alta Magia*.

Se fizermos uma comparação perfeita, e levarmos em conta tudo o que se pratica numa sessão de Umbanda, vamos constatar perfeitamente a semelhança existente entre uma iniciação Umbandista e uma iniciação mágica.

Nos rituais de magia, a lâmpada de Trismegisto alumia o presente, o passado e o futuro, mostrando a consciência dos homens e preservando as suas condições físicas quanto aos fenômenos que os ligam materialmente à terra. Do mesmo modo, ao lançarem as entidades espirituais os seus *"Búzios"*, ao riscarem os seus *"pontos"*, ao cantarem os seus hinos, nada mais estão praticando do que a verdadeira arte mágica. Assim como o número nove (9) representa para os magos cabalistas o dogma dos reflexos divinos, as 7 (sete) linhas de Umbanda do mesmo modo exprimem a idéia divina em toda a sua força, mostrando-nos os sete reinos ou poderes astrais.

Nos rituais de Umbanda, o manto de Apolônio está representado na indumentária apresentada pelas entidades espirituais, ao passo que o bastão dos patriarcas está bem representado e bastante definido nos ponteiros que são atirados sobre os pontos riscados nos trabalhos de cruzamentos e demandas espirituais. A arte mágica da Umbanda é uma ciência que precisa ser bem estudada, pelo fato de que, ao homem é dada a liberdade de agir e de pensar, e, se desconhecer as forças que o cercam,

incorrerá num lamentável erro, deixando-se arrastar fatalmente pela inconsciência da sua ignorância.

Denominava-se antigamente de Arte Sacerdotal e Arte Real, à ciência mágica, pelo fato de que a INICIAÇÃO dava ao sábio o domínio sobre as criaturas humanas e força para dominar a vontade, tornando-se por essa razão um predestinado entre os homens.

Um dos fatores que deve influir forçosamente como privilégio de todo iniciado, é o dom da adivinhação, o qual se concebe como sendo o conhecimento dos efeitos contidos nas causas e aplicação à ciência, dos fatos conhecidos como dogmas universais, dentro de uma perfeita analogia.

Aos iniciados é dado conhecer em resumo, a história e a vida de cada homem, pela razão de que cada indivíduo traz consigo estampadas na própria fisionomia, as condições cármicas da sua existência material e espiritual. Por saber-se que o futuro é na verdade uma conseqüência do passado, concebe-se no espiritualismo que, todo espiritista deve aprimorar a Alta Iniciação, para que o sacerdócio umbandista compreenda perfeitamente os altos significados das LEIS ESPIRITUAIS.

Ao perfeito iniciado numa seita religiosa, o desconhecido torna-se uma condição simples de pesquisa, e, os poderes de que se torna imbuído como conhecedor profundo dos dogmas e mistérios da seita, nada mais representam do que um ritual comum, que está acostumado a ver, professar e estudar.

O iniciado não alimenta esperanças absurdas, e tãopouco concebe temores duvidosos sobre as manifestações espirituais, pelo motivo de que, não possuindo crenças desarrazoadas, sabe perfeitamente o que pretende, embora muito lhe custe atingir o objetivo desejado.

Tornar-se um iniciado é estar a par de todas as condições que regem os cultos, e assenhorear-se dos mistérios que envolvem os fenômenos espirituais. É estar senhor dos segredos que se apresentam nos dogmas e rituais da magia negra, onde a sua mente privilegiada o conduz ao perfeito contato com os entes que se dizem sobrenaturais, dominando desta forma as manifestações dos AGENTES MÁGICOS UNIVERSAIS, mais conhecidos na gira Umbandista com o denominativo de Exus.

É preciso que saibamos de onde provém o mal, para livrarmo-nos dele. Necessário se torna que aprofundemos os nossos conhecimentos sobre as condições que regem as incorporações de entidades dos diversos planos espirituais, para que não admitamos erros clamorosos, que vêm de encontro aos preceitos que regem todos os trabalhos que se praticam na Umbanda, quando essa Umbanda visa única e exclusivamente a prática do bem.

Concebe-se a INICIAÇÃO, como instrução educacional, na qual o iniciado se instrui mental e espiritualmente nos estudos das faculdades próprias da sua capacidade e do seu esforço, em prol de um desenvolvimento maior, de percepção e força.

Em outras palavras: resume-se a iniciação, em cultuar duas espécies ou modalidades de mistérios dogmáticos, assim concebidos: *Iniciação elementar* ou a prática de *mistérios superiores*.

Na iniciação elementar, os trabalhos não comportam grandes conhecimentos, ao passo que na Alta Iniciação, já os estudos dogmáticos são de molde a abranger altos conhecimentos sobre ciências, metafísica etc., bem como o desenvolvimento acentuado das práticas ocultistas, nas quais se cultuam todos os rituais místicos que comportam a ciência sagrada, a qual era ministrada antigamente nos templos e santuários.

O fato de conceber-se na Umbanda a Alta Iniciação, não comporta dizer que todo Umbandista deve cultuar tudo quanto concerne às Ciências Ocultas; pois, impossível se tornaria essa condição, pela razão que nem todos os que se aprofundam demasiadamente numa determinada religião, são de fato conhecedores perfeitos de tudo quanto lhe diz respeito. No entanto, seria pre-

ciso que todo Umbandista conhecesse pelo menos a síntese dos fenômenos espirituais, a fim de evitar o desmoronamento dessa concepção religiosa que é, acima de tudo, perfeita em todos os seus pontos de vista.

Um problema que se mostra por demais complexo no que diz respeito ao culto umbandista, é justamente a questão do DESENVOLVIMENTO.

Geralmente costuma-se mandar para as *sessões de desenvolvimento*, todo e qualquer indivíduo que se apresenta com pequenas qualidades de médium, quando muitas das vezes, essa qualidade não existe, e o fenômeno que se apresenta é, nada mais nada menos, do que uma questão de animismo, próprio de pessoas mal orientadas; e, por esta razão, sujeitas a uma série de perturbações orgânicas que redundam, na maioria dos casos, em formidável MISTIFICAÇÃO.

Nma perfeita iniciação umbandista deveriam ser estudados todos os casos, e a preparação dos seus sacerdotes poderia passar por três fases perfeitamente distintas, para que se conseguisse um êxito relativamente grande no culto dessa doutrina.

Em primeiro lugar proceder-se-ia ao preparo físico e mental do iniciado, onde se pudesse desenvolver-lhe os dons espirituais, evitando dessa maneira o problema sério da mistificação, pelo fato de que, não é possível encaixar-se à força um GUIA ESPIRITUAL num médium, quando esse médium não possui absolutamente mediunidade.

A seguir, viria forçosamente a concepção perfeita da iluminação espiritual; e esse médium, consciente da sua nobre função, passaria a uma outra escola, onde a doutrina abrangeria um estudo mais minucioso dos fenômenos físicos e espirituais, que o enquadrariam perfeitamente na sua condição de um perfeito iniciado.

Finalmente, dar-se-ia a INICIAÇÃO propriamente dita; aí então, o médium estaria apto a comunicar-se com as altas camadas dos diversos planos espirituais, conhecendo profundamente as ENTIDADES, irmanando-se perfeitamente com as condições que ligam o espírito à matéria, tornando-se por assim dizer, um perfeito SACERDOTE DA UMBANDA.

Perfeitamente integrados no que diz respeito à INICIAÇÃO, são os adeptos e professantes dos "CANDOBLÉS"; sendo porém, a interpretação dada a essa iniciação, como uma forma bárbara de cultuar os preceitos impostos a essa seita, que nos dias atuais procura conservar todas as antigas tradições dos povos que lhe deram a origem.

Querem alguns escritores tachar como UMBANDA, esses rituais iniciáticos dos Candoblés, quando na realidade, essas práticas jamais se coadunam com a verdadeira finalidade, e práticas observadas numa Umbanda cem por cento DIVINA.

Querer misturar Umbanda, com Candoblé ou Quimbanda, é o mesmo que misturar uma fina essência de perfume ao conteúdo de um frasco contendo simples água de uma torneira.

O Candoblé, por ser uma religião puramente fetichista, e, pelo fato de sua origem bárbara, pode conter no seu ritual, todas as fantasias exóticas que se costumam apreciar nas camarinhas onde se processam os rituais de iniciação das IAÔS. Entretanto, a verdadeira Umbanda foge completamente a esses absurdos, e a diferença entre ambas é de molde a não deixar dúvidas quanto aos seus preceitos e finalidades.

Já é tempo de se fazer a separação entre o *joio* e o *trigo*, e, todo aquele que porventura desejar conhecer melhor o que seja de fato Umbanda, procure entre os seus adeptos o que mais conhecimento tiver sobre essa perfeita religião; bem como, procure entre as obras umbandistas aquela que maiores e melhores esclarecimentos trouxer sobre as suas verdadeiras práticas, desde que estejam escritas dentro de um preceito sincero, honesto, e, sobretudo perfeito.

Que nos adiantará conhecer profundamente uma iniciação do Candoblé, quando não pretendemos absolutamente abraçar essa seita?

Melhor será que se conheça o trato com as coisas divinas; e para isso, mister se faz que procuremos dentro da verdadeira Umbanda um estudo iniciático perfeito, para chegarmos à conclusão de que será ela a futura religião que abrangerá todos os povos do universo.

Nesta época de progresso que ora atravessamos, não é mais admissível o processo de certos rituais bárbaros que não condizem com o meio ambiente em que vivemos, pois, os sacrifícios e as perversidades que se praticam trazem-nos repugnância e estão em completo desacordo com as Leis Divinas. A matança de animais e outras práticas dessa natureza, tão comuns nos cultos do Candoblé e da Quimbanda, já tiveram a sua razão de ser em épocas remotíssimas; porém, com o adiantado grau de civilização e mesmo com o elevado conceito das próprias entidades espirituais, já não se pode absolutamente conceber.

Pratiquemos a Alta Magia, a Ciência Astral e o culto da Umbanda, pondo de parte todas essas irregularidades sem ser preciso adotarmos esses rituais bárbaros, uma vez que a verdadeira Umbanda disso não precisa, e suas entidades espirituais possuem força suficiente para a prática de caridade, sem encenações e misticismos absurdos.

Para uma perfeita iniciação na Umbanda, não será apenas com o desenvolvimento de médiuns que se obterão os resultados desejados. É preciso que esses elementos sejam doutrinados, instruídos e iniciados verdadeiramente dentro de tudo quanto diz respeito a essa ideologia religiosa, para que tenhamos, no futuro, atingido o ponto máximo da nossa condição de perfeitos UMBANDISTAS.

Estou ao inteiro dispor de quantos queiram comigo colaborar neste sentido e, mais uma vez, torno a afirmar

quando disse no meu primeiro livro "O ESPIRITISMO NO CONCEITO DAS RELIGIÕES E A LEI DE UMBANDA", que outras pedras seriam lançadas em prol de uma CODIFICAÇÃO DA LEI DE UMBANDA, dentro da sua verdadeira concepção e finalidade.

OS EXUS E SUAS FALANGES

Conforme disse anteriormente, que um perfeito iniciado na Umbanda deveria conhecer de onde provém o mal, para livrarmo-nos dele, era preciso que esta obra contivesse, pelo menos, alguns dados sobre o que se conhece como AGENTES MÁGICOS UNIVERSAIS, e assim reportando-me a trabalhos feitos anteriormente, vou neste capítulo transcrever alguns dados sobre os elementos do mal ou espíritos das trevas, os quais na Umbanda são conhecidos com o nome de EXUS.

Embora tenha comentado, se bem que sucintamente, nos primeiros capítulos deste livro, sobre a entidade do mal, denominada EXU, nunca é demais esclarecer outros pormenores dessa entidade, uma vez que necessário se torna que o perfeito umbandista seja de fato um digno sacerdote dessa seita.

Na terceira parte, capítulo X — O Exu através da sua origem primitiva — seus nomes esotéricos — seus caracteres cabalísticos — seus pontos cantados — seus pontos riscados etc. da minha segunda obra espiritualista, intitulada: "EXU", eu disse:

"Por desconhecer completamente qualquer livro ou tratado que esclarecesse ao público o que de fato existe nas diversas práticas do Espiritualismo sobre as Entidades do Mal, que com a denominação de "EXUS" (Nas Leis de Umbanda e Quimbanda) representam o que os Católicos, Protestantes, etc., denominam de Demônios ou Anjos Maus, e que na Doutrina de Kardec são chamados de Espíritos do Mal (também conhecidos como

espíritos obsessores), invocados nos trabalhos de MAGIA NEGRA; resolvi tornar pública mais esta obra, verdadeiramente completa, sobre tudo quanto diz respeito a essas entidades.

Será necessário, entretanto, que se faça um paralelo, antes de entrarmos no assunto em causa, para que não surjam dúvidas quanto à veracidade das minhas afirmativas, de vez que tudo o que aqui foi inserido não é objeto de minha imaginação, e sim, uma exposição real e verdadeira de como agem esses espíritos das trevas, pelo fato de que, foram as próprias Entidades Espirituais que me trouxeram, através das suas explanações filosóficas e doutrinárias, os ensinamentos necessários para a organização deste trabalho.

Orientado em grande parte pelos meus GUIAS ESPIRITUAIS, pelos próprios EXUS, e ainda: aliado ao meu profundo conhecimento sobre a MAGIA, como sacerdote que sou dos diversos cultos de Umbanda; além de conhecedor real de todas as práticas que se exercem nos diversos *"terreiros"* onde se praticam os *"Batuques"*, *"Candoblés"*, *"Cangerés"*, etc., posso perfeitamente, como catedrático no assunto, mostrar-lhes o que é verdadeiramente um EXU.

Como complemento deste livro, baseei-me nos conhecimentos obtidos através de literaturas sobre ALTA MAGIA, para que ficasse completa a exposição que pretendi fazer, bem como procurei orientação em obras religiosas que bem definem a verdade sobre as atividades dos "GÊNIOS DO MAL".

A palavra EXU nunca veio do latim e nem tão-pouco se originou de qualquer língua africana, bantu, gêge, ameríndio, etc. Essa palavra foi pronunciada por Deus na língua IJUDICE *(língua dos espíritos)*, quando por ocasião da revolta havida nos páramos celestiais, entre os anjos que faziam parte da suprema Corte do Céu, Lúcifer, o anjo belo, pretendendo a supremacia dos direitos que lhe outorgara o Criador, como chefe dos seus subordinados, julgou-se no direito de ser maior que o próprio Deus.

Por castigo foi-lhe imposta a pecha de "EXUD" *(que quer dizer: povo traidor)*, e, enxotado, foi condenado a habitar as profundezas da terra, tornando-se esse o seu reinado.

Aos demais anjos maus que acompanharam o seu chefe na revolta contra Deus, foi-lhes dada por imposição a situação de permanecerem sob as ordens do próprio Lúcifer, sendo-lhes apontado como habitação o lado oposto ao EDEN *(Paraíso Terrestre)*, situado no Oriente — Ilha de Ceilão — permanecendo como espíritos em estado embrionário de formação.

Entretanto, a designação de EXUD foi sofrendo modificações, e já no original Palli, bem como no original Hebraico, passou a denominar-se EXUS com a significação de "POVOS".

Nota-se entretanto, que a significação de EXU nesses dois idiomas era empregada especialmente para significar um povo menos protegido, isto é: um povo sobre o qual caíra o castigo divino, e que hoje, a concepção desse termo é empregada atualmente nas Leis de Umbanda e Quimbanda, para distinguir as entidades do mal, que dominam os seres quer encarnados quer desencarnados, que trafegam pelas sendas tumultuosas da provação.

Com o aparecimento de Adão e Eva, querendo estes conhecer justamente o outro lado do EDEN, cuja proibição lhes havia sido imposta pelo Criador, foi que se originou o "PECADO ORIGINAL", pois ao travarem conhecimento com o mundo dos *Exus*, foram por eles iniciados na maldade, e a seguir, sentindo-se envergonhados da sua nudez, procuraram cobrir seus corpos.

Expulsos como foram do *Paraíso*, ficaram Adão e Eva, bem como todos os seus descendentes, à mercê dos *Exus*, e daí, surgiram na face da Terra todos os males que atualmente nos afligem.

Querendo Deus compensar aqueles que na Terra desejassem alcançar a redenção de suas almas, impôs ao homem o voto de reger-se a si próprio, procurando no sacrifício, no sofrimento e na dor, elevar-se no Seu conceito, até que pudesse atingir novamente a plenitude de sua forma, como espírito perfeito.

Os filhos de Adão e Eva, multiplicando-se por ordem do Divino Criador, espalharam-se pela terra, e hoje, desconhecedores de tudo quanto encerra o mistério da criação do mundo, entregam-se, completamente cegos, a tudo quanto julgam poder dominar, sem a mínima noção de que o *livre arbítrio* que pensam possuir, é apenas uma modalidade de se afundarem cada vez mais na inconsciência e no desespero.

Ninguém faz tudo aquilo que quer, pois, uma força superior nos domina; e, se conseguirmos muitas vezes um certo objetivo, o resultado final está aquém da nossa verdadeira compreensão, pelo fato de desconhecermos o dia de amanhã.

É preciso que se saiba que os *Exus* exercem, desde os primórdios da criação do mundo, um domínio intenso sobre os homens, e, pela Lei da Compensação, Deus permitiu aos descendentes de Adão e Eva que outros elementos mais fortes os dominassem, porém, esses elementos, cuja denominação é conhecida com diversos nomes, tais como: *Entidade,s Guias Espirituais, Orixás* etc. lutam tenazmente contra os elementos do mal, para livrar-nos das perseguições e de tudo quanto nos retarda o progresso espiritual.

Os Exus possuem força poderosíssima, e se não tomarmos cuidado e não nos apegarmos aos nossos *guias espirituais*, fracassaremos redondamente na senda perigosa que é a existência humana.

Podem os *Exus* dar-nos forças suficientes para com o mal prejudicarmos os nossos semelhantes, porém provindo essa força dos gênios do mal, se nos descuidarmos,

iremos forçosamente integrar a poderosa falange dos elementos das trevas.

Eles atuam da maneira mais variada possível. Mostram-se mansos como cordeiros, porém o seu íntimo é uma gargalhada demoníaca de gozo.

Poderemos usá-los também como arma contra os malefícios que nos fizeram, pois, interesseiros como são, tanto se lhes dá que seja nossa ou de outrem, a alma ou espírito que pretendem arrastar.

Todo aquele que desconhece as *Leis Espirituais*, e, iludido pelas pregações católicas, protestantes etc. crê que os praticantes do Espiritismo lidam com Demônios, está cometendo um grande erro, pois, não possuindo o homem força suficiente para controlar os seus maus instintos, aí sim, é dominado facilmente por esses elementos, e o resultado é sofrer ainda mais as perseguições das falanges de *Exus*, fato esse que raramente acontece a quem, cultuando a verdadeira prática do Espiritismo, e, tendo a seu favor a proteção dos *Guias Espirituais* que os dominam e trazem sujeitos às suas vontades, pode perfeitamente dominar esses *Exus*, utilizando-os como escravos e não como obsessores.

Na Quimbanda, os *Exus* são invocados para os trabalhos de *Magia Negra*, e os resultados são sempre funestos, de vez que a inconsciência dos homens é de molde a procurar apenas o prejuízo para o seu semelhante.

É muito comum hoje em dia, mesmo entre os elementos da alta sociedade, verem-se casos de larga procura aos Quimbandeiros, para que estes realizem trabalhos de *"macumbas"*, *"feitiçarias"*, *"despachos"* etc., com a finalidade de conseguirem desmanches de casamentos, aproximações de amantes, enfim, uma série de *"trabolhos"* próprios dos *Exus*, num crescer constante de maldade, perversidade e falta de bom senso.

Pelo exposto, chegamos a uma conclusão de que devemos conhecer perfeitamente as falanges do MAL, tão bem como conhecemos as falanges do BEM.

Por não querer expandir-me em tudo quanto diz respeito ao povo de EXU, prefiro que o caro leitor, caso esteja interessado, adquira a obra anteriormente citada, pois, nela encontrará todos os conhecimentos que desejar obter sobre essa respeitada entidade.

Quanto às falanges do POVO DE EXU, pelos gráficos representados no capítulo XII deste livro, onde faço menção à divisão da Umbanda, encontrará o leitor os principais chefes que dominam na MAGIA NEGRA, nas suas devidas classificações hierárquicas.

Aconselho a todos quantos pretendem conhecer profundamente a UMBANDA, que procurem estudar meticulosamente todas as CAUSAS e EFEITOS das manifestações espirituais, para que não façam um conceito errôneo de uma religião que está longe daquilo que o vulgo tem pretendido considerar como "FEITIÇARIA" ou "BAIXO ESPIRITISMO".

O espiritismo de Allan Kardec professa a crença e a evocação dos "EGUNS" (Espíritos de mortos), ao passo que a UMBANDA, lida com os verdadeiros espíritos iluminados, dos quais muitos nem sequer passaram pelas diversas fases de reencarnação como é o caso de São Miguel Arcanjo e sua poderosa falange de Anjos e Serafins.

Por essa razão é que se vêem nas práticas da UMBANDA os milagres tão anunciados, de curas e graças obtidas por intermédio das poderosas forças do MUNDO ASTRAL SUPERIOR.

Por sua vez, os "EXUS", controlados pelas forças do BEM, e evocados por Umbandistas que os conhecem perfeitamente, também têm feito os seus progressos espirituais em busca da perfeição e do EQUILÍBRIO UNIVERSAL.

CAPÍTULO XVII

RITUAIS DA UMBANDA — CURANDEIRISMO

Concebe-se como "RITUAL" de uma religião todos os trabalhos práticos que se realizam com relação ao culto, os quais incluem não só a iniciação propriamente dita, como também, tudo quanto diz respeito ao processamento da evocação das entidades máximas, onde se incluem as oferendas etc.

No nosso caso, por nos interessar apenas o ritual da Umbanda, deixaremos de parte as demais religiões, para tratar única e exclusivamente do culto Umbandista.

Vários são os rituais que se praticam na Umbanda, nos quais muita cousa, ou melhor, grande parte é tirada de antigas religiões dominantes no mundo inteiro, sendo que, na maioria, essas práticas já eram conhecidas através dos dogmas e rituais da alta magia, e que nos tempos atuais, alguns querem fazer crer terem sido oriundos dos povos africanos.

A verdade entretanto, é que, tudo o que se faz com respeito a ritual de Umbanda nada mais representa do que seguir-se na íntegra, os princípios básicos nos quais a própria Umbanda se fundamenta, aliando-se, aos seus trabalhos, as operações mágicas conhecidas desde tempos imemoriais.

Tornar-se-ia por demais extenso descrever, aqui, tudo quanto encerra um ritual de Umbanda; entretan-

to, para que o prezado leitor tome pelo menos algum conhecimento dessa matéria, vou em poucas palavras procurar elucidar certas práticas Umbandistas, ao mesmo tempo que, comparando-as com alguns processos antigos, mostrar a razão de ser dessas práticas, de vez que, tudo quanto se concebe em matéria de evocar o sobrenatural, tem a sua finalidade e o seu ponto de vista esotérico.

Para não falar em iniciação, tema este já abordado no capítulo XVI, começarei explicando o que representa um "DEFUMADOR" na Lei de Umbanda, e a finalidade prática que isso representa.

DEFUMADOR

O defumador, por se tratar de um ritual de alta magia, tem como principal fundamento o afastamento dos maus espíritos, que, segundo todas as crenças, são representados por uma tênue fumaça. As queimas de ervas são concebidas como operações mágicas que possuem um poder natural, superior às forças ordinárias da Naturza. Por ser de origem antiquíssima o processo dos defumadores, trouxe-nos até a época atual a crença nos poderes benéficos dos perfumes queimados como incenso, e por essa razão, em todos os rituais religiosos essa prática é concebida, interpretando-se entretanto por vários modos, essa questão. Na religião católica conhece-se o *"turíbulo"*, que simboliza a divindade do Messias por ocasião do seu nascimento, quando os três "REIS MAGOS", além de outros presentes, lhes ofertaram OURO, INCENSO E MIRRA, representando as forças da Natureza. O ouro, simbolizando a riqueza da Terra, e o incenso e a mirra, como fatores mágicos, e que só são queimados, quando em oferecimento aos verdadeiros deuses.

Esses perfumes divinos representavam um alto sentido cabalístico, e o seu uso acobertava dos malefícios aquele que os utilizava.

Nas leis cabalísticas, esse processo de defumação também é usado em suas práticas, para a evocação dos poderes astrais, do mesmo modo que na Umbanda, o seu uso tem várias significações. Defuma-se um "terreiro" e as pessoas presentes, para acobertá-los das más influências, e para que se tenha bom êxito nas manifestações das entidades espirituais.

Nos rituais de alta magia, o emprego dos perfumes e do fogareiro é em grande número, obedecendo entretanto, a sua classificação e uso, conforme as correspondências planetárias. O incenso pode e deve ser empregado em toda e qualquer operação branca (Magia branca), pelo fato de que seus resultados são de molde a produzir perfeitas manifestações espirituais e boas influências astrais. Ao serem jogados os perfumes ou ervas sobre as brasas do fogareiro mágico, deve-se ter em conta que toda a fumaça produzida traz nas evocações um alto sentido vibratório, pois, através dessa fumaça, manifestam-se os poderes mágicos e as altas irradiações das correntes espirituais.

Utilizavam-se os antigos dos DEFUMADORES, para os exorcismos mágicos, nos quais supunham captar para si as irradiações dos espíritos de luz. Assim, para Saturno, queimavam enxofre; para Júpiter, açafrão; para Marte, pimenta; para o Sol, sândalo vermelho; para Vênus, galo; para Mercúrio, mastique; e, finalmente para a Lua, aloés.

Pelo fato de possuir, a queima desses perfumes, um alto significado, costuma-se, mesmo independentemente da questão religiosa, queimar "ALFAZEMA" quando nasce uma criança, pela crença de que essa irradiação traz-nos alegrias e compensações. Portanto, todo aquele que desejar, dentro de sua casa, paz de espírito e boas irradiações espirituais, deverá defumar constantemente sua residência, bastando unicamente que o faça consciente de que, ao fazer esse trabalho, mantém sempre

firme o seu conceito, e, procurando equilibrar os seus bons pessamentos, busque a tranqüilidade de que tanto precisa.

* * *

Pelo fato de que as sessões que se costumam realizar nos "CANDOBLÉS", na "*Quimbanda*", e mesmo em alguns centros Umbandistas, não quer dizer que certos rituais efetuados nessas seitas, condigam perfeitafente com a UMBANDA ESOTÉRICA E INICIÁTICA, que procura na verdade cultuar uma Umbanda pura e divina. As preparações para a abertura dos terreiros têm sofrido grandes modificações, e muitas práticas já não são mais admissíveis; por exemplo: os rituais bárbaros foram totalmente eliminados. Os *amalás* foram respeitados até certo ponto, retirando-se deles a questão dos sacrifícios de animais, com exceção dos "*Ebós*" de Exu, quando esses ebós visam a prática do bem, e quando se tratar apenas de pequenas aves. A questão dos trajes também por seu turno foi modificada, concebendo-se apenas a questão da aparência, evitando-se as fantasias berrantes, que não condizem absolutamente com a questão espiritual.

Quanto aos demais processos que fazem parte dos rituais umbandistas, tais como: Jôgo de Búzios, Pontos Riscados, Pontos Cortados, etc., continuam como parte integrante dos trabalhos, por se tratar de alta magia, exercendo-se entretanto, essas atividades, de acordo com as entidades que porventura dominarem nos diversos *centros* ou *terreiros*.

CURANDEIRISMO

Concebe-se na Umbnada como "*Curandeirismo*", o ato que os povos antigos praticavam, no exercício do que hoje se concebe como "*falsa medicina*".

Nas antigas civilizações, onde o progresso era falho e a prática da medicina ainda não havia tomado o seu

incremento, exercia-se o curandeirismo entre as tribos, com a finalidade de curar aqueles que se julgavam enfermos, ou possuídos de seres infernais. Os curandeiros eram tidos como sábios, pelo fato de conhecerem profundamente o uso de fórmulas químicas, obtidas com a infusão de ervas e raízes, com as quais obtinham impressionantes resultados. Por outro lado, os curandeiros das tribos eram também chamados "*feiticeiros*", pelo fato de que praticavam o que o vulgo chamava de feitiçaria, por trabalharem com as correntes espirituais, na evocação de entidades demoníacas. Durante o período da Idade Média, mais acentuada se tornou a prática do curandeirismo, estendendo-se até o período compreendido entre os séculos XV e XIX.

Na época atual, a questão do curandeirismo deixou quase que praticamente de existir, a não ser nas práticas exercidas por alguns cultos feiticeiros, entre eles o "CANDOBLÉ". Na Umbanda atual, entretanto, as autoridades policiais exercem uma séria fiscalização nesse sentido, e representa crime contra a saúde pública o exercício ilegal de medicina, arte dentária ou farmacêutica, o que preceituam os artigos 283 (Charlatanismo e 284 (Curandeirismo), do Código Penal Brasileiro.

Creio eu, que o curandeirismo jamais deixará de existir, pois existindo na realidade os Espíritos de Luz e os Guias Espirituais, não deixarão eles de ministrar-nos os seus passes e receitar-nos os seus remédios feitos com as "*macaias*" (ervas) por eles conhecidas, que bem traduzem o perfeito conhecimento que possuem da medicina do espaço.

Acompanhemos a evolução da Umbanda, e dia virá em que a própria medicina se curvará ante a magia dominadora das poderosas entidades espirituais.

CAPITULO XVIII

A ALTA SIGNIFICAÇÃO DOS PONTOS CANTADOS E RISCADOS

Um dos pontos mais altos, e de melhor significação nas Leis de Umbanda, é o que se conhece pelo valor dos seus "PONTOS CANTADOS" e "PONTOS RISCADOS".

Em toda a concepção que se fizer de uma religião, vamos encontrar na "PRECE", a condição máxima que se pode ter para atingirmos, por meio de orações, as bênçãos divinas. Sendo a prece uma cerimônia mágica de primeira ordem, por se tratar de um ato voluntário que se concebe pelo pensamento, através de um desejo de atingirmos os elevados planos espirituais até chegar ao Deus Supremo; consiste esse ato, apenas, no pronunciamento de palavras ditadas pelo coração, e, embora contendo quase sempre as mesmas frases, dá ao homem o direito de elevar-se perante os seres divinos.

Do mesmo modo, os cânticos que se entoam numa sessão de Umbanda, são hinos de evocação a um determinado *"Orixá"* ou *"Falange espiritual"*. Esses cânticos cu "PONTOS", são as preces que se fazem, quando em determinadas condições, pedimos às entidades espirituais a proteção e o apoio de que tanto precisamos. Sob a vibração desses "pontos", baixam os espíritos de luz, os "Orixás da Umbanda" e todas as entidades do Astral Superior, que, completando com os "PONTOS RISCADOS", finalizam a magia redentora e amiga, que nos acoberta de todos malefícios. Essa é a maior "MI-

RONGA" da Umbanda, tal como os cabalistas antigos, nas evocações da ALTA MAGIA, utilizavam-se da ciência dos signos e símbolos mágicos para a concretização das suas finalidades.

Na mesma Umbanda de hoje, tal como na Umbanda dos princípios do mundo, o princípio ativo e passivo da Natureza redentora está representado nos símbolos do esoterismo.

Adão representou o tetragrama humano, o qual, ligado ao ternário representado pelo nome de Eva, formou o nome de JEOVÁ, representando o tetragrama divino, que é a palavra mágica por excelência, na concepção dos grandes cabalistas.

O triângulo de Salomão, significando o absoluto, e revelado pela palavra, representa o Sol, que se manifesta pela sua luz radiante, provando a manifestação eficaz do seu calor. Esse triângulo, ligado a outro, formando uma só figura, representada por uma estrela de seis (6) raios, forma o que se conhece como o *"signo sagrado do selo de Salomão"*, ou estrela brilhante do macrocosmo. O pentagrama, exprimindo a dominação do espírito sobre os elementos materiais, dá ao homem os poderes de domínio sobre todas as manifestações espirituais. Assim, de posse dos segredos ocultos da Alta Magia; e, sabedores dos mistérios que envolvem a representação dos signos cabalísticos representados nos "PONTOS RISCADOS" das entidades espirituais da Umbanda, estarão aptos à compreensão e ao cumprimento das LEIS DIVINAS.

Para uma perfeita orientação aos leitores, darei a seguir uma pequena explicação sobre alguns pontos riscados, bem como, outros tantos pontos cantados, à procados, bem como, outros tantos pontos cantados à proporção que forem sendo apresentadas as respectivas figuras.

Figura 1

Na figura 1, vemos representados nove (9) pontos riscados, os quais, a contar da esquerda para a direita, partindo de cima, são:

A CRUZ — que representa a fé.

A ANCORA — que significa a esperança.

O CORAÇÃO — que nos dá o exemplo do maior de todos os sentimentos humanos, que é a caridade.

Esses três pontos são de Oxalá.

A seguir, vemos o ponto de Maria Santíssima, representado por um coração circundado por uma coroa de espinhos, simbolizando a passagem de seu filho Jesus Cristo, rumo ao calvário.

PONTO DE N. S. DAS DORES — representado por um coração trespassado por um punhal, simbolizando a dor.

PONTO DE SANTA RITA — A Cruz de Cristo tendo em volta a coroa de espinhos de Jesus crucificado.

PONTO DE SÃO RAFAEL — A cruz de Cristo simbolizando a fé; a estrela do Oriente; as flexas cruzadas, indicando a sua afinidade com as falanges de caboclos; e, finalmente, as três estrelas representativas da magia, simbolizando os três Reis Magos.

PONTO DE SÃO JOÃO BATISTA — A Cruz de Cristo; a bandeira da fé, cruzada com a lança, significando a união com o povo de Ogum e as falanges de caboclos; e. finalmente, as duas estrelas que simbolizam a magia, denominadas como: CASTOR E POLLUX, símbolo dos gêmeos.

PONTO DE XANGÔ — A cruz; a Bíblia, e o raio cruzado com a flexa, simbolizando o cruzamento das forças da Natureza cm as falanges espirituais do povo de Aruanda.

PONTO CANTADO DE OXALÁ
(Festa de caboclos — descarga)

Jesus nosso redentor,
Desceu para nos salvar,
Chegaram os "Caboclos de Aruanda",
Que vieram descarregar.
Mais uma pemba, mais uma guia,
Meu pai, diga o que é,
São todos "Caboclos de Aruanda"
Que vieram salvar filhos de fé.

PONTO CANTADO DE MARIA SANTÍSSIMA

Maria nossa mãe extremosa!
Baixai, baixai como a rosa.
Anda ver nosso povo de Aruanda,
Trabalhando no gongá!

Pela nossa Lei de Umbanda!
Baixai, baixai como a rosa,
Maria nossa mãe extremosa,
Baixai, baixai como a rosa.

PONTO CANTADO DE SÃO RAFAEL

(Pretos velhos)

Ora viva São Rafaé,
Na Linha de Umbanda
Que vem saravá.
Ora viva São Rafaé
Na cangira de preto
Ele vem trabaiá.

PONTO CANTADO DE SÃO JOÃO BATISTA

São João Batista é vem,
Minha gente,
Vem chegando de Aruanda
Salve a fé e a caridade,
Salve o povo de Umbanda.
São João Batista é vem minha gente,
Vem chegando de Aruanda,
Salve o povo cor de rosa,
Salve os filhos de Umbanda.

PONTO CANTADO DE XANGÔ *(Exaltação)*

Quando a lua aparece,
O leão da mata roncou;
A passarada estremece,
Olha a cobra coral que piou, piou, piou,
Olha a coral piou.
Salve o povo de Ganga ô,
Chegou, seu rei de Umbanda,
Saravá, nosso pai, Xangô.

Figura 2

Na figura 2, vêem-se representados também nove (9) pontos riscados, os quais trazem as seguintes significações:

PONO DE OXOCE — Orixá da Umbanda, chefe da 4ª linha — Deus da Caça, Orixá das Matas. Seu ponto está representado por uma cruz de reflexos, tendo duas flexas cruzadas simbolizando as falanges de caboclos, estando a cruz circundada por quatro estrelas, que cabalisticamente representam os planetas: Marte, Saturno, Vênus e Júpiter.

PONTO DE COSME E DAMIÃO — A fé, representada pela cruz com degraus e o coração significando a caridade.

PONTO DE SÃO FRANCISCO DE ASSIS — (Semiromba — frades) — representado simbolicamente pela cruz, tendo nos braços os rosários da fé e da caridade. São Francisco de Assis faz parte da Legião de Semiromba, como Orixá pertencente à 7ª legião que compõe a LINHA DE OXALÁ (1ª linha da Umbanda).

PAI FRANCISCO — LINHA DE XANGÔ — Ponto riscado da entidade espiritual que atende pelo nome de Pai Francisco de Loanda, o qual traz como significado o trabalho executado sob a proteção de Xangô. A Cruz de Cristo, vendo-se nela enrolada uma cobra, significa que o trabalho foi feito no ritual da Alta Magia, para fins de cura, contando ainda com a proteção dos povos do Oriente, representados pelas três estrelas; e, ainda, pelas falanges de caboclos e sob a proteção de Ogum, indicados pela seta e a bandeira (cruzadas).

CABOCLO DE INHANÇA — Ponto de uma entidade cabocla, no qual a sua característica (duas flechas cruzadas) indica que o trabalho que executa ou executou, teve a proteção de Inhançã (raio), assistido pelo povo do Oriente (4 estrelas), representando 4 planetas.

COSME E DAMIÃO - INHANÇA — Ponto cruzado no qual as falanges de Cosme e Damião trabalharam com a proteção de Inhançã, representado pela cruz de Cristo (pedido de proteção a Oxalá) e o símbolo das forças da Natureza (dois raios cruzados).

CABOCLO AIMORÉ — Ponto usual da entidade pertencente à falange de Oxoce, representado pelo cruzamento de 4 Linhas; Oxalá, Oxum, Ogum e Oxóce; indicando que essa entidade (Caboclo Aimoré), pede a proteção ou ajuda dessas quatro entidades máximas da Umbanda. A cruz com degraus, significa a elevação espiritual dessa entidade, na linha de Oxalá. O coração, simboliza a caridade, pedida a Mamãe Oxum. A flecha, cruzada com a bandeira de Ogum, representa a força espiritual onde se irmanam os Orixás Oxoce e Ogum.

CABOCLO ZURI — Ponto usual riscado pela entidade (Caboclo Zuri), pertencente à falange de Oxoce, quase sempre feito na abertura ou fechamento do terreiro onde esse Chefe demonstra a sua afinidade com as seguintes falanges espirituais: Linha da magia, representada pela cobra enroscada numa flecha terminada na parte superior em V; a cruz simbolizando a linha de Oxalá; as duas flechas cruzadas, representando o trabalho ou trabalhos executados por Oxoce; as duas estrelas simbolizando a interferência dos povos orientais; a escada com sete degraus, representando os sete (7) planos espirituais; e, finalmente, circundando esses símbolos, um círculo composto de semicírculos representando as influências do povo do mar.

SÃO LÁZARO (Omulu) — Ponto riscado na Lei de Quimbanda, onde a entidade Lázaro, representada pela vela acesa, trabalha com Exu, Omulu, representados pelos dois tridentes cruzados, num desmanche de trabalho executado, na magia negra. (Quando o tridente de Exu está virado para o lado de cima, o trabalho é para o bem; ao passo que quando está em sentido contrário, significa justamente o inverso. No caso da direção desse tridente, podendo o trabalho estar sendo dirigido com fins bons ou

maus, dependendo apenas da evocação que se faça, onde exista a interferência de outras entidades). A questão da interpretação desses pontos é muito vaga, e muitas vezes, será preferível que as próprias entidades os traduzam para aqueles que os observam em trabalhos.

PONTO CANTADO DE OXOCE

Eu vi chover,
Eu vi relampear,
Mas mesmo assim,
O céu estava azul.
Samborê pemba
Folha de Jurema,
Oxoce é dono do Maracajá (bis)
Oxoce é dono do Maracajá (bis)

PONTO CANTADO DE COSME E DAMIÃO

(Na irradiação da falange do mar)

São Cosme e São Damião
Sua Santa já chegou;
Veio do fundo do mar,
Que Santa Bárbara mandou,
Dois, dois, Sereia do Mar!...
Dois, dos, Mamãe Iemanjá!...
Dois, dois, Sereia do Mar!...
Dois, dois, meu pai Oxalá.

PONTO CANTADO DE SÃO FRANCISCO DE ASSIS

(Semiromba)

Semiromba é vem, Semiromba...
Com a cruz na mão Semiromba,

Como ele vem contente Semiromba,
Trazendo a nossa redenção
Semiromba.

PONTO CANTADO DO CABOCLO AIMORÉ

A minha gonga tá roncando
Lá na mata.
Tá roncando p'ra salvar
Filhos de fé.
Ronca, ronca, ronca,
Minha gonga,
P'ra chamar a minha tribo
Aimoré.

PONTO DO CABOCLO TUPAHIBA *(Filho de Aimoré)*

Nós somos dois guerreiros,
Dois irmãos unidos,
Meu nome é Tupahiba,
Sou filho de Aimoré.
Lá na tribo Guarani
Meu irmão chama Peri (bis)

PONTO CANTADO DO CABOCLO ZURI

Chegou, já chegou que eu vi,
O caboclo Zuri
E Oxoce eu vi,
Em nome de Jesus,
Vem ajudar seus filhos
A carregar a cruz (bis)
Deus te guie Zuri,
Deus te dê muita luz (bis).

PONTO CANTADO DE SÃO LAZARO

(*Na irradiação de Omulu*)

Dé, ré, é dá é dé,
Ora dança Omulu
É dé é dá. (bis)

Figura 3

Na figura 3, vemos representados doze (12) pontos riscados, os quais, contando-se de cima para baixo, e na direção da esquerda para a direita, vamos encontrar:

PONTO DE SÃO MIGUEL ARCANJO — Representado pela balança cruzada por uma espada flamejante, significando a força divina da justiça, e por uma

flecha apontando para a Estrela Guia, representando as forças ocultas do reino de Obatalá. A cruz simboliza a fé, instituindo o dogma místico, "Quem é igual a Deus?"".

PONTO DE SÃO GABRIEL — Traz no seu símbolo, o bastão mágico do esoterismo, cruzado por duas flechas apontando para duas estrelas que representam os planetas Mercúrio e Marte, tendo o Sol, representando a força criadora da aNtureza. A cruz representa a fé, indicando os mistérios que acompanhariam a passagem de Cristo pela terra.

PONTO DE SÃO JOÃO BATISTA — Este outro ponto de São João Batista, representa um símbolo esotérico no qual essa entidade máxima chefia a falange do povo do Oriente, representado pela estrela maior, tendo apontado para o vértice uma seta, que significa a força vibratória das falanges de Oxoce. As três estrelas menores, representam o triângulo mágico evocativo dos mistérios da Santíssima Trindade — Pai, Filho e Espírito Santo. As duas cruzes simbolizam a fé na significação da iniciação de Cristo como mestre, e São João Batista, como seu precursor.

PONTO DE ZARTU — O INDIANO — Símbolo de uma entidade trabalhadora do povo do Oriente — 3ª linha da Umbanda, onde Zartu é o chefe da 1.ª legião componente dessa linha. A Estrela Guia, representa a Alta Magia; as duas lanças cruzadas, simbolizam as falanges por ele dirigidas (Rabis, Maometanos, etc.); o meio ciclo lunar significa o esoterismo e a estrela com cauda, a força espiritual dos monges. (Lei de Kaballah).

PONTO DE SÃO JORGE DE RONDA — Duas espadas de Ogum, cruzadas, tendo ao alto a Estrela Guia, e embaixo a cruz de Cristo. Este ponto traz a significação de trabalhos, nos quais está vigilante a entidade ou "Orixá" Ogum.

PONTO DOS ÍNDIOS CARAÍBAS — Ponto de um cacique da falange dos caboclos que trabalham na Lei de Umbanda, representando um trabalho no qual estão representadas as forças do Oriente representadas pela estrela do centro, com um arco e flecha dirigindo o seu pedido ou ponto de firmeza para o reino de Obatalá. Circundando a estrela maior, encontram-se quatro (4) pequenas estrelas, simbolizando os quatro signos do Zodíaco.

PONTOS DO POVO DA COSTA — (*Pai Cabinda*) — Ponto riscado pela entidade Preto Velho Pai Cabinda, significando a magia, representada pela cruz de Cristo, a estrela do Oriente; três pontos mágicos; e, circundando esses signos, um triângulo que representa a força envolvente do dogma instituído como o segredo das pirâmides.

PONTO DE JOÃO BATUÊ — O círculo esotérico, envolvendo a Estrela Guia.

PONTO DE JOÃO BANGULÊ — Símbolo da cruz, cruzada com duas lanças. Entidade pertencente à Linha de Santo ou de Oxalá (1ª linha da Umbanda).

PONTO DE VOVÓ LUIZA — Entidade Preta Velha, trabalhando na linha de Congo. Ponto cruzado de duas lanças unidas nas extremidades com uma corrente, significando a interferência dos povos africanos de várias raças.

PONTO DE QUIRIMBÓ — Símbolo de amarração de trabalhos, com a flecha apontando para a Estrela D'Alva, designando a Alta Magia.

PONTO DO REI CONGO — A Estrela da Manhã (estrela branca), cruzada por duas lanças, e circundada por quatro (4) cruzes cabalísticas. Ponto máximo do Chefe da falange do povo do Congo (Rei Congo).

Figura 4

Na figura 4, estão representados 12 pontos riscados, os quais são assim constituídos:

PONTO DE SANTO ANTÔNIO (*Amarração*) — Trabalho feito por uma entidade da linha de Santo Antônio, mostrando o símbolo de amarração cruzado por duas flechas, indicativas da falange de caboclos trabalhadores da Linha de Oxoce.

PONTO DE PAI JOSÉ DE ARUANDA — Ponto de preto velho, representando o símbolo esotérico da sua falange cruzado com a falange de caboclos, representada pela flecha apontando para cima, em pedido de proteção.

PONTO DE PAI VELHO — Ponto de preto velho, representado pelo pentágono cabalístico significando a magia, tendo no centro a cruz de Cristo, símbolo da fé.

PONTO DE PAI JOBA — O Z de Zoroastro (signo cabalístico) ladeado por duas cruzes representando o princípio e o fim (o alfa e o ômega). Ponto de preto velho, pertencente ao Povo do Congo.

PONTO DE PAI AGOLÔ — (*Zudus*) — Símbolo do Chefe dos pretos Zulus. Trabalho de Alta Magia representado pelo ponto de amarração, irradiado para o Povo do Oriente.

PONTO DE TIA MARIA — Ponto de preta velha (Povo de Minas). A Estrela Guia, dominando as três pedras mágicas, terminando com a lança do povo do Congo em ziguezague (Interferência de Inhançã).

PONTO DO CABOCLO TARTARUGA DO PARÁ — Entidade cabocla representada pela flecha característica do povo de Oxoce dirigindo o triângulo esotérico representado na Alta Magia.

PONTO DO CABOCLO VIRA MUNDO — Ponto máximo da entidade VIRA MUNDO (caboclo de Oxoce). A rosa dos ventos (Lei de Kaballah) dirigida pela flecha característica do povo das matas.

PONTO DO CABOCLO DO VENTO — Três flechas cruzadas (caboclos de Oxoce), estando a do centro dirigida para a Estrela Guia. As linhas curvas e em sentido paralelo, indicam os planos astrais dominadores dos fenômenos atmosféricos (ventos).

PONTO DO CABOCLO JAVARI — Signo de Salomão, dirigido pela flecha característica dos caboclos da linha de Oxoce, apontando para uma pequena estrela representando a irradiação do povo do Oriente.

PONTO DO CABOCLO URUCUTANGO — Caboclo da falange de Oxoce das Matas. Ponto máximo dessa entidade, vendo-se dois círculos concêntricos cruzados por seis flechas dirigidas para os lados direito e esquerdo, significando a união de todas as forças da Natureza.

PONTO DE OXOCE CAÇADOR — O arco e a flecha simbólicos do Deus da caça. A estrela indicada pela flecha, significa que essa entidade "Orixá", pede auxílio ao Povo do Oriente, ao passo que a estrela situada na corda do arco, representa o domínio do astro que determina o trabalho. A segunda flecha (fora do arco) representa a proteção e indica que o trabalho a ser executado requer persistência, para que tenha bom êxito.

PONTO CANTADO DE SANTO ANTÔNIO

(Abertura de Trabalhos)

Santo Antônio é de ouro fino (bis)
Suspende a bandeira
Que vamos trabalhar (ou encerrar)
Santo Antônio é de ouro fino (bis)
Arria a bandeira
Que vamos encerrar.

PONTO DE PAI JOBA *(Preto Velho)*

Hoje é noite de alegria,
E o galinho já cantou.
Trazia a fita nos pés,
E a cruzinha do Senhor.
É de congo, é de congo, é de congo
É de congo,
No terreiro de Umbanda
Preto Joba já baixou.
É de congo, é de congo, é de congo
É de congo,
No terreiro de Umbanda
A proteção de Deus baixou.

PONTO DE OXOCE DAS MATAS — Três flechas em círculo, indicando o símbolo da falange de Oxoce, cortadas por um arco, e no centro deste, a estrela do Oriente, significando a interferência desse povo nos trabalhos realizados.

Na figura 5, vemos os seguintes pontos riscados:

Figura 5

PONTO DO CABOCLO GUARÁ — (Caboclo da falange de Oxoce). Quatro flechas dispostas em sentido longitudinal e paralelas, dirigidas por quatro estrelas menores, significando a origem dos astros dominantes, guiados pela estrela maior (Estrela Guia), símbolo que justifica as afinidades espirituais dessa entidade, com a linha do Oriente.

PONTO DO OXOCE ROMPE-MATO — O triângulo esotérico de Salomão tendo ao centro a Estrela Guia, dirigida pela flecha, em direção ao reino de Obatalá. (Caboclo da falange de Oxoce).

PONTO DO POVO DA BAHIA — SENHOR DO BONFIM — Ponto esotérico representado pelas falanges de pretos velhos, onde a cruz representa o símbolo da fé (Oxalá — Senhor do Bonfim), e o quadrado cortado em diagonal, simboliza esotericamente as falanges dos povos Bantus.

PONTO DE PAI JOBIM — (Preto velho da falange de Oxalá). O quadrado esotérico da falange, colocado em sentido vertical, tendo ao centro o símbolo de amarração, dirigido por uma plecha de Oxoce, significando que o trabalho foi feito com a proteção de Exu, pelo fato de estarem, esses sinais, cortados por duas linhas que se cruzam, terminando essas linhas por uma pequena cruz.

PONTO DE MARIA REDONDA — (Preta velha da falange do povo de Congo). Dois ponteiros colocados em sentido oposto um ao outro, tendo ao centro o símbolo de segurança ou ponto central, onde geralmente é colocado um copo com água.

PONTO DE MARIA CONGA — A chave de Xangô Agojô (São Pedro), cruzada por duas lanças representativas do povo do Congo. (Ponto usual dessa entidade).

PONTO DE TIA MARIA DE MINAS — A cruz de Cristo, colocada no vértice do triângulo de Salomão, representa o trabalho de Alta Magia, confirmado pela Estrela do Oriente (Proteção dos povos hindus).

PONTO DE PAI JOÃO DE MINAS — A cruz de Cristo, colocada no vértice de dois triângulos concêntricos, significa que essa entidade trabalha na falange de Oxalá, pelo fato de ter a proteção da Estrela Guia. Essa entidade pertence ao Povo de Minas, e pratica a Alta Magia.

PONTO DE SA MARIA DE PAI BENEDITO — (Preta velha que se apresenta trabalhando em duas linhas: Linha de Congo, cruzada com o Povo de Minas). Quatro lanças de Congo, dispostas em sentido inverso uma da outra, e dirigidas pela Estrela Guia.

PONTO DE SÃO BENEDITO — (Entidades caboclas) — Três flechas dirigidas para Oxalá e cruzadas sobre o símbolo de amarração (ponto místico utilizado pelas entidades pretos velhos, em trabalhos de Magia branca ou Magia Negra, conforme a direção dada à terminação da linha onde termina o caracol). Esse ponto significa que o trabalho foi realizado com a proteção das entidades (Pretos Velhos) que trabalham na linha de Oxalá, onde São Benedito é o chefe espiritual da Legião que tem o seu nome.

PONTO DE TIO ANTÔNIO — Preto velho da linha de Congo. Ponto usual dessa entidade, onde se destacam as duas lanças de congo cruzadas, dirigidas pela estrela do Oriente (povos hindus). A cobra, simboliza os trabalhos de magia ou curandeirismo.

PONTO CANTADO DE SÃO BENEDITO

Oh! que santo é aquele
Que vem acolá?...
É São Benedito,
Que vem ajudá!
Oh! que santo é aquele
Que vem acolá?!
É São Benedito
Que vem trabalhá.

PONTO DE SÃO BENEDITO (*Caboclos*)

Nossa mata tem folhas...
Tem rosário de Nossa Senhora.
Aroeira de São Benedito,
São Benedito que nos valha
Nesta hora.

PONTO DE PAI BENEDITO (*Pretos Velhos*)

Salve o Rei, salve o Rei,
Benedito no terreiro,
Salve o Rei.
Salve o Rei, salve o Rei,
Benedito no terreiro,
Salve Zambi Rei.

Figura 6

Na figura 6, vemos representados 12 pontos riscados, os quais podem ser interpretados da seguinte maneira:

PONTO DO POVO DA BAHIA NA CANGIRA — Ponto de trabalho do Candoblé baiano, onde está representado o símbolo da Magia, vendo-se duas flechas cruzadas em direção do reino de Exu, ladeadas por duas estrelas representativas dos povos do Oriente e Ocidente.

PONTO CRUZADO DE INHANÇA E XANGÔ — Símbolo no qual a entidade cabocla da falange de Inhançã pede a proteção de Xangô. A Estrela da Manhã (estrela branca), tendo no centro o raio e três estrelas menores, representa o domínio de Inhançã, pelas forças vivas da Natureza; ao passo que as duas flechas cruzadas por trás da estrela, em direção aos lados direito e esquerdo, simbolizam o povo de Oxoce. A entidade Xangô está representada pelo raio de Inhançã apontando para baixo, e pela estrela branca.

PONTO DE BAIANA DE MISSANGAS — Entdade que Negra, representado pelos tridentes de Exu, cruzados sobre o bastão mágico do esoterismo.

PONTO DE BAIANA DE HISSANGAS — Entidade que trabalha na linha de povo do Congo, com a seguinte interpretação: A cruz do Senhor do Bonfim (povo da Bahia): a Estrela Guia; e, o rosário tendo no centro uma estrela simboliza a falange de Semiromba (frades). O mar, representa a irradiação da falange do Povo do Mar, na evocação de N. S. dos Navegantes. (Iemanjá).

PONTO DE JIMBARUÊ — Entidade que trabalha na linha do Oriente, cruzada com as falanges de Ogum.

Três flechas cruzadas (Oxoce); crescente lunar (Oriente); quatro estrelas (planetas dominantes).

PONTO DO POVO DE JANGUAR — Entidade cabocla de da entidade Exu.

PONTO DO POVO DE JANGUAR — Entidade caboclo de Oxoce, cruzada com o povo do Oriente. Flechas em direções e sentidos contrários, significam trabalhos de magia, assistidos pelos símbolos mágicos representados pelo crescente lunar e a Estrela Guia.

PONTO DO CABOCLO DA PEDRA BRANCA — Entidade cabocla que trabalha na linha do Oriente. A flecha, representa o povo de Oxoce, drigindo o símbolo hindu (estrela do Oriente).

PONTOS DOS CABOCLOS TAPUIAS — Falanges de caboclos pertencentes à linha de Ogum, cruzados com a falange de Oxoce, e que trabalham na linha da magia (S. Cipriano). Ponto usual dessas entidades.

PONTO DOS CABOCLOS TAMOIOS — Ponto usual dessas entidades, trabalhadoras da falange de Oxoce. A flecha dirigida para o reino de Exu, e dirigida pela Estrela Guia, significa que o trabalho executado foi de demanda espiritual, tendo a confirmação dos dois planetas (estrelas).

PONTO DO CABOCLO ÁGUIA BRANCA — Caboclo de Oxoce (ponto usual da entidade). Uma flecha grande, dirigida para a Estrela Guia; três flechas menores, apontando para um círculo e um semicírculo, indicam o signo mágico das forças naturais.

PONTO DO CABOCLO DA SERRA NEGRA — Ponto usual dessa entidade, onde se percebe a influência

do povo do Oriente, representado pelo trabalho mágico indicado pelas flechas cruzadas dirigindo-se para dois astros (estrelas), e uma pequena flecha dirigida para uma espiral, que simboliza a força magnética. A Estrela Guia (embaixo), dirige o trabalho. Entidade da falange de Oxoce.

PONTO CANTADO DE EXU GIRA-MUNDO

Eu quero vê corrê,
Eu quero vê balanciá...
Chegô Exu Gira-Mundo
Que vem na Umbanda trabaiá.

PONTO DO CABOCLO DA SERRA NEGRA

O meu grito de guerra
Reboou lá na mata, lá na serra,
O meu grito de guerra
Lá na terra ecoou,
Saravando todo o povo de Umbanda,
O Caboclo da Serra Negra,
Chegou! Chegou!

PONTOS DOS TAMOIOS

Eu sou caboclo, eu sou Tamoio,
Eu venho lá de Aruanda.
Eu sou caboclo, eu sou Tamoio,
Eu venho lá de Aruanda.
Eu sou caboclo, o meu nome é Grajaúna
Eu sou Tamoio, eu sou Guerreiro de Umbanda.

PONTO DO CABOCLO ÁGUIA BRANCA

Águia Branca, que vem de Aruanda,
Oi... vem sozinho
Porém, apitando três vezes,
Sua falange vem ajudar!

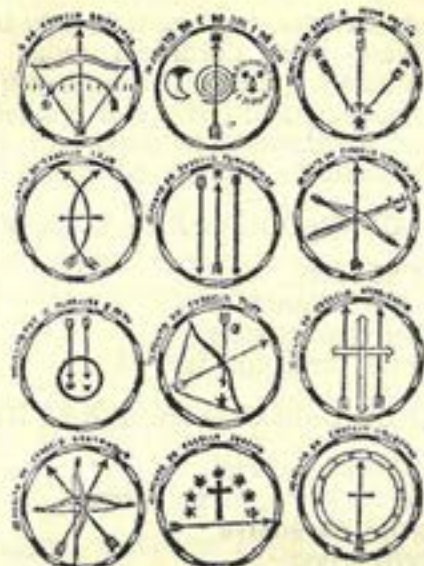



Figura 7

Na figura 7, doze (12) pontos riscados, trazem as seguintes interpretações:

PONTO DO CABOCLO ARIRAJARA — Ponto de chamada do caboclo Ararijara da falange de Oxoce, representado por um arco e uma flecha dirigidos para o Reino de Obatalá. Uma flecha curva, apontando para uma estrela, significando que a falange dessa entidade pede a proteção para a Estrela Guia. Os pequenos traços verticais, representam os caminhos traçados.

PONTO DOS CABOCLOS DO SOL E DA LUA — Duas entidades irmanadas num mesmo trabalho (Caboclo do Sol e Caboclo da Lua). O crescente lunar

representa o ponto esotérico do Caboclo da Lua. O sol, é a representação smbólica do Caboclo do Sol. A flecha traçada sobre o símbolo de amarração, e apontando para a Estrela Guia, significa que o Povo de Ogum é o dirigente espiritual dessas duas entidades.

PONTO DO CABOCLO DA PEDRA PRETA — Símbolo de chamada dessa entidade, sob a proteção de Oxoce. Três flechas apontando para a Estrela Guia, representam a força vibratória dos planetas que dirigem o trabalho, representados pelas três estrelas colocadas na cauda das flechas.

PONTO DO CABOCLO CAJÁ — Ponto de chamada da entidade desse nome. Seu símbolo está representado pelas duas flechas côncavas e cruzadas, cortadas por um traço, significando a separação dos planos: Material e Espiritual.

PONTO DO CABOCLO TUPINAMBÁ — Ponto usual dessa entidade da falange de Oxoce, representado por um arco e flecha, uma outra flecha, dirigindo a estrela mágica do Oriente; e o ponto de firmeza, mostrando num pequeno círculo duas partes: uma branca e uma preta.

PONTO DO CABOCLO UBIRAJARA — Ponto de chamada da entidade Ubirajara. Está representado por três elementos ou símbolos: :A flecha, indicando que esse caboclo pertence à falange desse "Orixá"; a espada de Ogum designando a interferência desse povo nos seus trabalhos, e o arco característico dos povos que trabalham na linha das matas.

PONTO DOS CABOCLOS TUPAHIBA E PERI — Ponto misto de duas entidades que trabalham na falange de Oxoce representado por duas flechas dirigidas para um circulo (circulo mágico), dirigindo duas falanges (representadas pelas estrelas).

PONTO DO CABOCLO TUPI — Ponto mistico usual dessa entidade de Oxoce, Está represetado pelo arco entesando uma flecha, sinal caracteristico de Chefe de terreiro. A outra flecha dirigida para uma estrela (Estrela Guia), significa que essa entidade trabalha em várias linhas, tendo o seu ponto firmado, o qual está representado por uma circunferência pequenina, que tem um semicirculo branco e outro preto, significando a magia.

PONTO DO CABOCLO ARARIBÓIA — Caboclo da falange de Oxalá, cruzado com Oxoce. Apresenta-se formado por uma cruz, simbolizando a linha de Oxalá, e duas flechas dirigidas para o Reino de Obatalá.

PONTO DO CABOCLO ARARANGUÁ — Caboclo da Linha de Oxoce. Duas flechas cruzadas, entrelaçando dois arcos também cruzados. Ponto de chamada dessa entidade.

PONTO DA CABOCLA JUREMA — Entidade da falange de Iemanjá. A flecha simbólica de Oxoce, separando o plano material do plano espiritual. A Cruz de Cristo circundada por 7 estrelas, significando o Reino de Aruanda. Esse ponto significa que essa entidade (Cabocla Jurema) trabalha com as sete (7) linhas de Umbanda.

PONTO DO CABOCLO URUBATÃO — Ponto de chamada da entidade que trabalha com a falange do "Orixá" Caboclo Urubatão. Está representado pelo círculo esotérico ou cadeia mágica, e a flecha, representativa da falange de Oxoce. O traço cortando a flecha, significa a interferência do povo da falange de Ogum, a quem pertence essa entidade.

PONTO CANTADO DOS CABOCLOS DO SOL E DA LUA

Sarave o Sol, sarave a Lua!
Sarave o Sol, sarave a Lua!
Que eu vou girar...
Que eu vou girar...
Lá na mesa de Umbanda
Vou trabalhar.

PONTO CANTADO DO CABOCLO URUBATÃO

Chegou Urubatão de dia,
Que veio para os seus filhos salvar:
Rebenta corrente de ferro e de aço;
Estoura cadeias de bronze,
A lua vem saindo
E o Sol já vai sumindo
E vem para saudar a Estrela Guia
Eu trago em meu manto sagrado
O nome da Virgem Maria!

PONTO DA CABOCLA JUREMA

Com 7 meses de nascida
A minha mãe me abandonou
Salve o nome de Oxoce (bis)
Foi Tupi que me criou. (bis)

Ai companheiros de Jurema,
Ai de mim, tem dó
Ai de mim meus companheiros...
Ai de mim, tão só!

Figura 8

Na figura 8, vêem-se representados 12 pontos riscados, os quais são assim interpretados:

PONTO DO CABOCLO GIRA-SOL — A cruz com degraus, simbolizando a fé; a flecha de Oxoce dirigindo a Estrela Guia; e, o Sol característico do denominativo da entidade.

PONTO DO CABOCLO DAS 7 FLECHAS — Sete flechas dirigidas para o símbolo representativo da falange de Exu Caveira, significando que essa entidade trabalhou ou trabalha na Alta Magia.

PONTO DO CABOCLO DAS SETE ENCRUZILHADAS — A caridade interpretada pelo coração (Ponto esotérico de Oxum) cortado pela flecha de Oxoce. Ponto de reconhecimento dessa entidade, que trabalha nas 7 linhas da Umbanda.

PONTO DE SANTA BÁRBARA — Ponto de chamada das entidades que trabalham na linha de Inhançã (Santa Bárbara). Duas lanças cruzadas, tendo na abertura do ângulo, a espiral que simboliza as forças vivas da Natureza, dirigidas pela Estrela Guia.

PONTO DOS GAULESES OU ROMANOS — Ponto de chamada das entidades que trabalham na Linha do Oriente — 7ª Legião, sob a direção de Marcus I. A espada flamejante de São Miguel, atravessando duas lanças cruzadas (povo de Congo), e dirigidas pela estrêla do Oriente, sob a proteção do Reino de Obatalá.

PONTO DOS CABOCLOS DO SOL E DA LUA (na irradiação de Xangô) — Ponto cruzado, onde essas duas entidades pedem proteção ao "Orixá" Xangô, para trabalhar na Alta Magia. A Espada de Ogum cruzada com a flecha de Oxoce, significa a união das duas falanges, dirigidas pelas fôrças da Natureza, representadas pela estrela do Oriente e o quarto crescente lunar (Xangô), irradiando os fenômenos atmosféricos (chuva).

PONTO DO CABOCLO DAS SETE ESTRELAS — As linhas de Umbanda representadas pelas 7 estrelas, dirigidas pela estrela do Oriente (povos hindus) com a proteção de Oxoce (flecha dirigida para o Reino de Obatalá).

PONTO DO CABOCLO ARRANCA-TOCO — Ponto místico de chamada dessa entidade, onde se vê a sua afinidade com a linha de Oxum, representada pelo coração. As três flechas cruzadas em direções opostas, significam o trabalho em várias linhas da Umbanda sob a direção de Oxoce (deus da caça).

PONTO DAS CABOCLAS — Duas flechas cruzadas sobre um arco, com a significação do domínio de Oxoce, sobre a falange das caboclas que trabalham na linha de Iemanjá.

PONTO DO CABOCLO JAGUARÉ — Ponto místico de chamada dessa entidade (caboclo da linha do Oriente) representado por duas estrelas (astros dominantes), e a flecha dirigda pela espiral cabalística.

PONTO DO CABOCLO ARAÚNA — O símbolo esotérico representado por um S deitado, cortado pela flecha de Oxoce, significa que essa falange pertence à falange de Oxoce, e trabalha na Alta Magia.

PONTO DA FALANGE DOS GUARANIS — Ponto de chamada da falange de caboclos que trabalham na 4ª linha da Umbanda (Oxoce), sendo o seu ponto representado pelo arco e a flecha característicos desse "Orixá".

PONTO DO CABOCLO DAS 7 ENCRUZILHADAS

Chegou, chegou,
Chegou com Deus.
Chegou, chegou,
O Caboclo das 7 Encruzilhadas.

PONTO CANTADO DO CABOCLO ARRANCA-TOCO

Na minha aldeia;
Eu sou caboclo;
Sou Rompe-Mato
E Arranca-Toco.
Na minha aldeia;
Lá na Jurema,
Não se faz nada
Sem a Lei Suprema.

PONTO CANTADO DAS CABOCLAS

Jesus prometeu salvar
Quem a Santa Cruz beijar
Quem beija a cruz são seus filhos;
Quem salta cruz é judeu!

PONTO CANTADO DO CABOCLO JAGUARÉ

Nas horas de Deus baixou
Na Aruanda, aruê...
Nas horas de Deus baixou
Na Aruanda, aruê...
No terreiro de Umbanda chegou
O Caboclo Jaguaré!
No terreiro de Umbanda chegou
A falange de Jaguaré!

PONTO DA FALANGE DOS CABOCLOS GUARANYS

Eu sou caboclo guerreiro,
Da tribo dos Guaranis,
Quando chego nesse terreiro,
A paz deve sempre existir.
A falange dos Guaranis,
É a falange da paz;
Quando baixa nesta Tenda,
Amor e caridade traz.

Figura 9

Na figura 9, os 12 pontos riscados têm as seguintes características:

PONTO DE OGUM BEIRA-MAR — Ponto de chamada dos caboclos que trabalham sob a proteção e direção de Ogum Beira-Mar. Está representado por uma espada e uma lança, cruzadas; a bandeira de Ogum Guerreiro (símbolo das cruzadas), e o escudo das hostes de Diocleciano.

PONTO DE OGUM ROMPE-MATO — Ponto místico de chamada dos caboclos que trabalham na falange de Ogum-Rompe-Mato, onde se apresentam as forças conjugadas das entidades do povo da mata (caboclos). Dois machados cruzados com duas flechas também cruzadas e dirigidas por duas estrelas, significam as forças vivas da Natureza, representadas também pelas quatro folhas dipostas em sentido horizontal e vertical.

PONTO DE OGUM-NARUÊ — Entidades caboclas, que trabalham na falange de Ogum-Naruê. Duas espadas de Ogum, cruzadas, e dirigidas pela flecha de Oxoce dirigida pela Estrela Guia. O traço que separa o centro da figura, indica a união entre as falanges: Ogum e Oxoce.

PONTO DE SÃO JORGE — Ponto místico de Ogum (Orixá da Guerra). Duas espadas cruzadas, tendo a direção de uma lança dirgida para a Estrela Guia, que por sua vez é dominada pelo Astro-Rei (O Sol).

PONTO DE OGUM-MEGÊ — Caboclos que trabalham na falange de Ogum-Megê. Duas espadas de Ogum, cruzadas, e dirigidas pela linha que separa o mundo material do mundo espiritual. Tem a proteção da Estrela Guia, e obedece ao comando do povo de Oxalá (cruz).

PONTO DE XANGÔ (Caboclo) — Ponto misto, onde a entidade Xangô dirige os trabalhos dos caboclos das matas. Está representado por 4 flechas cruzadas, dirigidas por dois astros (estrelas). O machado dirigido para Obatalá, significa o domínio de Xangô, na realização dos trabalhos.

PONTO DE POVO CONGO — Ponto usual de apresentação desse povo. A estrela da manhã (estrela branca), representa o símbolo do povo Congo, e está dirigida por cinco (5) cruzes, que indicam cabalisticamente cinco regiões pertencentes à 7ª linha da Umbanda (Linha africana).

PONTO DE GERERÊ, REI DE GANGA — Ponto místico cruzado, onde se destaca o símbolo de Exu (tridente). A espada curva, representa o símbolo do povo de Gererê (Povo de Ganga). A Estrela Guia dirige os trabalhos de Exu.

PONTO DE CAMBINDA DE GUINÉ — Ponto de Pretos Cambindas, cruzado com o povo de Exu.

PONTO DE EXU NA IRRADIAÇÃO DE XANGÔ — O tridente de Exu dirigido para Obatalá significa que o trabalho é dirigido por Xangô (flecha separando o reino de Obatalá do Reino de Ogum — ou seja: o plano espiritual separado do plano material).

PONTO DE JOÃO DA RONDA — Ponto místico de chamada dessa entidade. Uma espada de Ogum, significando que essa entidade pertence à falange desse "Orixá", e está dirigida pela Estrela da Manhã (irradiada), significando que esse preto velho pertence à falange do povo de Congo.

PONTO DE CAMBINDA DE GUINÉ — Pretos Velhos Cambindas, trabalhando com a falange de Exu. Apresenta-se com o seguinte significado: Duas curvas dirigidas para a Estrela Guia (trabalho para o bem), e, tridente de Exu dirigido para o Reino de Obatalá (pedido de proteção).

PONTO CANTADO DE OGUM BEIRA-MAR

Beira-Mar... auê beira mar,
Beira-Mar... quem está de ronda
É militá!
Ogum já jurou bandeira
Na porta de Humaitá;
Ogum já venceu demanda
Vamos todos Saravá.

PONTO DE OGUM ROMPE-MATO

Eu vi parar o dia;
Eu vi estrela brilhar,
Eu vi seu Rompe-Mato!...
Ogum das Matas,
Quem morar à beira-mar.

PONTO DO POVO DO CONGO (*Linha do Mar*)

Os quindim, os quindim, os quindim,
Oh! Monjongo,
Olha lá no má.
A minha terra é muito longe,
Oh! Monjongo, ninguém pode ir lá.
A minha terra é muito longe,
Oh! Monjongo.
Ninguém pode ir lá.
Ai, ninguém pode ir lá,
Oh! Monjongo
Apanha Monjongo no má.

PONTO CANTADO DE CAMBINDA DE GUINÉ

O Cambinda de Guiné,
Teu pai é Ganga!
O Cambinda de Guiné,
Teu pai é Ganga.

PONTO DE EXU NA IRRADIAÇÃO DE OGUM

Olha Ogum tá de ronda,
Migué tá chamando.
Eu não sei onde é, é, é, (bis)
Eu não sei onde é, é, é, (bis)

Figura 10

Na figura 10, doze (12) pontos riscados se nos apresentam, com as seguintes características:

PONTO DE EXU NA IRRADIAÇÃO DE OGUM — É um ponto cruzado, onde as entidades da falange de Ogum trabalham de acordo com o Povo de Exu. O tridente de Exu (magia negra), domina pela espada flamejante de OGUM.

PONTO DE OGUM NA IRRADIAÇÃO DE XANGÔ — É também outro ponto cruzado, onde os "Orixás" Ogum e Xangô se irmanam num mesmo trabalho, dirigidos pela Estrela Guia. Vêem-se neste ponto, os

seguintes símbolos: O escudo de Ogum irradiado pelos astros (12 estrelas), cruzado por duas espadas (Ogum e Xangô).

PONTO DE OXUM — O pentágono de Salomão cruzado pelo símbolo de Ogum (coração) dirigido pela flecha de Oxoce. Este ponto significa que as entidades espirituais que trabalham na linha de Mamãe Oxum (N. S. da Conceição) Legião das Sereias, pertencente à Linha de Iemanjá, trabalham ou pedem a confirmação dos Orixás: Oxoce, Oxalá, e realizam trabalhos de Alta Magia.

PONTO DE EXU TRANCA-RUAS — Ponto traçado da entidade Tranca-Ruas num trabalho executado para o bem, vendo-se representado o tridente mágico, dividido pelo bastão esotérico da Alta Magia.

PONTO DE EXU REI DAS 7 ENCRUZILHADAS — Ponto místico de chamada dessa entidade. A cruz de Oxalá, dirigindo os sete caminhos (Sete cruzes) separado pelo tridente mágico, que divide o Reino de Obatalá do Reino de Ogum. Este ponto significa que o trabalho ou trabalhos executados, visaram a prática do bem.

PONTO DE EXU-REI — Ponto místico de chamada dessa entidade. Significa que Exu-Rei tem os poderes de trabalhar para o bem ou para o mal, e em todas as direções. Os tridentes formando uma cruz, unidos num ponto central.

PONTO DE ORY DO ORIENTE — Ponto místico da entidade Ory do Oriente (Trabalhador da 7ª linha

de Umbanda, e chefe espiritual da 4.ª legião (Ory do Oriente). A Estrela da Manhã como símbolo mágico, circundada por dois crescentes lunares, representando as forças da Natureza.

PONTO DE INHANÇÃ COM XANGÔ — Ponto cruzado, onde os Orixás: Xangô e Inhançã se irmanam num mesmo trabalho. A Estrela da Manhã, dirigida pelos fenômenos atmosféricos (raios cruzados de Inhançã), encaminhados pelo símbolo dos caboclos de Oxoce (duas flechas cruzadas). A interferência de Xangô é conhecida pelas forças cruzadas dentro da estrela, e dirigidas pelas flechas de Oxoce.

PONTO DE TIMBIRI — Ponto místico de chamada da entidade caboclo Timbiri, trabalhador da falange de Ogum. Dois semicírculos concêntricos, indicam o símbolo mágico dessa entidade, que trabalha irmanado com a falange dos povos hindus. Essa entidade tanto pode se apresentar como caboclo, como também, na roupagem de hindu; sendo entretanto uma só entidade.

PONTO DE JOÃO BATÃO — Preto velho trabalhador da linha africana. A cruz do Senhor do Bonfim dirigida pela Estrela Guia; e, com afinidades espirituais com o Povo do Mar.

PONTO DO CABOCLO ROMPE-MATO — O triângulo mágico de Salomão, dirigido pela flecha de Oxoce, dirigida por sua vez pelo símbolo místico que une duas falanges (Oxalá e Oxum), duas cruzes. Ponto de chamada da entidade caboclo Rompe-Mato que trabalha na Linha de Oxoce. Existem ainda outras entidades com o mesmo nome, porém, que trabalham na linha de Ogum.

PONTO DO CALUNGA DAS MATAS — Exu Calunga, trabalhando na Alta Magia, cruzado com Oxoce e Congo. A estrela simboliza o Oriente e está dominada pelo bastão mágico que representa a Magia.

PONTO CANTADO DE MAMÃE OXUM

Baixai... baixai... Virgem da Conceição.
Maria Imaculada, para tirar a perturbação.,
Se tiveres praga de alguém,
Desde já será retirada.
Levando para o mar ardente...
Para as ondas do mar sagrado!

PONTO DE ORY DO ORIENTE

Ory já vai, já vai para o Oriente
A bênção meu pai,
Proteção p'ra nossa gente.
Ory já vai, já vai para o Oriente
A bênção meu pai,
Proteção p'ra sua gente.

PONTO DE CALUNGA DAS MATAS

Eu tou te chamando, ó Calunga,
P'ra você vir trabalhar.
Quando eu te vejo, ó Calunga,
Vejo também a Sereia do Mar.
Eu tou te chamando, ó Calunga,
P'ra você vir trabalhar.
Quando tu chegas, ó Calunga,
Chega também a Sereia do Mar.

PONTO DO MAIORAL

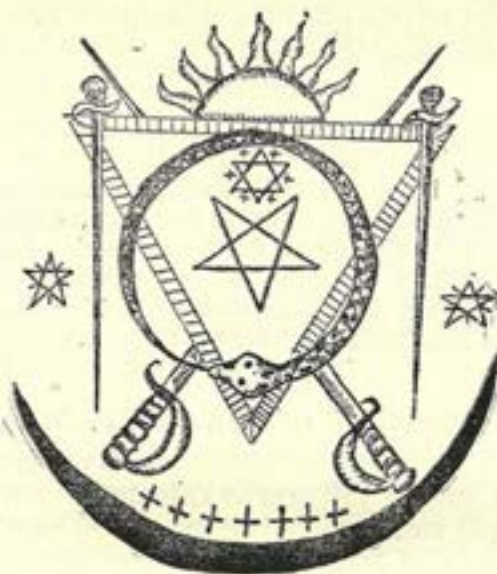



Figura 11

Para terminar este capítulo, passarei a descrever o ponto principal do MAIORAL, conforme se vê na gravura da figura 11, e a seguir, apresentarei apenas as gravuras de alguns pontos riscados de Exus, furtando-me entretanto à explicação dos mesmos, em virtude de não interessar-nos, nesta obra, maiores detalhes sobre as falanges do mal.

PONTO RISCADO DO MAIORAL — A figura 11 mostra-nos o ponto riscado do maioral do Povo de Exu. É um ponto místico de chamada, onde Lúcifer mostra toda a sua supremacia como *"AGENTE MAGICO UNIVERSAL"*. Está representado com as seguin-

Figura 12

tes características: O triângulo mágico de Salomão; tendo na parte superior o Sol tem a significação de: Agente mágico dominador das forças naturais e dos fenômenos da Natureza. A cobra mordendo a cauda, significa o domínio sobre a vida e a morte, pelos dogmas mágicos da medicina astral. O pentágono de Salomão circunscrito à cobra, e tendo na sua parte superior o ponto de São Cipriano (Pentáculos de Ezequiel e de Pitágoras — duplo triângulo de Salomão), representam as ciências ocultas (Alta Magia e Magia Negra). Os dois ponteiros perpendiculares ao crescente lunar que tem sobre si sete cruzes, significam o poder sobre a terra e sobre os homens, dominados pelas forças cósmicas, e de natu-

reza terrena. As duas espadas cruzadas por trás do triângulo de Salomão, significam o poder absoluto, tendo a dirigi-lo a irradiação de Marte e Mercúrio (duas estrelas laterais).

Para melhores esclarecimentos sobre o que seja o Reino do Poder do Mal, dirgdo pelo MAIORAL, será preferível que o leitor procure na obra: "EXU", já editada, tudo quanto desejar conhecer sobre o Povo de Exu.

Figura 13

Na figura 12, estão representados os seguintes pontos de Exus:

1 — Ponto de Exu Tranca-Ruas, cruzado com povo de Ganga.
2 — Ponto de Exu Gira-Mundo.

3 — Ponto de Exu Veludo na Irradiação de Ogum.
4 — Ponto de Exu das 7 Cruzes.
5 — Ponto de Exu-Rei (Ponto místico de chamada).
6 — Outro ponto de Exu-Rei.

Na figura 13, estão representados os seguintes pontos de Exus:

1 — Ponto de Exu, na irradiação de Cabinda de Guiné.
2 — Ponto de Exu das 7 Pedras.
3 — Signo de Segal (Exu Gira-Mundo — Signo cabalístico).
4 — Ponto de Exu da Capa Preta.
5 — Ponto de Exu das 7 Poeiras.
6 — Ponto de Exu das 7 Cachoeiras.

Figura 14

Na figura 14, vêem-se os seguintes pontos riscados de Exus:

1 — Ponto de Arranca-Toco.
2 — Ponto de Exu Mangueira.
3 — Ponto de Exu dos Ventos.
4 — Ponto de Omulu (Exu dos cemitérios).
5 — Ponto de Exu Caveira.
6 — Ponto de Exu Maré.

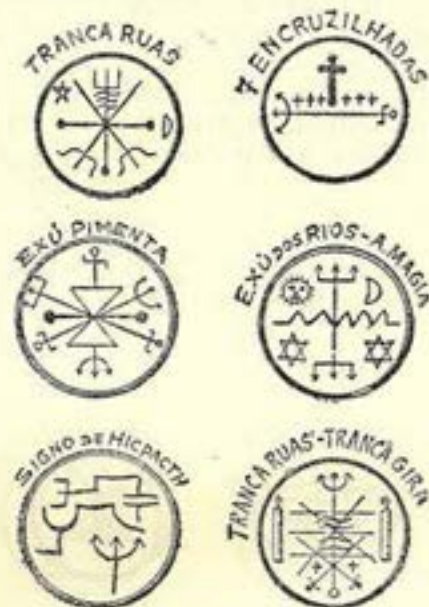



Figura 15

Na figura 15, vêem-se os seguintes pontos riscados:

1 — Ponto de Exu Tranca-Ruas em trabalhos de Alta Magia.
2 — Ponto de Exu das 7 Encruzilhadas.
3 — Ponto de Exu Pimenta.

4 — Ponto de Exu dos Rios — Alta Magia.
5 — Signo de Hicpacth (Exu das Matas).
6 — Ponto de Tranca-Ruas, na irradiação de Tranca-Gira.

Figura 16

Na figura 16, vemos:

1 — Ponto de Exu Quirombô.
2 — Exó de Exu (Salva da entidade Exu).
3 — Ponto de Exu Tranca-Ruas (ponto místico de chamada).
4 — Ponto de Exu Pemba.
5 — Ponto de Exu Marabô.
6 — Ponto de Exu das 7 Sombras.

Figura 17

Na figura 17, vemos:

1 — Ponto de Exu da Pedra Negra.
2 — Ponto de Exu das 7 Portas.
3 — Ponto de Exu Malê.
4 — Ponto de Exu Morcego.
5 — Ponto de Exu Kaminaloá.
6 — Ponto de Exu na irradiação de Xangô.

Figura 18

Na figura 18, seis pontos de Exus, estão assim representados:

1 — Ponto místico de Exu Marabá.
2 — Ponto de Exu Pagão.
3 — Ponto de Exu Carangola.
4 — Ponto místico de Exu Tiriri.
5 — Ponto de Exu Tranca-Tudo.
6 — Ponto de Exu dos Rios (Ponto místico de Alta Magia).

Figura 19

Na figura 19, vêem-se os seguintes pontos:

1 — Ponto místico de Exu dos Cemitérios.
2 — Ponto de Exu Tronqueira (Magia).
3 — Ponto místico de Exu Pomba-Gira (Mulher de 7 Exus).
4 — Ponto de Exu Tranca-Tudo (Ponto de chamada).
5 — Ponto místico de Exu-Ganga.
6 — Ponto de Exu Brasa.

Figura 20

Na figura 20, seis pontos de Exus estão assim representados:

1 — Ponto de Tranca-Ruas na irradiação da Linha do Mar.
2 — Ponto de Exu Tranca-Ruas em trabalhos de Magia Negra.
3 — Ponto de Exu Veludo, na irradiação de Urubatão.
4 — Ponto de Tranca-Ruas, na irradiação de Ogum.
5 — Ponto de Exu das Matas (Linha do Oriente — Alta Magia).
6 — Ponto de Exu Tatá-Caveira.

Figura 21

Finalmente, na figura 21, vemos representados 6 pontos de Exus, assim discriminados:

1 — Ponto de Exu na irradiação de Ogum.
2 — Ponto de Tranca-Ruas, na irradiação de Omulu.
3 — Ponto de Exu Mirim.
4 — Ponto de Exu na irradiação de Cabinda de Guiné.
5 — Ponto místico de chamada do Exu das 7 Montanhas.
6 — Ponto místico de Exu Quebra-Galho.

CAPITULO XIX

PEMBAS, PONTEIROS, CURIADORES, AMALAS, ETC.

Eis um ponto de máxima importância, na concepção que se faz, ao analisarmos todos os rituais que se praticam na Umbanda. É o caso do emprego da "PEMBA", dos "PONTEIROS", dos "CURIADORES", dos "AMALAS", dos EBÓS DE EXU" etc.

Não se pode conceber uma Umbanda cem por cento, sem o emprego da Alta Magia. Sou de opinião que em quaisquer trabalhos que se realizam nos terreiros onde se pratica o verdadeiro espiritismo, se faça uso de Pembas, Ponteiros etc. por se tratar de Magia, na verdadeira acepção da palavra. Todos os trabalhos devem ser encarados por um ponto de vista onde não entra a vontade humana, e sim, o poder criador das entidades espirituais.

A sociedade, querendo combater certos processos utilizados nos trabalhos de Umbanda, está indo de encontro a um princípio ativo, onde as forças sobrenaturais se encontram, e de onde parte toda a razão de ser das irradiações espirituais.

Que condenemos a matança de animais, tão comum nas práticas do Candomblé, é muito justo; pois, nesse ponto, a nossa compreensão já está bastante adiantada, e mesmo os próprios Guias Espirituais já não o permitem, pelo fato de ir de encontro a uma Lei da Umbanda que

diz: *"Respeitando os seres da criação, estaremos respeitando as próprias Leis Divinas."*

Há quem afirme entretanto, não haver nenhuma necessidade, das Entidades Espirituais utilizarem-se de pembas, ponteiros etc. nas suas práticas, considerando que um espírito de luz, possui força suficiente para curar ou demandar espiritualmente. Acontece, no entanto, que não seria possível a um médico da terra curar um paciente sem ministrar-lhe os remédios tão necessários ao seu organismo. Por outro lado não se concebe que no caso de uma infecção grave dentro do organismo humano, se obtivessem ótimos resultados, sem a intervenção do *"bisturi"*. Creio eu, que nesses casos uma simples conversa, ou mesmo utilizando-se os processos de *"auto-sugestão"* não seria possível obter-se uma cura radical.

Assim sendo, considero muito justo o emprego dessas práticas nos rituais de Umbanda, por diversos motivos, entre os quais o fato de considerar-se uma condição essencialmente simbólica e de grande influência, no que diz respeito às evocações e obtenção de bens materiais e espirituais.

Só quem não conhece uma Umbanda praticada na sua legítima finalidade, é que pode duvidar das minhas afirmativas. Por esta razão, vou tentar descrever os porquês do emprego de alguns objetos e outras utilidades que fazem parte dos rituais da Umbanda, na certeza de que, tudo quanto se fizer em prol de servir à humanidade, se estará cumprindo uma ordem divina; e, por essa razão, se estará servindo a Deus.

PEMBA

É uma spécie de giz, fabricado de minerais, que teve a sua origem nos montes Calmons, na África, e que é empregada através dos séculos em quase todos os trabalhos que se praticam na Umbanda. O seu uso é imprescindível, em virtude de que, não se pode conceber um "PONTO RISCADO" sem a pemba; e, o ponto riscado, é a representação simbólica das entidades espirituais que se manifestam nos terreiros de Umbanda, onde bem demonstram a força espiritual que possuem. É através dos pontos riscados que as entidades se auxiliam mutuamente, tal como nos valemos de um papel e pena, para representarmos nesse sobjetos os nossos sentimentos, as nossas dores, os nossos pedidos, e finalmente tudo quanto gira em torno deste PLANO MATERIAL. Riscar um ponto com a pemba é o mesmo que condenar ou absolver um elemento humano, castigando-o ou premiando-o de conformidade com o seu CARMA. É lavrar uma sentença de morte, ou processar uma cura radical, onde todos os diagnósticos se confundem na ignorância de um resultado satisfatório.

Várias são as cores de pembas utilizadas nos cultos e práticas da Umbanda, sendo que, na maioria, a Pemba *Branca* é a mais utilizada.

Quanto às pembas: rosa, verde, azul, vermelha, amarela etc. o seu uso varia com a finalidade do trabalho a ser executado, e de acordo com a falange da entidade que o processa.

Não se deve em hipótese alguma fazer uso da pemba preta em trabalhos para o bem, em virtude de que essa pemba somente é utilizada nas diversas práticas da *Magia Negra*, cujo fim se destina unicamente para o mal.

A arte mágica do emprego da "PEMBA" data de muitos séculos, e o seu uso na Umbanda atual representa o mesmo sentido e possui a mesma força mágica, quando nos trabalhos cabalísticos, os MAGOS desejavam evocar as forças sobrenaturais, utilizando-se dos mesmos processos, na criação dos seus signos e caracteres cabalísticos.

PONTEIROS

São punhais utilizados nos diversos rituais utilizados nas diversas práticas Umbandistas, e que trazem um alto significado. Pelo poder que tem o *"aço"* em captar as forças vivas da Natureza, inclusive os fenômenos atmosféricos, onde entre a questão da eletricidade, o ponteiro representa a atração das forças espirituais, tal como um *"ímã"*, que se utiliza como fonte criadora de energia elétrica.

O ponteiro atirado sobre um ponto riscado, simboliza a firmeza de uma irradiação espiritual, onde são encarados vários pontos de vista:

O apoio e a união das forças espirituais;

A vibração dos elementos que concorrem para o êxito dos trabalhos;

A magia que se opera na evocação das entidades espirituais;

A boa ou má aceitação que possam ter as entidades máximas que recebem as vibrações do plano material, em perfeita harmonia com os planos espriituais;

A repercussão futura que ocasionará na existência dos seres humanos, após a terminação dos trabalhos etc etc.

Tal como a baqueta dos antigos Magos da Kaballah, à semelhança também do cajado de Moisés, é o ponteiro um símbolo místico de grande influência, exercendo nos trabalhos espirituais um princípio ativo e passivo, que liga, por meio de altas vibrações, o mundo espiritual ao mundo material.

CURIADORES

São as bebidas que se oferecem às entidades espirituais que baixam nos terreiros. Essas bebidas variam de acordo com a exigência de cada entidade, e têm também a sua significação esotérica. Da mesma forma que Cristo, ao reunir os discípulos por ocasião da ceia, irmanou-se com eles, bebendo vinho, em confraternização de amizade; da mesma maneira praticam as entidades espirituais o uso desse costume que se tornou tradicional entre as civilizações. Assim, acreditam todos os que praticam a Umbanda, e mesmo aqueles que cultuam outras religiões, que o ato de beber, quando é feito no sentido de reunir as pessoas amigas em um mesmo círculo com a finalidade de festejar um acontecimento qualquer, traz-nos alegrias e momentos de felicidade. Do mesmo modo, as entidades espirituais, atraídas pelo seu "curiador" predileto, (dado como oferenda), trazem-nos boas irradiações espirituais, ao mesmo tempo procurando satisfazer os nossos desejos e vontades.

O fato de um espírito não precisar absolutamente de bebida ou comida, não implica no ponto de vista de um ritual antigo, e que ainda hoje é largamente cultuado. Nesse caso, quando os católicos fazem suas promessas aos Santos, prometendo-lhes*"braços de cera"*, *"velas"*, etc., isto não quer dizer que os Santos estejam precisando desses objetos. A finalidade dessas oferendas é unicamente uma crença no "LEI DA OFERTA E DA PROCURA", lei essa da qual a humanidade jamais se poderá afastar. *Dar para receber* é uma das condições espirituais, e essencial ao elemento humano, cuja origem é DIVINA, e reside no íntimo de cada um.

AMALÁS

Da mesma forma que o "Curiador", o "AMALÁ" é o que se denomina na Umbanda de *"Comida de Santo"*, e representa um ritual todo especial, para o qual os Umbandistas deveriam dispensar um especial carinho. Onde melhor se presta atenção a tudo quanto diz respeito ao Amalá, é no culto do Candoblé, onde essa ques-

tão é encarada de uma maneira bastante perfeita, pelo fato de conhecerem os seus praticantes muito mais a respeito de arte culinária própria das entidades, Pretos Velhos Africanos, do que propriamente os seguidores da Umbanda. Entretanto, nem todos os que praticam verdadeiramente a Umbanda, prestam a devida atenção à questão do Amalá. É preciso que conheçamos perfeitamente todas essas questões do ritual Umbandista para termos a certeza de não incorrermos no lamentável erro de julgar ser uma cousa sem importância, esses caprichos próprios das entidades espirituais. Principalmente nos despachos que se fazem, onde está enquadrado o "EBÓ DE EXU" (comida de Exu), necessário se torna que se façam devidamente esses Ebós, a fim de podermos conseguir aquilo que desejamos, quando os evocamos numa prática qualquer.

Os amalás que se dão no culto do Candoblé, são preparados por uma cozinheira especializada, que com os nomes de "Iabá" ou "Abacê", termo oriundo do Povo Gêge, se encarregam de prepará-los convenientemente. A condição para o preparo do "Amalá", requer uma série de preceitos, os quais, quando as Iabás não estiverem em condições, não os podem absolutamente preparar.

Os "Amalás" são em geral oferecidos aos "Orixás", e em determinadas condições, estabelecendo-se ainda certos preceitos que devem ser levados em consideração. Não se atira um "Amalá" em qualquer lugar, como também não se oferece a uma entidade um amalá que não condiga com o seu gosto ou especialidade.

Esses amalás, depois de preparados convenientemente, são depositados num *"alá"* (local armado para tal fim), e depois, servido ao Orixá, precedido de um ritual todo especial. É imprescindível dar-se o amalá seguido do ponto riscado da entidade para a qual é feito esse oferecimento. Assim, de acordo com os preceitos conhecidos, dá-se a Xangô, *Rabada de Boi cozida* com caruru,

tendo essa comida verdadeiro nome de Amalá de Xangô.

Pluralizando-se entretanto o termo "AMALÁ", considerou-se toda comida de santo com esse nome, quando no entanto, os termos empregados para essas comidas, variam de acordo com os alimentos a serem ofertados aos Orixás. Assim por exemplo: Para Exu, dá-se o "EBÓ DE EXU" que é uma mistura de azeite de dendê, velas, charutos, marafo, carnes, etc., de acordo com o pedido desses elementos das trevas. Para Oxalá, dá-se o "munguzá", mais conhecido no Rio de Janeiro com o nome de *"Canjica"*. Para *Ogum*, dá-se o *"amolocô;* para Inhançã, o *"acarajé";* para Omulu, a *"pipoca"*, e assim por diante, considerando-se sempre a predileção do Orixá pelo seu respectivo amalá.

Ao fazer-se o "Amalá", costuma-se freqüentemente festejar esse acontecimento, e, escolhe-se na maioria das vezes a data festiva do "Orixá" a ser dado esse oferecimento, na certeza de merecer-se grandes honrarias e proteção, por parte dessas entidades.

A questão do local onde deve ser feito o "amalá", também tem a sua preferência; e, necessário se torna conhecer-se perfeitamente a vontade do Orixá em receber essa oferenda, para que a finalidade que desejamos alcançar venha corroborar justamente com a época e o local onde vamos prestar essa homenagem.

Tal como se rende homenagem a uma grande personalidade de Estado, assim também se homenageia um "ORIXÁ DA UMBANDA", dando-lhe o seu banquete predileto. Essa é a finalidade do "AMALÁ".

Capítulo XX

SARAVÁ UMBANDA

Eis-nos chegados finalmente ao término deste trabalho. Querer colaborar com todo aquele que de fato se interessa por uma Umbanda sem preconceitos e sem a maldade que deturpa os sentimentos humanos, foi o que me levou a trilhar por essa senda tumultuada, que é propagar uma doutrina; e, muito especialmente, quando essa doutrina sofre todos os ataques possíveis e imagináveis, de outras seitas, que a encaram como uma religião de falsos princípios, de falsos credos; e, sobretudo, visando como dada à prática de "feitiçarias", e oriunda de negros africanos incultos, segundo querem afirmar certos elementos que a desconhecem por completo.

Não quero absolutamente repetir o que já foi amplamente comentado no capítulo II deste livro, no que diz respeito à verdadeira origem da Umbanda; o que desejo é que fique bem patente o meu modo de entender e cultuar essa Umbanda tão sublime em seus princípios, como o são todas as obras da Natureza, criadas pela bondade do Pai Onipotente.

Desejo cada vez mais elevar o conceito desta religião, pugnando para que os homens cultos, e conhecedores perfeitos do que sejam Leis Divinas, possam, aliando-se aos meus propósitos, fazer valer as forças que encerram todas as Leis da Natureza, o bálsamo confor-

tante e criador da perfeita condição que liga o homem espiritual ao homem material, na certeza de estar praticando a verdadeira caridade, sentindo dentro do peito o próprio Deus.

Todo homem deve buscar dentro de uma religião as energias que lhe trazem a fé em si mesmo, para que possa alcançar todos os bens materiais e espirituais de que tanto precisa em seus empreendimentos. De nada adiantará aquele que não possui uma energia própria, e uma convicção firme naquilo que anseia conseguir, quando não está acobertado por uma força superior e indômita, que lhe mostra o verdadeiro caminho a seguir. Este é o caso da Umbanda.

O homem considera-se forte, até o momento em que julga que os seus atos e as suas vontades possam ser resolvidos sem interferências estranhas. No entanto, quando baqueia, essa razão de ser deixa de existir, e sua vida torna-se um manancial de desgostos e de sofrimento. Não cabe somente aos fracos, erguerem-se e pugnarem por uma condição melhor. Os fortes também devem encarar todas as circunstâncias da sua vida material por um prisma, onde a sobrevivência do espírito está acima do que eles julgam e entendem como possuidores de um livre arbítrio, que os conduz fatalmente ao apogeu e à glória.

A humanidade inteira tem que passar por grandes dificuldades, árduas lutas e inúmeros sofrimentos. Entretanto, se encararmos a questão do sofrimento material, tendo em vista que a razão desse sofrimento é uma condição própria de cada indivíduo, não teremos absolutamente nenhum receio de enfrentar a nossa condição cármica, quando temos a certeza de estarmos protegidos e salvaguardados.

Busquemos pois, uma melhor condição para a nossa vida; procuremos dentro de nós mesmos um sentimento que dormita, e que precisa ser acordado em momento oportuno. Esse sentimento é a força própria do

homem, ou melhor: é a fonte criadora da vontade, é o poder da mente; em suma, é a vibração espiritual que dentro de nós mesmos, aguarda a ordem suprema da evolução universal.

A ciência busca a verdade, procurando provar, por meio de fórmulas matemáticas, aquilo que existe de real e verdadeiro, dentro de uma concepção imaginada.

A Umbanda mostra como dogma a força espiritual do homem, que procura adivinhar por meio de sortilégios, aquilo que ele sabe que existe; porém, que só poderá ter a certeza, quando ultrapassar os limites da sua existência material.

Corpo e espírito, irmanados numa mesma condição perante a obra criadora da Natureza, hão de forçosamente chegar ao climax das concepções filosóficas da grande síntese, onde a imagem de Deus se mostrará, através dos séculos, na plenitude de sua forma. Quando lá chegarmos, não precisaremos mais do invólucro carnal, para podermos completar a trajetória indefinida que, pela *Lei da Reencarnação* somos obrigados a voltar ao orbe terráqueo, em cumprimento às Leis Cármicas. Aí, o homem, perfeito conhecedor das Leis e condições impostas pelo excelso Condotieri de Almas, se reintegrará no seio da mansidão celeste, e jamais a corrupção e a indignidade o farão retrogradar.

Cultuemos uma Umbanda pura, uma Umbanda sublime; e, teremos a visão perfeita do horizonte que se estenderá à nossa frente, sem os pesadelos e as torpezas que cumulam o homem terreno, agrilhoando-o ao mais inconsciente de todos os males: a *ignorância de Deus*.

Peçamos, às entidades da Umbanda, as luzes para os nossos espíritos, e a força redentora e amiga que nos acoberta de todos os malefícios materiais e espirituais. Façamos uma prece em louvor do chefe supremo do Reino de Obatalá, para que nos encaminhe e nos

mostre, através da senda luminosa do mundo espiritual, o verdadeiro caminho da fé e da compreensão.

Salvemos todos os "ORIXÁS", e todas as falanges de trabalhadores do bem.

SARAVÁ UMBANDA!...

ÍNDICE

1.º Volume

PARTE TEÓRICA

Composto e impresso na
GRÁFICA EDITORA AURORA, LTDA.
20211 Rua Frei Caneca, 19 — ZC 14 —
Telefone: 222-0654 — Caixa Postal 7.041
— ZC 58 — Rio de Janeiro — RJ.

OBRAS QUE RECOMENDAMOS